



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Jerlan Manaia de Araújo

**Educação Financeira: concepções de estudantes de um pré-
vestibular social em Duque de Caxias**

Duque de Caxias

2020

Jerlan Manaia de Araújo

**Educação Financeira: concepções de estudantes de um pré-vestibular social
em Duque de Caxias**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Escola e seus Sujeitos Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Gabriela dos Santos Barbosa

Duque de Caxias

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

A663 Araújo, Jerlan Manaia de
Tese Educação Financeira: concepções de estudantes de um pré-vestibular social em Duque de Caxias / Jerlan Manaia de Araújo - 2020.
136 f.

Orientadora: Gabriela dos Santos Barbosa

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Educação financeira - Teses. 2. Matemática – Estudo e ensino - Teses. I. Barbosa, Gabriela dos Santos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 336(07)

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7 / 5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Jerlan Manaia de Araújo

**Educação Financeira: concepções de estudantes de um pré-vestibular social
em Duque de Caxias**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Escola e seus Sujeitos Sociais.

Aprovada em 02 de Março de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Gabriela dos Santos Barbosa (Orientadora)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.^a Dra. Gabriela Felix Brião
Colégio de Aplicação - UERJ

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior
Universidade Federal de Juiz de Fora

Duque de Caxias

2020

DEDICATÓRIA

A Deus, em quem encontro refúgio e forças para seguir em frente;
Aos meus pais, Jailma e Moisés, por todo amor e apoio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar meu caminho e me dar forças para seguir sempre em frente.

Aos meus pais, Moisés Araujo e Jailma Araujo, e aos meus irmãos, Joelson Araujo e Josias Araujo, pelo apoio, incentivo e amor que sempre me deram.

A minha querida orientadora, Prof.^a Dra. Gabriela Barbosa, a quem sempre serei grato por todo apoio, amizade, dedicação e incentivo para produzir conhecimento na área de Educação Matemática, tornando possível a realização desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ, por terem contribuído com bases sólidas para a minha formação enquanto professor/pesquisador.

À Prof.^a Dra. Gabriela Brião e ao Prof. Dr. Marco Kistemann Jr., pela honra que me deram ao terem aceitado fazerem parte da banca examinadora, e por suas valiosas contribuições que muito agregaram para a realização desta pesquisa.

Aos meus amigos do Grupo de Estudo e Pesquisa em Aprendizagem e Educação Matemática, em especial à Elohá Gomes, à Fernanda Santos e à Viviane Paula, pela parceria e amizade.

Aos professores, aos coordenadores e aos estudantes do Pré-Vestibular Social da Pastoral da Juventude, em Duque de Caxias, que viabilizaram a realização dessa pesquisa.

RESUMO

ARAÚJO, Jerlan. *Educação Financeira: concepções de estudantes de um pré-vestibular social em Duque de Caxias*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

A presente dissertação teve por objetivo investigar as concepções de estudantes de periferias, que estudam num pré-vestibular social, em relação à Educação Financeira. Na pesquisa, propusemo-nos a responder a seguinte questão: **Que conhecimentos e significados são produzidos por um grupo de estudantes de Duque de Caxias ao se discutir Educação Financeira?** Para tanto, foi realizado um estudo envolvendo 15 estudantes de um pré-vestibular social em Duque de Caxias, que é uma cidade periférica do estado do Rio de Janeiro. Construímos nossa fundamentação teórica assentada sobre os temas de Educação Financeira crítica, consumo na sociedade líquido-moderna e Pedagogia Decolonial. O método constou de um estudo dividido em três etapas, utilizando a técnica de pesquisa-ação. A primeira referiu-se a aplicação de um questionário com a intenção de levantar o perfil socioeconômico dos estudantes e suas concepções iniciais sobre Educação Financeira. A segunda voltou-se para a fase de intervenção, que foi dividida em cinco encontros, versando sobre os temas consumo, organização do orçamento doméstico, o poder dos juros compostos, ética em Educação Financeira e empreendedorismo. E, por fim, a terceira corresponde à aplicação de um questionário final, com algumas questões semelhantes ao do questionário inicial. Os resultados do questionário inicial mostram que as concepções dos estudantes investigados é de uma Educação Financeira que se reduz a investimentos, a organização do orçamento financeiro e aos conteúdos relacionados a Matemática Financeira. Após a intervenção de ensino, pudemos observar através do questionário final que houve uma ampliação dos conceitos relacionados à Educação Financeira, desfazendo algumas ideias equivocadas e passando a ter um posicionamento mais crítico. A importância dessa pesquisa reside em ouvir as vozes dos sujeitos da periferia, suas percepções, suas tomadas de decisão e como estes operam na atual sociedade de consumo, apontando caminhos que possam criar condições para a construção de uma Educação Financeira crítica em sala de aula, que atendam às necessidades vivenciadas por esses sujeitos.

Palavras-chave: Educação Financeira. Pré-Vestibular Social. Consumo. Pedagogia Decolonial. Educação Matemática.

ABSTRACT

ARAÚJO, Jerlan. *Financial Education: Conceptions of students from a social pre-university entrance exam in Duque de Caxias*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

The purpose of this dissertation is to investigate the conceptions of students from peripheries, who study in a social pre-university entrance exam, in relation to Financial Education. In the research, we set out to answer the following question: **What knowledge and meanings are produced by a group of students from Duque de Caxias when discussing Financial Education?** To this end, a study was carried out involving 15 students from a pre-university entrance exam in Duque de Caxias, which is a peripheral city in the state of Rio de Janeiro. We built our theoretical foundation based on the themes of critical Financial Education, consumption in modern liquid society and decolonial pedagogy. The method consisted of a study divided into three stages, using the action research technique. The first referred to the application of a questionnaire with the intention of raising the students' socioeconomic profile and their initial conceptions about Financial Education. The second turned to the intervention phase, which was divided into five meetings, dealing with the topics of consumption, organization of the domestic budget, the power of compound interest, ethics in Financial Education and entrepreneurship. And, finally, the third corresponds to the application of a final questionnaire, with some questions similar to the initial questionnaire. The results of the initial questionnaire show that the conceptions of the investigated students are of a Financial Education that is reduced to investments, the organization of the financial budget and the contents related to Financial Mathematics. After the teaching intervention, we could observe through the final questionnaire that there was an expansion of the concepts related to Financial Education, undoing some mistaken ideas and starting to have a more critical position. The importance of this research lies in listening to the voices of subjects from the periphery, their perceptions, their decision making and how they operate in today's consumer society, pointing out ways that can create conditions for the construction of a critical Financial Education in the classroom, that meet the needs experienced by these subjects.

Keywords: Financial education. Pre-university entrance exam. Consumption.

Decolonial pedagogy. Mathematical Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Questionário para uma investigação no curso de Matemática.....	23
Quadro 2	Questionário com alunos da escola de Niterói.....	28
Quadro 3	Respostas dos estudantes.....	29
Quadro 4	Perguntas do questionário inicial.....	58
Quadro 5	Ficha de registro da atividade sobre o orçamento doméstico	61
Quadro 6	Atividade sobre corrupção.....	64
Quadro 7	Atividade sobre empreendedorismo.....	65
Quadro 8	perguntas do questionário final.....	66
Quadro 9	Número de pessoas que vivem na mesma casa.....	69
Quadro 10	Quantidade de pessoas que moram na mesma casa e trabalham.....	70
Quadro 11	O que é Educação Financeira para você?.....	72
Quadro 12	Evolução do montante de uma dívida e de um investimento..	85
Quadro 13	Questão 2 do questionário final.....	94
Quadro 14	Questão 3 do Questionário final.....	95
Quadro 15	Questão 4 do questionário final.....	96
Quadro 16	Questão 5 do questionário final.....	97
Quadro 17	Questão 7 do questionário final.....	98
Quadro 18	Questão 8 do Questionário final.....	99
Quadro 19	Questão 9 do questionário final.....	100

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Tipos de contextos Financeiros.....	34
Figura 2	Ciclo de investigação e ação.....	52
Figura 3	Juros simples x juros compostos.....	63
Figura 4	Taxas de juros do cartão de crédito e do cheque especial.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e turismo
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
GPAEM	Grupo de Estudo e Pesquisa em Aprendizagem e Educação Matemática
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PEIC	Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	REVISÃO DE LITERATURA	22
1.1	Pesquisas que apontam para a necessidade de se inserir a Educação Financeira na formação de professores ou nas escolas	22
1.2	Pesquisas que trazem direcionamentos para o desenvolvimento de uma Educação Financeira escolar	27
1.3	Síntese do capítulo	37
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	38
2.1	A sociedade Líquido-moderna de consumidores	38
2.2	Educação Financeira	42
2.3	Pedagogia Decolonial	47
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	50
3.1	Caracterização da metodologia	51
3.2	O pré-vestibular social	53
3.3	Os sujeitos da pesquisa	55
3.4	Os instrumentos de pesquisa	57
3.4.1	<u>Questionário inicial</u>	57
3.4.2	<u>A intervenção de ensino</u>	59
3.4.2.1	O consumo na sociedade líquido-moderna.....	59
3.4.2.2	Orçamento doméstico.....	60
3.4.2.3	O poder dos juros compostos.....	62
3.4.2.4	Ética em Educação Financeira.....	64
3.4.2.5	Empreendedorismo.....	65
3.4.3	<u>Questionário final</u>	66
4	ANÁLISE	68
4.1	Questionário inicial	68
4.1.1	<u>Levantamento do perfil socioeconômico</u>	68
4.1.2	<u>Concepções sobre Educação Financeira</u>	71
4.2	A intervenção de ensino	75

4.2.1	<u>Teia da economia</u>	75
4.2.2	<u>Orçamento doméstico</u>	80
4.2.3	<u>O Poder dos juros compostos</u>	82
4.2.4	<u>Ética em Educação Financeira</u>	87
4.2.5	<u>Empreendedorismo</u>	91
4.3	Questionário final	93
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	110
	APÊNDICES	115

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo investigar as concepções de estudantes de periferias de um pré-vestibular social em relação à Educação Financeira. Mais especificamente, pretendemos discutir como os estudantes de periferia compreendem a Educação Financeira e analisar, sob uma perspectiva crítica, se e como eles individualizam a responsabilidade sobre as dificuldades financeiras.

Para alcançar este objetivo, realizamos uma intervenção de ensino junto aos estudantes de um pré-vestibular social, na cidade de Duque de Caxias, na qual aplicamos um questionário inicial para investigar o perfil socioeconômico dos estudantes e compreender as concepções deles em relação à Educação Financeira. Em outra etapa, realizamos algumas discussões junto aos estudantes, que nos permitiram refletir sobre diversos temas relacionados à Educação Financeira, trazendo não apenas uma discussão do ponto de vista matemático, mas principalmente ético, político e social. Por fim, aplicamos um questionário final, com a intenção de comparar com as respostas que foram obtidas no início da pesquisa e avaliar os avanços obtidos a partir da intervenção.

Esperamos, a partir do desenvolvimento desta pesquisa, contribuir para as propostas de Educação Financeira escolar e com a formação de professores, apontando caminhos que possibilitem uma Educação Financeira crítica, que atenda às necessidades dos estudantes das periferias.

Trajetória do pesquisador

Para entender os motivos que nos levaram a realização dessa pesquisa, é importante entender a trajetória de vida e o percurso do pesquisador. Nasci na cidade do Rio de Janeiro, mas sempre residi em Duque de Caxias, que é uma cidade periférica, localizada na Baixada Fluminense. Sou filho de militar (praça da marinha) e dona de casa, que não concluíram o Ensino Fundamental, mas que não pouparam esforços para criar os filhos (eu e meus dois irmãos) e educá-los. Apesar de eu ser carioca, tenho ascendência nordestina, com toda a família materna residente no interior do Estado da Bahia.

Em relação à trajetória escolar, iniciei minha escolarização numa escola privada próximo de minha residência, onde cursei até o 5º ano do Ensino Fundamental. Por dificuldades financeiras, no 6º ano fui transferido para uma escola pública municipal de Duque de Caxias. Por ter um bom desempenho na escola, ao cursar o 9º ano fui indicado pelos professores para cursar um preparatório para escolas federais, que estava sendo oferecido de forma gratuita em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias.

Esse curso preparatório me possibilitou ingressar numa escola federal para cursar o Ensino Médio, o Colégio Pedro II. O período de transição de uma escola municipal para uma federal foi difícil, mas com estudo e dedicação, rapidamente consegui me nivelar aos demais colegas de turma. Foi no Colégio Pedro II que tive a primeira oportunidade de ter aulas de música, desenho, dança, ir ao teatro, conhecer o centro histórico do Rio de Janeiro e até mesmo de conviver com colegas de diferentes classes sociais.

Ao concluir o Ensino Médio, ingressei no curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), que é um campus periférico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizado em Duque de Caxias. Escolhi fazer o curso motivado pelo bom desempenho em Matemática ao longo do Ensino Médio, além da proximidade do campus com minha residência, que me permitiria trabalhar enquanto cursava a graduação. Após entrar no curso, as disciplinas de prática de ensino (que na FEBF estão presentes do início ao fim do curso) despertaram o meu interesse, ao ver possibilidades alternativas ao ensino de Matemática, que se contrapõem à metodologia tradicional de ensino.

Durante o curso de graduação, realizei estágios supervisionados na rede pública de ensino (tanto na estadual, quanto na municipal), o que me permitiu ter o meu primeiro contato com a realidade que me esperava, não mais na perspectiva de um aluno, mas de um professor, apesar de ainda não estar formado. Nesse espaço, pude constatar que haviam muitos desafios a serem enfrentados ao longo da minha carreira docente e que por isso precisaria estar em constante formação, para que pudesse refletir sobre como fazer um trabalho diferenciado e contribuir, de alguma forma, para o avanço da educação no país.

Ainda na graduação, tive a oportunidade de fazer parte do Grupo de Estudo e Pesquisa em Aprendizagem e Educação Matemática (GEPaEM), coordenado pela Prof.^a Dra. Gabriela dos Santos Barbosa. Minha participação se deu como bolsista

de iniciação à docência, onde desenvolvi atividades voltadas para a construção do campo multiplicativo e pude acompanhar um grupo de mestrandos em suas etapas de pesquisa. No grupo pude me aprofundar nas discussões sobre o ensino e aprendizagem da Matemática.

Nesse momento foi possível perceber o importante papel das pesquisas em educação, que trazem contribuições não apenas individuais para nossas inquietações e indagações, mas principalmente coletivas, ao apresentar resultados que possibilitam refletir sobre um determinado problema social e apontam caminhos para que se possa solucioná-lo.

Concluída a graduação em Matemática, pude perceber que um dos temas que sempre me despertou interesse, a Educação Financeira, não foi discutido ao longo do curso, dentro de nenhuma disciplina obrigatória da grade curricular.

Durante a vida aprendi a economizar e poupar com a minha mãe, que sempre foi minha referência em finanças. Mesmo sendo criado em uma família com poucos recursos financeiros, pude perceber que ela conseguia fazer muito com o pouco recurso disponível, enquanto outras pessoas com renda mais elevada viviam endividadas.

Ao longo da graduação, realizei alguns cursos sobre investimentos, fui à diversas palestras que abordavam sobre temas relacionados à Matemática Financeira ou Educação Financeira, assisti vídeos pelo YouTube de alguns canais como o *Me Poupe* da Nathalia Arcuri e *O Primo Rico* do Thiago Nigro. Apesar de ter aprendido muito por esses meios, percebi que muitos desses materiais, em certos momentos, não atendiam aos interesses dos mais pobres, pois o foco parece estar apenas no dinheiro, mostrando que com esforço, controle e dedicação individual é possível alcançar fartos rendimentos. No entanto, este discurso vai de encontro à realidade das classes sociais menos favorecidas, que, em muitos casos, não conseguem satisfazer as necessidades básicas, mesmo com muito trabalho e esforço.

Ao procurar mais sobre o assunto, descobri que existem diferenças entre a Matemática Financeira e a Educação Financeira, que a princípio me pareciam se referir a mesma coisa. A Educação Financeira despertou o meu interesse, por ir ao encontro dos meus questionamentos. Além disso, enquanto professor, precisarei educar financeiramente meus alunos, portanto é necessário uma formação que possa sustentar minhas práticas em sala de aula.

Buscando trazer contribuições para essa temática e aperfeiçoar minha prática profissional, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Educação, Escola e seus Sujeitos Sociais, dentro do projeto Construção de Conceitos Matemáticos pertencentes ao Campo Numérico, coordenado Prof.^a Dra. Gabriela os Santos Barbosa.

A trajetória da pesquisa e a justificativa

No início desta pesquisa, tínhamos a proposta de fazer uma investigação na formação inicial dos professores que ensinam Matemática, pois assim como D'Ambrosio e Lopes (2015), acreditamos que é necessário desenvolver no professor práticas empoderadoras, que promovam a produção de conhecimento conjunta entre alunos e professores, além de encorajá-lo a tratar das demandas sociais durante as aulas.

De acordo com Bauman (2008) vivemos numa sociedade capitalista, na qual o consumo é o motor desse sistema. A sociedade de consumo tem a importante tarefa de despertar desejos e impulsos de consumo, para isso associa o ato de consumir à sensação de prazer. Por isso que a todo momento são criados novos produtos e numa velocidade muito rápida eles vão se tornando ultrapassados. Para se manter nessa sociedade, muitos indivíduos consomem sem refletir sobre suas ações e nas consequências que esse consumo demasiado pode gerar para eles e até mesmo para o meio ambiente.

Segundo dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor¹ (PEIC), apurados pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o percentual de famílias brasileiras com contas ou dívidas em atraso no mês de fevereiro de 2019 foi de 61,5%.

Diante desse cenário, que aponta a urgente necessidade de se educar os indivíduos financeiramente, surgiram diversas propostas e iniciativas de Educação Financeira pelo Brasil. Britto e Kistemann Jr. (2014) ressaltam que muitas dessas

¹ Esses dados são atualizados mensalmente e divulgados no site da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo em <http://cnc.org.br>.

propostas são financiadas por instituições financeiras, que estão interessadas em alavancar seus lucros, além de vender produtos e serviços financeiros para os indivíduos.

De acordo com Almeida (2015), há um movimento contrário, partindo de professores e pesquisadores de Educação, que propõem uma Educação Financeira escolar. Parte dessas pesquisas apontam para a complexidade das questões pelas quais a Educação Financeira perpassa, sendo necessário trazer essa reflexão para a sala de aula. E outras apontam para a necessidade de inserir discussões de Educação Financeira na formação inicial e continuada dos professores, em especial os que ensinam Matemática.

Assim, no início dessa pesquisa realizamos um projeto-piloto, que teve como objetivo analisar as crenças e concepções dos estudantes que cursam licenciatura em Matemática na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, em Duque de Caxias.

Para isso, realizamos uma intervenção de ensino durante as aulas da disciplina de Matemática Financeira, na qual aplicamos inicialmente um questionário, que nos permitiu entender o que pensam os professores em formação inicial sobre o tema Educação Financeira. Os resultados foram publicados num dossiê temático de Educação Financeira da revista *Tangram*, que apresentaremos mais adiante na revisão de literatura. Optamos por inserir o projeto-piloto apenas na revisão de literatura, pois ele nos forneceu subsídio para a realização dessa dissertação, mas foi uma pesquisa à parte, envolvendo outros sujeitos.

Após a aplicação do questionário, promovemos nas aulas de Matemática Financeira debates sobre diversos temas, entre eles: consumo, equivalência de capitais, juros, análise de contextos financeiros, inflação e poder de compra, simulação dos custos para se manter um carro etc.

O projeto-piloto foi importante pois nos permitiu entender as concepções dos estudantes de licenciatura em Matemática sobre a Educação Financeira, além de nos apontar caminhos para a realização deste trabalho. A partir do projeto-piloto, vimos a necessidade de realizar uma intervenção junto aos estudantes da Educação Básica, com o propósito de investigar suas concepções sobre o mesmo tema, pois entendemos que devemos primeiro conhecer a realidade vivenciadas pelos estudantes da Educação Básica, para depois se discutir na formação de professores.

Assim, realizamos uma pesquisa semelhante ao do projeto-piloto, porém com estudantes de um pré-vestibular social na cidade de Duque de Caxias, que estão cursando concomitante 3º ano do Ensino Médio em escola pública ou já concluíram a Educação Básica. Estes constituem os sujeitos de investigação deste trabalho. A análise nos permitiu estabelecer os pontos de encontro e os distanciamentos nas discussões que emergiram com os estudantes de Matemática e com os estudantes do pré-vestibular social.

Segundo D'Ambrosio e Lopes (2015), é necessário que o professor seja ousado para promover em suas práticas uma aprendizagem que permita os estudantes atribuírem significados ao conhecimento matemático. O professor não deve limitar suas ações apenas aos objetivos pré-determinados (seja pela escola, currículo, legislação etc.), mas ter sensibilidade para perceber o contexto em que seus alunos estão inseridos e utilizar com responsabilidade os saberes produzidos pelos alunos.

Entendemos que a Educação Financeira é um mote para ações de insubordinação criativa nas aulas de matemática, pois esta não se trata apenas de um objeto matemático. Segundo Santos e Pessoa (2016):

[...]Educação Financeira não se restringe à compreensão acerca de finanças pessoais ou ao hábito de poupar para comprar algo no futuro, indo muito além em suas discussões, com temáticas tais como querer x precisar, ética, consumismo, entre outros. (SANTOS; PESSOA, 2016,p.5).

Assim, é necessário que o professor tenha compreensão sobre a dimensão e complexidade sobre as discussões que a Educação Financeira perpassa. A insubordinação criativa, segundo D' Ambrosio e Lopes (2015), tem a proposta de desenvolver no professor autonomia e coragem para promover em sala de aula ações reflexivas, comprometidas com a formação crítica, a democracia, a justiça social, a ética e a solidariedade. Dessa forma, a insubordinação criativa aparece em ações que surgem de motivações éticas que vão de encontro às ideias e norma vigentes.

Os estudos de D' Ambrosio e Lopes (2015) sugerem a reflexão sobre a prática como uma ação importante que todo profissional e pesquisador deve tomar, para que possa ter uma visão crítica que permita solucionar os problemas e reinventar suas práticas, através de ações subversivas, com criatividade e responsabilidade.

Reconhecemos a importância da insubordinação criativa para que se possa promover no espaço escolar práticas decoloniais, que possibilitem romper com toda forma de imposição cultural, que não levam em consideração os saberes dos grupos minoritário, que foram historicamente explorados e reprimidos.(WALSH, 2007).

Nesse contexto, iremos focalizar, em especial, na questão do consumo, que é um instrumento da sociedade capitalista que permite explorar, reprimir, excluir, e impor, sem a utilização da força física e com o consentimento do indivíduo, mas sem que este tenha conhecimento do “jogo” do mercado, conforme é apontado por Bauman (2008).

Pretendemos com este trabalho realizar uma investigação que possibilite valorizar os saberes e práticas culturais existentes nos espaços de periferia, para que a partir de então possamos pensar e refletir juntamente com os estudantes sobre diversos temas relacionados à Educação Financeira, a fim de torná-los cidadãos críticos e capazes de produzir significado frente as situações financeiras do cotidiano.

Objetivo e questão diretriz

O objetivo deste trabalho é investigar as concepções sobre Educação Financeira dos estudantes de um pré-vestibular, para isso faremos uma intervenção de ensino.

Nesse estudo, os indivíduos pesquisados são estudantes do Pré-Vestibular Social para Negros e Carentes da Pastoral da Juventude, localizado em Duque de Caxias.

Subjacente ao objetivo geral, estabelecemos dois objetivos específicos que nortearam nossas ações. Com eles, desejamos identificar:

- i) Se e como os estudantes individualizam a responsabilidade sobre as dificuldades financeiras;
- ii) De que forma os estudantes fazem (ou podem fazer) uso da Educação Financeira em diversos contextos.

Importante destacar que os instrumentos de pesquisa e a intervenção realizada junto aos estudantes tiveram como base os objetivos acima. A metodologia

será detalhada num capítulo a parte, no qual descreveremos os procedimentos metodológicos empregados.

Os objetivos foram elaborados com o propósito de responder a seguinte questão geral de pesquisa:

Que conhecimentos e significados são produzidos por um grupo de estudantes de Duque de Caxias ao se discutir Educação Financeira?

A partir dela, emergiram questões específicas, que se articulam, nos dando direcionamento para que possamos responder a questão geral da pesquisa:

- i) Como promover uma Educação Financeira numa perspectiva decolonial, crítica e emancipatória?
- ii) As discussões que emergem sobre Educação Financeira no pré-vestibular social favorecem a construção de uma Educação Financeira que atenda as necessidades dos indivíduos de periferias?

Esperamos que os dados obtidos através desta pesquisa possibilitem responder essas questões, a fim de contribuir para o ensino de Educação Financeira, apontando caminhos para uma formação de professores que atenda a demanda dos estudantes de periferias.

A seguir, para fins de organização, descrevemos os capítulos que serão percorridos nesta pesquisa.

Descrição dos capítulos da dissertação

No primeiro capítulo, apresentamos um panorama geral, a fim de situar o leitor, deixando clara as nossas intenções. Assim, apresentamos as questões norteadoras, os objetivos que pretendemos alcançar, a justificativa e o que nos motivou a realizar esta pesquisa. Neste momento também apresentamos um pouco da minha trajetória acadêmica, pois a pesquisa qualitativa que não se desloca do pesquisador, mas se constrói a partir de suas escolhas.

No capítulo II, apresentamos uma revisão de literatura, a fim de mostrar a relação desta pesquisa com outros estudos já realizados, que contribuem com este trabalho, tendo a Educação Financeira como tema central. Para isso, fizemos um

mapeamento de teses e dissertações de universidades brasileiras, além de artigos publicados em revistas científicas e anais de congressos na área de Educação. Selecionamos algumas dessas pesquisas encontradas e as apresentamos brevemente.

No capítulo III, apresentamos o quadro teórico que irá subsidiar nosso trabalho, centrado em três eixos: Consumo, Educação Financeira e Pedagogia Decolonial. Para o primeiro eixo, discutimos o Consumo na sociedade líquido-moderna, no qual fundamentados em Bauman (2008), buscamos trazer uma discussão sobre o tema, mostrando as facetas ocultas da sociedade de consumo e os impactos causados na sociedade. Em seguida, analisamos algumas concepções sobre Educação Financeira, tendo Kistemann Jr. (2011) como a principal base teórica desse tema, que discute a importância de se desenvolver uma matemática crítica em sala de aula, que possibilite formar indivíduos capazes de refletir e produzir significado para as situações-problema que são confrontados cotidianamente. Por fim, como optamos trabalhar a Educação Financeira com um viés social, nos apropriamos das ideias de Walsh (2007), que discutem a importância de práticas decoloniais, a fim de reconhecer os saberes de culturas subalternas, como forma de resistência a todas as formas de colonialidade, que são impostas e naturalizadas pela sociedade.

No Capítulo IV, descrevemos detalhadamente a metodologia da pesquisa, apresentando o contexto, os sujeitos envolvidos, os procedimentos metodológicos empregados e a descrição dos instrumentos utilizados para a coleta de dados.

No capítulo V, apresentamos os dados encontrados e analisamos à luz dos pressupostos teóricos desta pesquisa.

No capítulo VI, buscamos responder a cada uma das questões propostas no início, apresentando assim as nossas considerações finais, que visam contribuir para o ensino de Educação Financeira.

Por fim, apresentamos as referências que foram úteis e contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo apresentamos a revisão de literatura, com pesquisas que abordam o tema Educação Financeira. Segundo Alves (1991), esta é uma etapa importante, pois nos permite dialogar com os trabalhos de outros pesquisadores.

Para esta revisão de literatura, realizamos uma ampla busca em diversos bancos de teses e dissertações de universidades, em trabalhos publicados em anais de eventos e em periódicos científicos, todos dentro da área de Educação Matemática, a fim de encontrar pesquisas relacionadas ao que investigamos neste trabalho. Utilizamos como palavras-chaves para nossa busca os termos “Educação Financeira”, “Matemática Financeira” e “consumo”.

Percebemos que as pesquisas que trazem como temática a Educação Financeira no contexto escolar são mais recentes, havendo assim um novo movimento de pesquisas nessa área que cresceu nos últimos dez anos.

Ao todo, serão analisados 6 artigos, 2 dissertações e 1 tese, que de algum modo se aproximam do nosso estudo, ainda que indiretamente. A revisão de literatura nos permitirá averiguar se o tema proposto nesta dissertação é relevante ou não e se teremos contribuições a oferecer para essa área de pesquisa.

Para facilitar a análise, optamos por dividir o material pesquisado em dois temas, a saber: (i) pesquisas que apontam para a necessidade de se inserir a Educação Financeira na formação de professores ou nas escolas e (ii) pesquisas que trazem direcionamentos para o desenvolvimento de uma Educação Financeira escolar.

1.1 Pesquisas que apontam para a necessidade de se inserir a Educação Financeira na formação de professores ou nas escolas

a) No artigo intitulado “**Educação Financeira: crenças de estudantes de um curso de licenciatura em Matemática**”, de Jerlan Araújo, Gabriela Barbosa e Jéssica Luna, publicado em 2018 no periódico Tangran – Revista de Educação Financeira, os autores tiveram como objetivo analisar as crenças e concepções sobre Educação Financeira de estudantes do curso de Matemática.

Para isso, Araújo, Barbosa e Luna (2018) realizaram um estudo de caso com nove estudantes do quarto período do curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, em Duque de Caxias. Para a coleta de dados, eles utilizaram um questionário composto por 5 questões, conforme o quadro 1, que foi aplicado na primeira aula da disciplina de Matemática Financeira:

Quadro 1–Questionário para uma investigação no curso de Matemática

1. O que você entende por Educação Financeira?
2. Como a Matemática pode contribuir para o ensino da Matemática Financeira?
3. Como você aprendeu o modo de pensar a cerca do uso do dinheiro?
4. Acha importante o ensino de Educação Financeira nas escolas? Justifique sua resposta.
5. Cite alguns conceitos de Educação Financeira que podem ser discutidos na Educação Básica.

Fonte: ARAÚJO; BARBOSA; LUNA, 2018, p. 140.

Os autores ressaltam a necessidade de conhecer o que os professores concebem sobre o tema, para que se possa posteriormente propor uma formação impactante, que os conduza a inserir uma Educação Financeira crítica em suas práticas. Nesse artigo, Araújo, Barbosa e Luna analisaram apenas as questões 1, 4 e 5, a partir da discussão de Kistemann Jr. (2011) sobre Educação Financeira crítica e de Bauman (2008) sobre o consumo na sociedade líquido moderna.

Para a primeira questão, foi possível perceber que os alunos ainda possuem uma visão muito limitada sobre o que é Educação Financeira, pois 8 dos 9 participantes associaram Educação Financeira apenas a aspectos matemáticos e administrativos. Destes 8 estudantes, 3 entendem que a Educação Financeira deve instruir para práticas que possibilitem o acúmulo de bens. No entanto, no caminho oposto, houve um estudante que demonstrou preocupação com o consumo e o meio ambiente, que tratam-se de questões importantes citadas por Bauman (2008).

Na quarta questão, foi unânime que a disciplina deve estar presente no currículo da Educação Básica, o que vai ao encontro do que vem sendo proposto na Base Nacional Comum Curricular e por diversos pesquisadores, que apontam para a necessidade da Educação Financeira ser discutida nas escolas. Para essa questão, as justificativas revelam a crença numa Educação Financeira para o consumo, ao invés de uma reflexão sobre o consumo e sua função. Foi levantada ainda, por um

estudante a importância do potencial multiplicador que a Educação Financeira escolar possui, trazendo não apenas benefícios individuais para os alunos, mas também transformando a realidade das famílias. Outra justificativa foi em relação ao endividamento dos jovens, que por falta de instrução, se tornam vítimas do fácil acesso ao crédito e dos altos juros praticados pelas instituições financeiras.

Por fim, na quinta questão, foi solicitado que os estudantes citassem conceitos de Educação Financeira para se discutir na Educação Básica. Em todas as respostas foram citados nitidamente conceitos da Matemática Financeira. Mas em meio aos conteúdos citados, surgiu a importância do planejamento financeiro.

Araújo, Barbosa e Luna (2018) concluem que a Educação Financeira e a Matemática Financeira ainda se constituem como sinônimos entre os estudantes de Matemática, portanto é necessário que os professores de Matemática passem por uma formação que sustente suas práticas de ensino críticas, que levem seus estudantes a se questionarem e refletirem sobre os princípios que vigoram numa sociedade de incentivo ao consumo e sejam instrumentalizados para que possam educar financeiramente seus alunos da Educação Básica.

b) A dissertação de Rodrigo Martins de Almeida, intitulada “**O Movimento das Pesquisas em Educação Matemática Financeira Escolar de 1999 a 2015**”, defendida em 2015 pela Universidade Federal de Juiz de Fora, teve como objetivo identificar, evidenciar, compreender e categorizar as pesquisas que foram desenvolvidas de 1999 a 2015, sobre Educação Financeira Escolar.

A pesquisa é de cunho qualitativo, na qual o pesquisador mapeou a produção acadêmica sobre o tema em: Teses, Dissertações, Artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso em Educação Matemática, produzidos e defendidos em programas de Pós-Graduação no referido período. Após o levantamento das produções, foram produzidas fichas de leituras para cada uma delas, evidenciando a questão de investigação, os objetivos, o referencial teórico, os procedimentos metodológicos, a análise de dados, os resultados encontrados, o nível de ensino e o endereço eletrônico.

A partir do levantamento, foi possível encontrar 3 teses, 35 dissertações, 2 trabalhos de conclusão de curso e 15 artigos, totalizando 55 trabalhos em 20 programas de pós-graduação. A pesquisa permitiu categorizar os trabalhos em três eixos, sendo o eixo 1 referente a pesquisas que abordam a Educação Financeira em sala, ressaltando os aspectos da Educação Financeira na formação de professores.

O eixo 2 se refere a pesquisas que analisam os modos de pensar sobre Educação Financeira de professores e alunos. Enquanto o eixo 3 se refere à pesquisa que tem a presença da Educação Financeira nas práticas de ensinar e aprender matemática.

Com relação às pesquisas do eixo 1, a análise aponta para a reformulação dos currículos dos cursos de licenciatura em Matemática, ressaltando a necessidade de reflexão sobre o uso da Educação Financeira durante a formação docente. As pesquisas do eixo 2 apontam indícios que contribuem para a elaboração de cursos e propostas de formação de professores. Enquanto as pesquisas do eixo 3 revelam que o ensino de Matemática transita por questões complexas, que necessitam de reflexão.

c) No artigo intitulado “**Sobre um processo de legitimação da Educação Financeira: Desdobramentos de uma pesquisa documental**”, de Britto e Kistemann Jr., publicado nos anais do IV EEMAT em 2014, os autores tiveram por objetivo analisar as diferentes propostas de Educação Financeira do Brasil, da Espanha e de Portugal, além de alguns livros de autoajuda financeira, buscando identificar os interesses ideológicos contidos nessas propostas.

Britto e Kistemann Jr. (2014) verificaram que a Educação Financeira, nas diversas propostas, é tida como elemento facilitador do acesso aos serviços bancários para todos os indivíduos, além de potencializar o consumo de produtos financeiros variados e mais complexos. As intenções das propostas são facilmente compreendidas quando observamos que os autores desses documentos, em sua maioria, são representantes de instituições financeiras, que estão interessados em alavancar seus lucros e transformar os indivíduos em consumidores de seus serviços. No caso do Brasil, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), tem os objetivos de:

[...] promover e fomentar a cultura de educação financeira no país, ampliar a compreensão do cidadão, para que seja capaz de fazer escolhas consciente quanto à administração de seus recursos, e contribuir para eficiência e solidez dos mercados financeiros, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização. (BRASIL, 2011, p.2).

Isso justifica o surgimento de diversos cursos de finanças pessoais que vêm sendo oferecidos pelas instituições financeiras, de forma gratuita. São cursos que buscam instruir seus clientes a adquirirem um plano de previdência, um título de

capitalização, um seguro de vida e tantos outros, além de popularizar o acesso aos serviços financeiros, que ainda são pouco conhecidos pela sociedade em geral.

Nessa direção, há diversas iniciativas em Educação Financeira que estão em desenvolvimento nas escolas brasileiras, mas de forma que os professores e educadores são quase sempre multiplicadores das propostas que foram previamente estruturadas pelas grandes instituições bancárias.

Ao se referir as propostas de Educação Financeira, Britto (2012) opõe estratégia a táticas, sugerindo um confronto entre as estratégias nacionais de Educação Financeira (estratégias) e a prática social da educação nos ambientes escolares (táticas). As estratégias estariam relacionadas a posições de poder, que pretendem controlar o espaço de uma dada prática social. Enquanto as táticas estão relacionadas à posição do mais fraco, que, a partir da reflexão, pode se utilizar de mecanismos de resistência para alcançar uma Educação Financeira diferente da imposta culturalmente.

Desta forma, a pesquisa de Britto (2012) nos permite ter um novo olhar para as estratégias no ensino de Educação Financeira, sinalizando a importância da escola na formação crítica de seus alunos, que também precisam ser educados financeiramente.

d) O trabalho intitulado “**Educação Financeira no currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro: Desafios em tempo de turbulências**” de Rodrigues et al. (2016), publicado nos Anais do XII Encontro Nacional de Educação Matemática em 2016, tem por objetivo ressaltar a importância da abordagem da Educação Financeira na Educação Básica. Para isso, realizou uma pesquisa com indivíduos de 13 a 22 anos, matriculados em escolas públicas e privadas no Estado do Rio de Janeiro.

Rodrigues et al. (2016) ressaltam a importância de se discutir Educação Financeira desde a Educação Básica, de forma que conduza a reflexão. Para os autores, a Educação Financeira não resume apenas a economia e investimentos, ao afirmarem que:

A Educação Financeira não se resume apenas em economizar e “poupar” seu dinheiro, já que educar financeiramente uma pessoa é fazer com que esse indivíduo saiba controlar e manejar seu dinheiro de maneira financeiramente correta em qualquer hora que for utilizá-lo. Assim, a finalidade de educar financeiramente resulta em como as pessoas podem reagir, ou até mesmo evitar/prevenir, situações de crise econômica, tal como

essa que estamos vivenciando nos dias de hoje.(RODRIGUES et al., 2016, p. 3).

Assim, a Educação financeira está relacionada também a maneira como os indivíduos utilizam o dinheiro de forma eficiente e racional, para evitar problemas financeiros no futuro, que possam comprometer as finanças e gerar dívidas.

Dentro dessas perspectivas, Rodrigues et al. (2016) realizaram uma pesquisa com caráter quantitativo, que busca ressaltar a importância da Educação Financeira na Educação Básica. Fizeram parte da pesquisa 127 jovens de 13 a 22 anos, estudantes do Ensino Médio em escolas públicas e privadas, que responderam a um questionário.

Os entrevistados relataram não possuir práticas preocupadas com a economia familiar, mas apesar disso, 52% gostariam de obter aulas sobre Educação Financeira. Apenas 39% consomem por necessidade e 63% não realizam nenhum planejamento ao fazer uma compra. 82% admitem desconhecer o uso de planilhas para controle do orçamento financeiro.

Rodrigues et al. (2016) conclui que é urgente a inserção da Educação Financeira em sala de aula, devendo esta fazer parte do currículo mínimo da Educação Básica, para que crianças e jovens se tornem adultos menos consumistas e que saibam utilizar o dinheiro de forma consciente, e assim possam estar mais preparados para períodos de incertezas, como crises financeiras e desemprego, por exemplo.

1.2 Pesquisas que trazem direcionamentos para o desenvolvimento de uma Educação Financeira escolar

a) No artigo intitulado “**Concepções sobre Educação Financeira entre alunos de uma escola pública de Niterói**”, de Jerlan Araújo, Gabriela Barbosa e Fernanda Santos, publicado em 2019 nos anais do XIII Encontro Nacional de Educação Matemática, os autores buscam investigar as concepções de estudantes de escolas públicas de periferias em relação à Educação Financeira.

Araújo, Barbosa e Santos (2019) discutem que diversos economistas e *coaches* financeiros apresentam a Educação Financeira como o caminho para a construção de um futuro financeiro estável. O endividamento das famílias é justificado apenas pela falta de planejamento financeiro individual, tornando os

indivíduos responsáveis pela sua condição. Os autores defendem que este não é o único motivo, pois há outros problemas que justificam o insucesso financeiro, que não depende apenas de atitudes individuais.

No Brasil, de acordo com Miranda, Lopes e Kistemann Jr. (2018), vivemos um cenário de incertezas, altas taxas de desemprego e com um número considerável de indivíduos que não conseguem gerar recursos mínimos de sobrevivência. Araújo, Barbosa e Santos (2019) destacam que o salário mínimo nacional é insuficiente para garantir as necessidades básicas. Diante dessa vulnerabilidade, os autores defendem que não se pode culpabilizar os indivíduos que não possuem recursos financeiros para investir.

Para identificar as percepções dos estudantes, Araújo, Barbosa e Santos (2019) fizeram um estudo de caso envolvendo 7 estudantes do 1º ano do Ensino Médio, que estudam em uma escola pública localizada próximo de uma favela na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Utilizou-se um questionário para a obtenção dos dados, conforme quadro 2, no qual priorizou-se questões abertas, a fim de ouvir as vozes dos estudantes.

Quadro 2 - Questionário com alunos da escola de Niterói.

1. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você?
2. Entre os moradores da sua casa, quantos exercem algum tipo de atividade remunerada?
3. Somando a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?
 - (A) Nenhuma renda.
 - (B) Até 1 salário mínimo (até R\$998,00)
 - (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$998,00 até R\$2.994,00)
 - (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$2.994,00 até 5.988,00)
 - (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$5.988,00 até 8.982,00)
 - (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$8.982,00 até R\$11.976,00)
 - (G) Acima de 12 salários mínimos (Acima de R\$11.976,00)
4. Quem é o principal responsável pelo provimento financeiro da sua família?
5. Qual a profissão exercida pelo responsável pelo provimento financeiro da sua família?
6. Você já ouviu falar de Educação Financeira? Onde?
7. O que é Educação Financeira para você?
8. Você aprendeu sobre Educação Financeira na escola? Se sim, o quê?
9. A Educação Financeira pode ser aplicada no cotidiano? Como?
10. A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de

famílias endividadas? Como?

11. Quais são as possíveis causas do endividamento familiar?

12. O que você gostaria de aprender em Educação Financeira?

Fonte: ARAÚJO, BARBOSA, SANTOS, 2019, p. 8.

As questões de 1 a 5 são de caráter socioeconômico, que permitiram compreender a realidade dos estudantes, enquanto as demais são questões específicas a fim de identificar as percepções dos estudantes sobre Educação Financeira. Para este artigo os autores analisaram apenas as questões socioeconômicas e as questões 7,9, 10, 11 e 12.

Nas cinco primeiras questões, de caráter sócio econômico, ficou evidente a situação de vulnerabilidade dos estudantes, pois todos declaram possuir renda familiar na faixa de 1 a 3 salários mínimos, para sustentar em média 4 pessoas por família. Segundo Araújo, Barbosa e Santos (2019), esta renda não é suficiente para garantir as necessidades básicas, como moradia, alimentação, educação, saúde, higiene, transporte etc., já que o salário mínimo brasileiro é muito inferior ao necessário, conforme aponta o relatório do DIEESE (2019). Apresentamos no quadro 3 as respostas obtidas:

Quadro 3 - Respostas dos estudantes

Questão	Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E	Aluno F	Aluno G
Questão 1	4	5	3	5	5	3	5
Questão 2	nenhuma	2 pessoas	1 pessoa	1 pessoa	2 pessoas	1	3 pessoas
Questão 3	C	C	C	C	C	C	C
Questão 4	Avó	O meu pai	O meu pai	O meu padrasto	Minha mãe	Meu pai	Minha mãe
Questão 5	Aposentada	Motorista de ônibus	Pedreiro, pintor entre outros	Contador	Acessorista	Aposentado	Gerente

Fonte: ARAÚJO, BARBOSA E SANTOS, 2019, p. 9

Os dados também nos revelam que na maioria das famílias há apenas um provedor, que exerce algum tipo de atividade remunerada e é responsável pelo sustento da família. Nessas famílias, se o provedor ficar impossibilitado de trabalhar ou desempregado, não há garantias de sustento.

Nas respostas para as perguntas números 7 e 9, foi frequente o uso de expressões como *usa o dinheiro*, *investir* e *investimento*. Os autores atribuem essas respostas à naturalização do consumo, que é descrita por Bauman (2008), o que os

levam a associar Educação Financeira à educação para o consumo. Imersos nessa cultura capitalista, os estudantes demonstram o interesse em possuir um poder de consumo maior. Ou seja, desejam se inserir a sociedade de consumo, sem sequer questioná-la.

Araújo, Barbosa e Santos (2019) defendem, baseados nos estudos de Bauman (2008) e Kistemann Jr. (2011), que o consumo é um mecanismo que preconiza as desigualdades sociais, já que se trata de uma mola propulsora do capitalismo. Assim, é necessário uma Educação Financeira que leve os estudantes a levantar questões sobre o consumo, numa perspectiva crítica, levando-os a refletir sobre o consumo desnecessário e os impactos gerados por essa cultura do consumo.

Em relação às questões 10 e 11, a maioria dos indivíduos mencionaram que a possível causa do endividamento familiar é a falta de instrução sobre investimentos ou administração do orçamento doméstico. Isso demonstra que esses sujeitos se culpam pelas dificuldades financeiras; no entanto, na classe social a que pertencem, o endividamento é quase inevitável, pois as rendas de suas famílias não são suficientes para cobrir as necessidades básicas.

Araújo, Barbosa e Santos (2019) sugerem que o ensino de Educação Financeira deve se aproximar da Educação Matemática, pois há um grande desejo dos estudantes em aprender a investir e administrar o dinheiro, o que demanda o conhecimento de diversos conceitos matemáticos, especialmente da Matemática Financeira. Porém, ancorados nas ideias de Bauman (2008) e Kistemann Jr. (2011), é necessário também uma formação que possibilite os estudantes se questionarem sobre o sistema capitalista de produção e distribuição de bens. Neste sentido, a Educação Financeira passa a ser uma possibilidade para um trabalho interdisciplinar, pois está associada com a Matemática e as ciências humanas.

Para Araújo, Barbosa e Santos (2019), as causas de endividamento dos indivíduos de baixa renda não são as mesmas que perpassam o endividamento das famílias com rendas mais elevadas. Assim, os autores levantam os seguintes questionamentos:

Como saber usar o dinheiro de que não se dispõe? Como organizar um orçamento com uma renda que não cobre necessidades básicas? Como não se endividar frente à possibilidade de morar na rua ou frente à necessidade de alimentos e remédios para um filho? E como liquidar dívidas, se ninguém lhe dá crédito graças a sua baixa renda? (ARAÚJO; BARBOSA; SANTOS, 2019, p. 11).

Por esse motivo a Educação Financeira não pode ser entendida como instrução para saber usar o dinheiro, pois este é um discurso que impede que os indivíduos das camadas populares se conscientizem de seu papel.

b)A tese de doutorado de Marco Aurélio Kistemann Júnior, defendida em 2011, pela Universidade Estadual Paulista, a qual se intitula “**Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos-consumidores**”, o autor teve como objetivo identificar como os indivíduos consumidores tomam suas decisões de consumo e que significados produzem quando lidam com objetos financeiros econômicos.

Segundo Kistemann Jr. (2011), a educação embasa-se na transmissão de conteúdos que pouco contribui para a conscientização dos indivíduos quanto ao seu papel e atuação na sociedade. Embora muitos tenham acesso a uma educação escolar ou familiar sobre o funcionamento do sistema financeiro e de como agir em suas práticas de consumo, muitos indivíduos desconhecem o funcionamento de instrumentos financeiros, que estão sendo cada vez mais popularizados, mas com intenções de fomentar ainda mais o consumo.

A fundamentação teórica de Kistemann Jr. (2011) foi na Educação Matemática Crítica de Ole Skovsmose, no Modelo dos Campos Semânticos de Rômulo Lins e de modelos da Sociologia, Psicologia e Economia, que ajudaram a descrever ideias relativas ao capitalismo e a sociedade de consumo.

A pesquisa foi composta por duas etapas, contando com 5 participantes, dentre os quais, dois deles eram especialistas em Matemática, enquanto os demais possuíam apenas formação básica na disciplina. O grupo foi bem diversificado, contando com participantes de diferentes faixas etárias, formação escolar e rendimentos salariais.

Na primeira etapa foi realizado um projeto-piloto, no qual foram feitas entrevistas semiestruturadas que permitiram a construção do perfil de cada indivíduo consumidor. As categorias de consumo analisadas na primeira etapa foram: (i) as propagandas e sua influência, (ii) a racionalidade do indivíduo - consumidor, (iii) a parcela caber no orçamento, (iv) situações onde o preço à vista é igual ao preço a prazo, (v) ganhar mais e gastar mais, (vi) planejar para consumir, (vii) taxas de juros

e empréstimos, (viii) a quem cabe uma Educação Financeira, (ix) o papel da família, (x) o papel da escola e (xi) a matemática e sua influência nas ações de consumo.

Enquanto na segunda etapa foram construídas cinco situações financeiro econômicas, para que os participantes pudessem produzir significados a partir das mesmas. As categorias de consumo analisadas na segunda etapa foram: (i) força dos juros compostos, (ii) preço a prazo igual a preço à vista, (iii) comparando preços e tomando decisões de consumo, (iv) gastando a mais, (v) comprar financiado ou alugar um imóvel?

Com a investigação, Kistemann Jr. (2011) conclui que é necessário um trabalho de Educação Financeira que possibilite colocar os indivíduos frente a situações e cenários que enfrentam no seu dia a dia de consumo, buscando refletir e discutir sobre os temas, para que estes indivíduos possam ter conhecimento dos instrumentos financeiros e acesso as possibilidades que existem para se operar com esses instrumentos. Além disso, ficou evidente na pesquisa que apenas o domínio da Matemática não garante que o indivíduo tome decisões de consumo mais acertadas.

c)Na dissertação intitulada “Uma proposta de curso de serviço para a disciplina Matemática Financeira”, de Dejair Frank Barroso, apresentada, defendida em 2013 pela Universidade Federal de Juiz de Fora, teve como objetivo investigar a produção de significado dos estudantes que cursavam a disciplina Matemática Financeira no curso de Administração de uma Instituição de Ensino Superior de Minas Gerais. Inicialmente o pesquisador realizou uma análise crítica de três livros de Matemática Financeira, no qual constatou que os mesmos apresentam muitas situações que trabalham apenas os conceitos matemáticos, mas não representam situações reais que são encontradas no cotidiano.

Após a análise dos livros, Barroso (2013) realizou uma intervenção durante as aulas da disciplina Matemática Financeira, nas quais foram ministradas aulas em forma de oficina, em que o pesquisador apresentava uma situação-problema para os alunos resolverem e em seguida era realizada uma plenária de discussão e reflexão sobre o problema. Os dados foram analisados à luz do Modelo dos Campos Semânticos de Rômulo Campos Lins, que permitiu realizar uma leitura das crenças-afirmações dos estudantes.

Através dessa pesquisa, foi possível perceber, entre outras coisas, que o foco apenas no conteúdo não oportuniza os estudantes a tomarem suas decisões de consumo e investimento com criticidade. Nesse sentido, Barroso afirma que:

Nesse cenário líquido-moderno, que é o sistema financeiro; não basta somente manipular cálculos por meio de fórmulas ou calculadoras financeiras para a escolha mais acertada. Acreditamos que é preciso promover a reflexão sobre o consumo, pela necessidade ou pelo impulso do anúncio estampado na propaganda: à vista ou 10x, 11x,... 18x sem juros, ou situações de oferta como “compre 3 pague 2”. (BARROSO, 2013, p. 18).

Assim como Barroso (2013), defendemos que Matemática Financeira sozinha não é suficiente para educar os indivíduos financeiramente a tomarem suas ações de consumo no cotidiano. É necessário uma maior reflexão e criticidade no tratamento das questões econômico-financeiras.

Barroso (2013) nos apresenta possibilidades para o desenvolvimento de um curso de Matemática Financeira que tem um caráter mais humano e voltado para necessidades cotidianas, que contribui não apenas para a formação do futuro administrador, mas também para o professor de Matemática, que precisa promover reflexões em sala de aula que possam auxiliar os estudantes na tomada de decisão.

d)O trabalho intitulado **“Educação econômico-financeira: Uma nova perspectiva para o Ensino Médio”** de Muniz Jr. e Jurkiewicz, publicado nos anais do VII CIBEM, em 2013, busca saber que tipo de Educação Financeira será construída nos currículos de Matemática do Ensino Médio.

Muniz Jr. e Jurkiewicz (2013) realizaram uma pesquisa qualitativa, em que apresentam uma proposta para o ensino de Educação Financeira no Ensino Médio numa perspectiva crítica, fundamentados em Skovsmose, levando em consideração o contexto no qual os indivíduos estão inseridos. Essa proposta já vem sendo desenvolvida e aplicada em sala de aula durante 8 anos em três colégios do Rio de Janeiro.

Os autores destacam que a Educação Financeira se trata de uma área interdisciplinar, que permite dialogar, por exemplo, com a geografia e a história já que não se podem desconsiderar outros aspectos de natureza geográfica, social, histórica e ambiental.

Nessa pesquisa são propostos 4 tipos de contextos para se trabalhar Educação Financeira, conforme apresentado na figura 1 a seguir:

Figura 1 - Tipos de contextos financeiros



Fonte: MUNIZ JR.; JURKIEWICZ, 2013, p. 3128.

Para cada um desses eixos, os pesquisadores sugerem temas que podem ser trabalhados dentro de cada perspectiva.

- Temas do contexto financeiro: financiamentos, descontos, empréstimos etc., a partir do conceito de equivalência de capitais (dinheiro no tempo).
- Temas do contexto econômico: índices, tributos e taxas (IPCA, IGPM; ICMS; IR etc.), apresentando o impacto dessas taxas na vida dos indivíduos.
- Temas do contexto Geo-Econômico: PIB; demografia, crescimento populacional, expectativa de vida, oferta e demanda etc.
- Temas do contexto Previdenciário: Planejamento para o futuro.

Os autores sugerem que as situações propostas para os alunos devem ser reais, extraídas de jornais, revistas, encartes etc., com perguntas abertas, que permitem a participação dos estudantes com seus relatos e experiências.

Para explorar esses contextos, Muniz Jr. e Jurkiewicz (2013) sugerem que sejam trabalhados juntamente com os conceitos de taxas e fatores, progressões, equivalência de capitais e análise e interpretação de gráficos. De acordo com os autores, a Educação Financeira deve ser um convite à reflexão.

As propostas apresentadas despertaram o interesse dos alunos, que tiveram a oportunidade de aprender e aprimorar os conceitos matemáticos, através do

ensino de Educação Financeira, contextualizando com temas de outras disciplinas para compreender os cenários de investigações apresentados.

e)O artigo intitulado **“Um estudo sobre etnomatemática e Educação Financeira no sistema prisional”** de Paulo Miranda, Raimundo Lopes e Marco Aurélio Kistemann Júnior, publicado em 2018 no periódico Tangram – Revista de Educação matemática, objetivou estudar a Educação Financeira no contexto prisional da Zona da Mata Mineira, trazendo uma sugestão a ser aplicada aos encarcerados, como parte de um política de ressocialização.

A pesquisa é fundamentada na etnomatemática, que de acordo com D’Ambrosio (2005) é um estudo da evolução cultural da humanidade, que permite identificar as matemáticas presentes nas dinâmicas culturais de cada grupo social, no qual cada um faz uso da matemática de acordo com a sua necessidade. Assim, a etnomatemática busca valorizar o saber matemático de culturas marginalizadas, reconhecendo os saberes desses indivíduos.

Desta forma, a pesquisa de Miranda, Lopes e Kistemann Jr. (2018) possibilita produzir matemática em um grupo cultural que é segregado e marginalizado pela sociedade, rompendo as barreiras do preconceito e contribuindo com a reintegração desses indivíduos à sociedade, após o cumprimento da pena, já que a Educação Financeira permite preparar os indivíduos acautelados para que possam tomar decisões importantes.

Assim, os autores realizaram uma pesquisa qualitativa, utilizando um questionário estruturado com 6 perguntas abertas para a coleta de dados e um caderno para o registro das falas. Os sujeitos da pesquisa foram os reclusos da Penitenciária José Edson Cabaliere de Juiz de Fora, que cursam o Ensino Fundamental II, e os reclusos do regime semiaberto do Presídio de Rio Pomba, ambos no estado de Minas Gerais. Ao todo, 13 reclusos responderam ao questionário.

As perguntas do questionário buscaram identificar o que os reclusos entendem por Educação Financeira e analfabetismo financeiro, a diferença entre Matemática Financeira e Educação Financeira, como também se eles se consideram consumistas, que tipo de estratégia utilizam ao fazer uma compra e o grau de influência das propagandas na decisão de consumo.

Ao serem questionados sobre o que entendem por Educação Financeira, cada um se expressou de uma forma, porém todos demonstraram saber bem o que é e ressaltaram a importância e necessidade desse conhecimento.

Quanto a diferenciação entre Matemática Financeira e Educação Financeira, três reclusos não souberam responder e os que tentaram, tiveram dificuldade para estabelecer as delimitações e funções de cada uma dessas áreas de conhecimento, mas a maioria associou Matemática Financeira a operações matemáticas e fazer contas, enquanto a Educação Financeira foi associada a saber usar dinheiro e ao conhecimento adquirido por meio de estudos e instrução.

Em relação a ser uma pessoa consumista, quatro reclusos admitiram que eram muito consumistas antes de serem presos, já que consumiam exageradamente e sem refletir, mas após a prisão mudaram seu comportamento. Três reclusos não se consideram consumistas, já que não consomem coisas desnecessárias. Enquanto os demais entrevistados se dizem consumistas.

Quanto ao tipo de estratégia que se valem ao realizar uma compra, todos disseram pesquisar, negociar e procurar pelo local mais barato. Um deles disse preferir poupar a quantia necessária, além de negociar prazos e juros. Dois entrevistados utilizam a internet para fazer compras, por ser mais fácil de encontrar a loja com o menor preço.

Ao serem questionados sobre em que medida as propagandas influenciam nas decisões de consumo, três reclusos disseram que são influenciados, enquanto outros seis reclusos disseram que as propagandas não os influenciam a comprar. Um recluso disse que não é tão influenciado, pois espera o produto entrar em promoção para comprar. E outro estimou que é influenciado em mais ou menos 70% sobre a sua compra.

Por fim, os autores afirmam ser necessário uma ampliação das ofertas de ensino e capacitação dos detentos, a fim de possibilitar a inclusão na sociedade e no mundo de trabalho. Foi possível verificar através do questionário que muitos dos detentos entrevistados valorizam muito a matemática e acreditam que a escola pode possibilitar uma nova condição social e financeira.

Para que esses indivíduos presos possam retornar à sociedade, é necessário que sejam elaborados materiais didáticos que levem em consideração a realidade social dos detentos, para que estes possam ser preparados para sobreviver numa sociedade capitalista e não retornem ao mundo do crime.

1.3 Síntese do capítulo

Almeida (2015), ao fazer um mapeamento de 55 pesquisas, destacou que parte das pesquisas em andamento aponta para a reformulação dos currículos dos cursos de licenciatura, o que se confirma na pesquisa de Araújo, Barbosa e Luna (2018), em que os estudantes de Licenciatura não souberam estabelecer as fronteiras entre a Educação Financeira e a Matemática Financeira, entendendo que a Educação financeira se reduz a aspectos administrativos e acúmulo de bens. O mesmo foi percebido entre os alunos da Educação Básica e detentos do sistema prisional, como foi apontado por Araújo, Barbosa e Santos (2019) e Miranda, Lopes e Kistemann Jr. (2018).

Entretanto, Almeida (2015), Araújo, Barbosa, Luna (2018), Kistemann (2011), Britto, Kistemann Jr. (2014) e Rodrigues et al. (2016) alertam que a Educação Financeira transita por questões complexas, que necessitam de reflexões. De acordo com Barroso (2013) e Kistemann Jr. (2011), a Matemática Financeira sozinha não é suficiente para educar os indivíduos a tomarem suas decisões de consumo, sendo necessário reflexão e criticidade. Kistemann (2011), Muniz Jr. e Jurkiewicz (2013) sugerem que os estudantes sejam colocados frente a situações reais, que despertem o interesse dos alunos, utilizando cenários que enfrentam no dia a dia de consumo, para que possam refletir e produzir novos significados.

Britto e Kistemann Jr. (2014) nos chamam atenção para as propostas de Educação Financeira presentes nos documentos oficiais, que possuem como objetivo comum, facilitar o acesso dos indivíduos aos serviços bancários, em prol de obter um novo portfólio de cliente, alavancando assim os lucros das instituições financeiras.

Podemos observar que há estudos que sugerem educar financeiramente os estudantes, numa perspectiva crítica, considerando as demandas sociais e que se aproximem da realidade. Nessa busca por pesquisas finalizadas e em desenvolvimento, encontramos poucas produções que busquem se aproximar dos estudantes de periferias, buscando entender o contexto em que vivem e que conhecimentos são necessários para que se possa pensar numa Educação Financeira crítica, que permita a tomada de consciência e a reflexão. Motivados por essa questão, escolhemos o contexto do pré-vestibular social, em Duque de Caxias, para realizar essa intervenção.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1A sociedade líquido-moderna de consumidores

Vivemos numa sociedade de Consumidores, na qual os indivíduos, em sua maioria, não estão consumindo apenas por necessidade. O ato de consumir tornou-se banal, se fazendo presente no cotidiano da sociedade, que a todo tempo consome diversos produtos e serviços, sem muito planejamento e sem se questionar sobre os impactos que esse consumo irracional pode trazer. Para melhor compreender a cerca do consumismo na sociedade líquido-moderna, iremos dialogar com Zygmunt Bauman (1925 – 2017), que foi um sociólogo e filósofo polonês que trouxe grandes contribuições que nos permitem pensar a sociedade moderna.

Para melhor situar sobre como chegamos a essa sociedade marcada pelo consumismo, é importante entender o tipo de sociedade que existia antes. Segundo Bauman (2008) vivíamos numa sociedade de produtores, que era marcada pelo trabalho, pela durabilidade dos produtos e pela segurança que os materiais adquiridos traziam. Os principais símbolos e objetos de consumo eram os metais nobres, as joias preciosas e os objetos de exibição, pois representavam a resistência ao tempo e a confiabilidade contínua. Além disso, os bens duráveis transmitiam aos seus donos credibilidade e garantia de um futuro seguro.

Essa expectativa de durabilidade, vai contra o que é esperado numa sociedade de consumidores em que vivemos, cuja riqueza é rapidamente utilizada. De acordo com Bauman (2008), a sociedade contemporânea é marcada pelo uso imediato da riqueza e pela rápida substituição dos objetos. Os desejos de consumo nunca são saciados, havendo sempre a necessidade de comprar um novo produto.

Entendemos, assim como Bauman (2008), que o consumo é a mola propulsora do capitalismo, portanto para que o mercado permaneça ativo, é necessário o recrutamento de uma sociedade de consumidores, que estejam prontos a consumir o que lhes for apresentado. Uma característica importante dessa sociedade de consumidores é apresentada por Bauman:

A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias. (BAUMAN, 2008, p. 20).

Ao dizer que os consumidores são transformados em mercadorias, Bauman (2008) se refere ao fato de que as pessoas não estão preocupadas apenas consigo mesmas, mas principalmente em como as suas imagens são transmitidas para as outras pessoas, pois elas desejam ser vistas, comentadas e até mesmo desejadas. Isso justifica o desejo por possuir objetos, roupas e artigos de luxo, que são símbolos de status social, mas que em alguns casos não são condizentes com a realidade social de quem os exhibe, pois muitos precisam se esforçar para se enquadrar nesses padrões, deixando até mesmo de satisfazer as necessidades básicas para adquirir um produto que está em evidência no momento. De acordo com Bauman (2008), vender-se para a sociedade já se naturalizou de tal forma, que a invisibilidade é equivalente à morte social.

As redes sociais corroboram com o aguçamento dessa perspectiva, pois a vida pessoal que antes era privada, agora é exposta nas redes de forma cada vez mais rápida e eficiente. Além disso, as empresas estão aprimorando os algoritmos para verificar quais são os gostos e desejos dos usuários, para oferecer produtos que tenham um maior potencial de venda, diminuindo assim a rejeição dos produtos ofertados. BAUMAN (2008).

Outra forma de convencer os indivíduos a consumirem, apontada por Bauman (2008), é associando o consumo à felicidade, ou seja, para que uma pessoa se sinta feliz e realizada, ela precisa comprar determinado produto. No entanto, trata-se apenas de uma sensação momentânea de prazer, pois logo outros desejos de consumo serão despertados. A ideia de satisfação ao se consumir determinado produto só é sedutora enquanto o desejo não é consumido, caso contrário, não haveria a necessidade de a todo tempo estar consumindo.

A todo instante surgem novos produtos nas prateleiras das lojas. No setor de vestuário, por exemplo, se no verão anterior estava na moda bermuda masculina lisa, na altura do joelho e com bolso lateral; no verão desse ano, a tendência é bermuda masculina estampada, acima do joelho e sem bolso lateral. Assim, as empresas de vestuário conseguem garantir o sucesso nas vendas, pois os produtos comprados na coleção anterior já saíram de moda. Esse mecanismo garante que os produtos antigos logo se tornem obsoletos e novos desejos de consumo sejam despertados.

Agora os produtos não trazem a mesma durabilidade de antes, pois, na sociedade de consumidores, os produtos são praticamente descartáveis, devendo sempre ser substituídos por outros mais novos. De acordo com Bauman (2008), vivemos tempos líquidos, em que a velocidade com que as transformações ocorrem aumenta a cada dia. Assim, as relações estão cada vez mais dinâmicas, fluídas e velozes.

Corroborando com a discussão trazida por Bauman (2008), Kistemann Jr. (2011, p. 71) distingue algumas características marcantes dessa sociedade de consumo, também chamada por ele de sociedade de consumo líquido moderna, que são: "(i) o consumo de massas; (ii) a moda em velocidade de progressão geométrica; (iii) mercadorias descartáveis, mercadorias-signo; (iv) sentimento de insaciabilidade; e o principal, (v) o indivíduo consumidor como seu personagem central".

Diante deste cenário, a mídia tem um importante papel no fortalecimento e manutenção dessas características, pois ela permite criar nos indivíduos novos desejos de consumo, que são despertados através de propagandas, comerciais, outdoors e em diversos meios de publicidade. Importante se atentar ao fato de que nem toda imposição ao consumo é apresentada de forma explícita. O simples fato de saber que uma pessoa famosa está utilizando um determinado produto, já desperta o desejo na sociedade de querer adquiri-lo.

Na sociedade contemporânea, os indivíduos são avaliados quanto a sua capacidade de consumir, sendo esta a forma de reconhecer (ou não) o seu valor no interior dessa escala social. A sociedade de consumidores "representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas" (BAUMAN, 2008, p. 71).

De acordo com Bauman (2008), vivemos numa sociedade que prospera enquanto aposta na irracionalidade de seus consumidores, que estão sempre ávidos a comprarem o que lhes for oferecido, sem ao menos se questionarem sobre a real necessidade do que estão comprando. É necessário que os indivíduos tenham a oportunidade de refletir sobre a sua atuação no mercado de consumidores, para que tenham a opção de escolher um estilo de vida alternativo, pois o consumismo é tido como a única opção possível e um dever humano.

Nessa busca constante para fazer de si mesmo uma mercadoria vendável, os indivíduos mais pobres precisam se esforçar para serem participantes atuantes dessa sociedade. De acordo com Bauman (2008), os consumidores que não possuem recursos financeiros suficientes para atender aos apelos do mercado, são considerados consumidores falhos, portanto desnecessários para essa sociedade. Assim:

Além de viverem na pobreza, ou pelo menos abaixo do nível de prosperidade exigido, as pessoas classificadas como “subclasse” são condenadas à exclusão social e consideradas incapazes de se afiliarem a uma sociedade que exige que seus membros participem do jogo do consumismo segundo as regras estabelecidas, justamente porque são, tal como os ricos e abastados, abertos às seduções muito bem amparadas do consumismo, embora, de forma distinta dos abastados e dos ricos, não possam de fato se dar ao luxo de serem seduzidos. (BAUMAN, 2008, p. 176).

Diante deste cenário, o indivíduo da “subclasse” se vê forçado a trabalhar exaustivamente para tentar de alguma forma se inserir na sociedade, a fim de evitar a humilhação social. Para isso, o indivíduo deixa às vezes de satisfazer as necessidades básicas, para se tornar, ainda que minimamente, um participante atuante da sociedade de consumo.

Neste sentido, a sociedade de consumidores acentua a divisão de classes, ao rejeitar os mais pobres por não atenderem às exigências do mercado. Sendo essa uma das consequências do consumismo apontada por Bauman (2008), mas não a única. A alta velocidade com que os produtos são criados e logo substituídos faz elevar a produção de lixo, aumentando assim o desperdício e a poluição ambiental, trazendo danos também para o meio ambiente, com produtos que demoram anos e até mesmo séculos para se decompor na natureza, além da poluição gerada no processo de produção.

Em síntese, podemos dizer que o consumismo é:

[...] um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução epistêmica, a integração e a estratificação sociais [...]. (BAUMAN, 2008, p. 41).

Assim, o consumo deixou de ser apenas para satisfazer as necessidades básicas, passando a ser banalizado e estimulado a todo instante, constituindo assim o elemento de manutenção da ordem capitalista, que traz consequências agressivas. Diante deste cenário, é importante promover uma Educação Financeira

que contemple esse tipo de discussão, para que os indivíduos possam refletir sobre a função de consumidores que costumam desempenhar socialmente.

Na seção seguir, apresentamos uma discussão sobre Educação Financeira, na qual buscamos, numa perspectiva crítica, discutir sobre a importância do tema para a formação social dos indivíduos e apresentamos que concepção de Educação Financeira defendemos.

2.2 Educação Financeira

Nos últimos anos aumentou significativamente as discussões sobre como educar financeiramente os indivíduos, culminando em diversas propostas de Educação Financeira. Essa preocupação se originou de uma das recomendações da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para os países membros, em 2004. De acordo com a OCDE, Educação Financeira é:

[...]o processo pelo qual os consumidores financeiros/investidores melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou aconselhamento objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para tomar consciência de riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, saber onde buscar ajuda e tomar outras medidas eficazes para melhorar a sua proteção e o seu bem-estar financeiro. (OCDE, 2005, apud DIAS, 2015, p.2).

Diante desta recomendação da OCDE, diversos países estão engajados em promover estratégias de Educação Financeira. Entre eles, temos o Brasil, que elaborou a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), instituída por decreto presidencial em 2010. A ENEF promove ações de Educação Financeira gratuitas, disseminando a discussão do tema e criando diretrizes que visam possibilitar ações concretas nas diferentes esferas da sociedade. Entre os objetivos da ENEF, está a instrumentalização dos indivíduos para que possam administrar melhor seus recursos, através de escolhas conscientes, contribuindo para a eficiência e solidez dos mercados financeiros (BRASIL, 2011, p.2).

É importante destacar que tanto a OCDE, quanto a ENEF no Brasil, trazem em suas propostas e definições a perpetuação do indivíduo consumidor na sociedade líquido-moderna, que é duramente criticada por Bauman (2008). Os consumidores falhos, que não se enquadram nos padrões de consumo exigidos pela sociedade, são ignorados por essas organizações. Apresentam ainda uma proposta

de Educação Financeira alicerçada na inserção dos indivíduos no mercado de capitais, com a intenção de majorar os lucros das instituições financeiras. Assim, reduzem a Educação Financeira para uma educação para o consumo e investimentos, sem trazer nenhum viés crítico. Se a Educação Financeira for concebida desta forma, que tipo de Educação Financeira caberá aos indivíduos das camadas mais populares? É preciso entender a realidade dos habitantes das periferias, para que possamos repensar uma Educação Financeira que também atenda a esse público. E independentemente do nível social, é preciso desenvolver o raciocínio crítico, para que se possa tomar atitudes conscientes, sem que se esteja a serviço de um sistema que aposta na irracionalidade de seus sujeitos para prosperar.

É urgente a discussão sobre Educação Financeira, pois dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), apurados pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), revelam que o percentual de famílias brasileiras com contas ou dívidas em atraso é 61,5% no mês de fevereiro de 2019. São dívidas com cartão de crédito, cheque especial, financiamentos etc. De acordo com Souza e Torralvo (2008), a ausência de um planejamento financeiro e o fácil acesso ao crédito são as principais justificativas para o elevado número de famílias endividadas.

Durante a realização dessa pesquisa, vivenciamos um momento em que se discutiu a reforma da previdência², que foi aprovada ao final do ano de 2019. Existem ainda discussões para a implementação de um regime de capitalização, no qual o governo deixaria de administrar os recursos da previdência, permitindo que cada cidadão se responsabilize pelo gerenciamento de sua própria previdência, usufruindo na aposentadoria do dinheiro que foi capaz de acumular. Em um cenário que aponta para a dificuldade dos indivíduos em quitar suas dívidas, é posto o desafio de que os indivíduos administrem seus recursos para a aposentadoria.

² A PEC 6/2019, que estabeleceu a emenda constitucional 103/2019, alterou o sistema de previdência social no Brasil. A reforma estabeleceu uma idade mínima de aposentadoria (65 para homens e 62 para mulheres), mudança no cálculo da média salarial (antes era calculada usando 80% dos maiores salários, agora é utilizada a média de todos os salários). Além disso, com 20 anos de contribuição, os trabalhadores homens terão apenas 60% da média salarial. Esse percentual sobe 2 pontos a cada ano de trabalho a mais. Para as mulheres, o tempo de contribuição mínimo é de 15 anos. Outra mudança significativa da reforma da Previdência é a redução da pensão por morte em 40% quando o único dependente é o cônjuge. Sendo essas as principais alterações. Para os trabalhadores que já se encontram próximos de obter o benefício, deverão cumprir regras de transição mais brandas. (BRASIL, 2019)

Os problemas são ainda maiores entre os indivíduos de baixa renda, pois o salário mínimo nacional do Brasil é insuficiente para garantir o acesso às necessidades básicas. Segundo dados do DIEESE (2019), o salário mínimo necessário para garantir o acesso à moradia, alimentação, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, deveria ser de R\$4.214,62 no mês de junho de 2019, porém o salário mínimo nacional em vigência no mesmo mês é de R\$998,00.

Apesar da urgente necessidade de educar financeiramente os indivíduos, devemos nos atentar aos interesses ideológicos nessas propostas de Educação Financeira, pois em muitas há uma nítida intenção de beneficiar as empresas do setor financeiro. Britto (2012), ao analisar as propostas de Educação Financeira do Brasil, da Espanha e de Portugal, identificou que o principal interesse dessas propostas é o de popularizar o acesso aos serviços bancários, como seguros, previdência privada, capitalização, poupança etc. Ao apresentar aos indivíduos produtos financeiros mais variados e complexos, as instituições financeiras conseguem assegurar o aumento de suas receitas.

Diante deste cenário, entendemos que em um programa de Educação Financeira “faz-se necessário que os indivíduos melhorem a sua compreensão sobre o funcionamento dos instrumentos financeiros, o valor do dinheiro no tempo, a importância do planejamento financeiro para consumir e quitar bens” (KISTEMANN Jr.; ALMEIDA; NETO, 2017, p. 225).

No entanto, a Educação Financeira não pode ser restrita apenas à compreensão dos produtos financeiros. Segundo Pessoa, Muniz Jr. e Kistemann Jr. (2018), os educadores são os mais capacitados para transcender as ações apresentadas na definição da OCDE e da ENEF, trazendo à tona questões éticas, desenvolvendo o raciocínio crítico e instrumentalizando os indivíduos para que possam produzir significado frente às situações econômico-financeiras que se apresentam.

Dada essa crescente demanda de educar financeiramente os indivíduos, o tema foi inserido na Base Nacional Comum Curricular (BCNC) em 2017, que estabelece as diretrizes para os currículos escolares do Brasil. Desde então, as escolas deverão adaptar seus currículos, de forma a contemplar o ensino de

Educação Financeira como um tema transversal da Educação Básica. A BNCC sugere ainda alguns temas a serem abordados em sala de aula:

Outro aspecto a ser considerado nessa unidade temática é o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, visando à Educação Financeira dos alunos. Assim, podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro. (BRASIL, 2017, p. 269).

Percebe-se que a BNCC traz diversos temas do cotidiano, que podem ser analisados tendo como suporte os conceitos da Matemática Financeira, como proporção, juros, porcentagem etc. No entanto, a BNCC sugere também um estudo interdisciplinar, envolvendo dimensões sociais, políticas e psicológicas, o que é muito importante, pois a matemática financeira sozinha não é suficiente para educar os indivíduos financeiramente para tomarem suas decisões de consumo no cotidiano.

Almeida (2015), ao realizar uma pesquisa documental, mapeou as pesquisas sobre Educação Financeira produzidas durante um período de dezesseis anos, que possibilitou ver os pontos de aproximação entre a Educação Financeira e a Educação Matemática. As pesquisas apontam que juntas é possível desenvolver metodologias alternativas através de ambientes de aprendizagem que promovam a análise e a tomada de decisão.

Assim como Barroso (2013), entendemos que é necessário uma maior reflexão e criticidade no tratamento das questões econômico financeiras, que perpassam por outras áreas das ciências, como a história, a sociologia, a geografia e a filosofia. Nessa mesma perspectiva, Kistemann Jr. defende que é importante:

[...] não só desenvolver nos indivíduos-consumidores habilidades de cálculos matemáticos, estratégias formatadas de tomadas de decisão, mas, sobretudo, promover a participação crítica desses indivíduos nas mais variadas esferas de atuação social, refletindo sobre os panoramas financeiro-econômicos e produzindo significados que promovam o entendimento da Matemática, que permeia o lócus e as relações sociais e econômicas. (KISTEMANN JR., 2011, p. 95).

Ao utilizar o termo “crítica”, Kistemann Jr. (2011) está se referindo a perspectiva construída por Ole Skovsmose (2008), que pode ser compreendida como “descrição de uma situação que poderia nos levar a direções diferentes, quanto a seu entendimento e a suas consequências” (BRITTO; KISTEMANN JR.; SILVA, 2014, p. 183).

Nesse sentido, Kistemann Jr. (2011) afirma ser necessário desenvolver uma educação matemática crítica que permita aos professores e estudantes se questionarem e refletirem, para que possam usar esse conhecimento na solução de seus problemas e na transformação da sociedade.

Assim, a Educação Financeira passa a ser um convite a reflexão, que não tem por objetivo doutrinar os estudantes sobre como deve ser o comportamento deles em relação ao uso do dinheiro ou que tipo de decisões precisam tomar, mas permitir que eles analisem situações financeiras em diferentes contextos, para que reflitam, avaliem e tomem suas próprias decisões (MUNIZ, 2016, p.3).

Indo ao encontro desta perspectiva, defendemos uma Educação Financeira que permita ir além da Matemática Financeira e das estratégias de sucesso financeiro numa economia capitalista. Nessa perspectiva crítica, a Educação Financeira não tem o propósito de enriquecer as pessoas, como é apresentado por diversas empresas de *coaching*³ e até mesmo em canais do *Youtube*, que incentivam a realização de investimentos, mas que não levam em consideração a realidade dos indivíduos e suas reais necessidades. De acordo com Miranda, Lopes e Kistemann Jr. (2018):

O Brasil, em sua atual conjuntura, apresenta um quadro de crise generalizada, atingindo quase todos os setores, dificultando o crescimento da economia e do bem-estar social. Boa parte dos brasileiros já não suporta conviver com esta triste realidade. Devido a esse cenário de incerteza, uma considerável parcela da sociedade não consegue gerar recursos mínimos de sobrevivência; o desemprego nunca esteve tão alto e os bens e serviços são caros. Essa situação provoca desesperança, desgaste, revolta, e mesmo desespero. (MIRANDA; LOPES; KISTEMANN JR., 2018, p. 7).

Diante deste cenário, não podemos reproduzir uma Educação Financeira que vá culpabilizar os indivíduos por não terem condições de realizar altos investimentos.

Assim como Kistemann Jr. (2011), entendemos que a Educação Financeira deve estar a serviço a sociedade, preparando os indivíduos para refletirem sobre as possibilidades financeiras dentro de cada contexto social, de modo que possam

³ O termo “coaching” está associado a práticas comerciais de orientação, ensino ou instrução, buscando o desenvolvimento pessoal. No Brasil, entretanto, esse termo se difundiu, sendo usado, em alguns casos, equivocadamente por indivíduos sem experiência no processo de facilitação de aprendizagem, aprimoramento do desempenho e desenvolvimento de habilidades. Deixamos clara essa distinção, pois é necessário reconhecer a seriedade e preparo de alguns profissionais que praticam o coaching, que não podem ter suas reputações destruídas por aqueles que usam o termo de forma equivocada. (SILVA et al., 2018, p. 365).

repensar suas ações e desenvolver autonomia para a tomada de decisão em situações de consumo.

Na seção a seguir, apresentamos a importância de promover práticas decoloniais em sala de aula, que permitam romper com toda imposição cultural, reconhecendo os saberes dos indivíduos dos grupos subalternos da sociedade.

2.3 Pedagogia Decolonial

A preocupação com as relações étnico-raciais começou a ganhar notoriedade e espaço em pesquisas na área de Educação, fruto dos movimentos sociais, no qual se discutem questões relativas às diferenças étnicas, o multiculturalismo e as identidades culturais, que agora começam adentrar, gradativamente, nos meios acadêmicos, ainda que sofrendo resistência.

De acordo com Walsh (2007) e Candau (2007, 2010), a Pedagogia Decolonial busca construir uma opção cultural alternativa à modernidade eurocêntrica, que se impõe sobre todas as culturas, com seu projeto de civilização e propostas epistêmicas. Com a colonialidade, a Europa instituiu um modelo único de ciências, conhecimento e de modernidade.

Durante séculos a Europa colonizou diversas nações, explorando não só as riquezas, como também a força de trabalho nas colônias. Esse processo de poder político e econômico de uma nação sobre as demais é definido por Walsh (2007) como colonialismo. Porém, mesmo após a emancipação das colônias, essa relação de poder ainda permanece, agora na forma da colonialidade, que sobreviveu a descolonização.

A colonialidade se refere à relação como o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas permanecem na sociedade, se fazendo presentes nas práticas sociais, sendo aceitas sem serem questionadas. De acordo com Torres (2007):

Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (TORRES, 2007, p. 131).

Desta forma, o conhecimento e o discurso do colonizador se faz presente no imaginário da sociedade, que é naturalizado e reproduzido de forma a inviabilizar e subalternizar os saberes do outro. A esse processo de inserção no imaginário dos sujeitos subalternizados, que negam sua cultura e exaltam a cultura europeia, é o que Walsh (2007) se refere à colonialidade do poder.

Outro tipo de colonialidade é a do saber, que Walsh (2007) entende por ser a repressão e não reconhecimento das formas culturais alternativas, que inferioriza os grupos subalternizados. Assim, associam a modernidade ao conhecimento europeu, e rotula como primitivo os saberes dos povos indígenas, africanos etc.

Walsh (2007) destaca um outro conceito, que é a colonialidade do ser, que em meio a essa desconstrução de identidade dos indivíduos subalternos, os leva a se questionarem quem eles são na realidade. Assim, Walsh relaciona a colonialidade a não existência, em que o indivíduo começa a abandonar sua cultura, conhecimento e práticas para adotar um padrão de civilização europeu, que se sobrepõe as demais opções culturais existentes, fazendo com que as identidades dos grupos subalternos sejam perdidas.

Assim, Walsh (2007) defende que se pense a partir da colonialidade, para que se possa reconhecer os saberes das culturas subalternas, a partir de formas diferentes da imposta pela modernidade europeia. Nesse sentido, Walsh propõem a interculturalidade crítica, que:

[...] é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma experiênciahistórica de submissão e subalternização. Uma proposta e um projeto político que também poderia expandir-se e abarcar uma aliança com pessoas que também buscam construir alternativas à globalização neoliberal e à racionalidade ocidental, e que lutam tanto pela transformação social como pela criação de condições de poder, saber e ser muito diferentes. Pensada desta maneira, a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si. [...] é um projeto de existência, de vida. (WALSH, 2007, p. 8)

Com essa perspectiva crítica, Walsh (2007) busca refletir acerca da educação, a partir de uma Pedagogia Decolonial, que é também uma forma de luta e resistência dos indivíduos subalternos frente a todas as formas de colonialidade. A partir da interculturalidade, que é centrada na reconstrução de um pensamento crítico pelos indivíduos subalternos, é possível avançar em direção à decolonização e transformação, questionando a colonialidade do poder, do saber e do ser. É

preciso que haja outras formas de pensar e se posicionar, a partir da diferença colonial, na perspectiva de um mundo mais justo. De acordo com Walsh:

Assumir esta tarefa implica um trabalho decolonial, dirigido a tirar as correntes e superar a escravização das mentes (como diziam Zapata Olivella e Malcolm X); a desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade. (WALSH, 2007, p. 9).

Ao se pensar a decolonialidade, permitimos uma tomada de consciência, derrubando as estruturas e monopólios existentes, permitindo que se tenham novas formas de pensar e ver o mundo, a partir de outros saberes, práticas e culturas diferentes, que precisam ser valorizadas, provenientes de países e grupos sociais que foram historicamente dominados por uma única ideologia.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo aborda a pesquisa realizada com alunos de um pré-vestibular social, na cidade de Duque de Caxias. Tal pesquisa foi dividida em três partes. Na primeira, de cunho exploratório, aplicamos um questionário, que nomeamos questionário inicial, a partir do qual pretendíamos obter informações sobre o que os estudantes entendiam por Educação Financeira; qual a relação deles com o consumo; os conhecimentos que acreditam ser importantes para o ensino de Educação Financeira; bem como conhecer o perfil socioeconômico dos estudantes.

A segunda parte, foi de cunho intervencionista, com a implementação de uma proposta de ensino composta por cinco encontros, cada um com duração variando entre uma ou duas horas, que versavam sobre diferentes temáticas de Educação Financeira. No primeiro encontro foi discutido sobre o consumo, no segundo sobre a organização do orçamento doméstico, no terceiro sobre o poder dos juros compostos, no quarto sobre ética em Educação Financeira e no quinto sobre empreendedorismo. Importante destacar que os temas dos encontros foram elaborados ao longo da pesquisa, de acordo com as discussões que eram realizadas. Durante a pesquisa, os participantes tinham liberdade para expressar suas opiniões e eu, enquanto pesquisador, buscava apenas fazer a mediação e instigar os participantes a expor seus pontos de vistas sobre os temas abordados.

Por fim, a terceira parte, corresponde a aplicação do segundo questionário que nomeamos de questionário final, que teve por finalidade analisar que novos conceitos foram construídos, que ideias equivocadas foram desfeitas e qual foi o impacto da intervenção na Educação Financeira dos estudantes.

Neste capítulo, apresentamos o desenho metodológico do nosso estudo. Inicialmente caracterizamos e definimos o tipo de pesquisa que nos apropriamos. Em seguida, descrevemos o cenário de pesquisa e os sujeitos investigados. Por último, descrevemos os instrumentos utilizados para a coleta de dados e a proposta utilizada com o objetivo de criar condições para que os alunos pudessem refletir sobre os temas abordados.

Neste estudo pretendemos descrever e analisar à luz da discussão do quadro teórico, dialogando com a questão do consumo a partir de Bauman (2008), a Educação Financeira numa perspectiva crítica de Kistemann Jr. (2011) e da Pedagogia Decolonial de Walsh (2007).

3.1 Caracterização da metodologia

Tendo em vista a finalidade de nossa investigação, escolhemos por realizar uma pesquisa-ação, que foi a técnica de pesquisa que melhor se ajustou aos propósitos deste trabalho. Trata-se, portanto de uma pesquisa de cunho qualitativo. Segundo Garnica (2019), a pesquisa qualitativa é aquela que reconhece:

(a) a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese *a priori*, cujo o objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que no processo interpretativo, vale-se das duas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-la podem ser (re) configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas. (GARNICA, 2019, p.96-97).

Indo ao encontro dessas características, Borba e Araújo (2019) destacam que a pesquisa qualitativa deve ter uma visão de conhecimento que esteja em harmonia com os procedimentos metodológicos, priorizando procedimentos descritivos, mas admitindo a interferência subjetiva, já que o conhecimento não é isento de valores, intenção, da história de vida do pesquisador e até mesmo das condições sócio-políticas do momento.

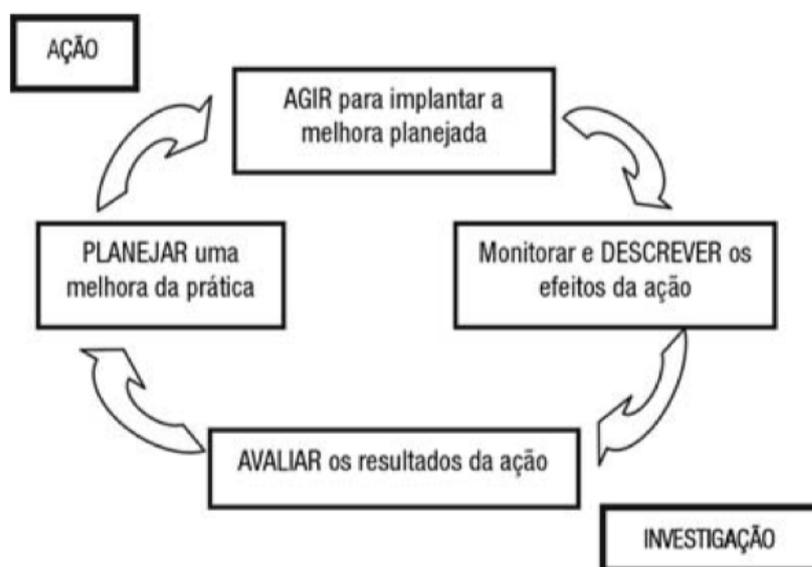
Para aumentar a credibilidade da pesquisa com abordagem qualitativa, Alvez-Mazzotti (1998) destaca a importância da triangulação, que consiste na utilização de diversos procedimentos para a obtenção de dados. Em nosso caso, escolhemos fazer a investigação valendo-se não apenas dos questionários, mas também de uma intervenção de ensino, o que nos permite fazer uma triangulação dos dados e compreender melhor o que foi observado através dos questionários.

De acordo com Fiorentini (2019) e Thiollent (1986), na pesquisa-ação o pesquisador se insere no ambiente a ser estudado para observá-lo e compreendê-lo, a fim de transformá-lo em direções que permitam a melhoria das práticas e a maior liberdade de ação e de aprendizagem dos participantes. Thiollent define pesquisa-ação como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estrita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Assim, é importante que todos os participantes estejam engajados na solução do problema ou na implementação da ação. Como a pesquisa-ação ocorre em cenários sociais não manipulados, suas variáveis não podem ser controladas, tendo um caráter mais intervencionista do que estritamente experimental. Para que se possa avançar nesse tipo de pesquisa, é necessário que haja uma constante reflexão e ação, de forma que a solução dos problemas começam com a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia, como num ciclo contínuo, que pode ser representado pela figura 2, que segue abaixo:

Figura 2 -Ciclo de investigação e ação



Fonte: TRIPP, 2005, p. 446.

Como mostrado na figura 2, a cada ação, é preciso refletir sobre os resultados, para que se possa fazer um novo planejamento. Fiorentini (2019) destaca que a pesquisa-ação é “uma modalidade de pesquisa que torna o participante da ação um pesquisador de sua própria prática, e o pesquisador, um participante que intervém nos rumos da ação, orientado pela pesquisa que realiza (FIORENTINI, 2019, p. 77)”.

Como na pesquisa-ação os participantes se tornam pesquisadores da própria prática, é comum que esse tipo de pesquisa seja caracterizado como pesquisa colaborativa, mas Fiorentini (2019) alerta que para uma pesquisa ser classificada

como colaborativa, é necessário que todo o processo de pesquisa (Definição do objetivo e questão diretriz, escolha da metodologia e base teórica, coleta de dados, análise dos dados, escrita do relatório final etc.) seja decidido e compartilhado entre todos os envolvidos. O que seria inviável no modelo tradicional de dissertações e teses, em que a autoria e o processo de escrita é reservado a uma única pessoa. Assim, entendemos como Fiorentini (2019), que a pesquisa-ação é um processo cooperativo, em que os participantes cooperam com o pesquisador na realização da pesquisa, já que aqueles não colaboram efetivamente ao longo de todo o processo investigativo. Podemos dizer que a pesquisa-ação é colaborativa apenas em seu modo de trabalhar.

Thiollent (1986) distingue ainda a pesquisa-ação da pesquisa participante, que são frequentemente usadas como sinônimos. Segundo Thiollent (1986), a diferença reside no fato de que a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, ou outro, que não é esperada numa pesquisa participante.

Dentro da pesquisa-ação, podemos classificar esta pesquisa como socialmente crítica, pois trabalhamos para mudar ou contornar as limitações, buscando tornar o espaço de investigação num lugar melhor em termos de justiça social, promovendo a valorização dos indivíduos, a igualdade e compreensão, a cooperação, melhor atendimento às necessidades pessoais etc. Tripp destaca que “a pesquisa-ação socialmente crítica passa a existir quando se acredita que o modo de ver e agir “dominante” do sistema, dado como certo relativamente a tais coisas, é realmente injusto de várias maneiras e precisa ser mudado.” (TRIPP, 2005, p. 458).

Assim, ao propomos discutir Educação Financeira numa turma de pré-vestibular social, refletindo sobre diversos aspectos sociais e econômico-financeiros, estamos indo de encontro às ideias do capitalismo e da colonialidade, que são os sistemas dominantes, que precisam ser questionados, para que se possa considerar as opções culturais alternativas, que atendam aos interesses das classes sociais menos favorecidas.

3.20 pré-vestibular social

O Pré-Vestibular Social para Negros e Carentes da Pastoral da Juventude é um curso que busca preparar alunos negros e de baixa renda para ingressarem nas

principais universidades públicas. O curso funciona nas dependências da Catedral Diocesana de Santo Antônio, uma importante igreja católica do município de Duque de Caxias.

Segundo os coordenadores, o curso nasceu do encontro de três linhas ideológicas fundamentais: o Materialismo histórico e Dialético⁴, o Movimento Negro⁵ e a Teologia da Libertação⁶. O pré-vestibular tem um compromisso ético e social, pois busca diminuir as desigualdades sociais, oferecendo condições para que indivíduos marginalizados pela sociedade possam pleitear por vagas em universidades públicas, concorrendo com estudantes da rede privada. Além de ser um trabalho militante, que busca fortalecer a cidadania, enfrentar as barreiras do preconceito e conscientizar a cerca do papel exercido na sociedade, proporcionando a comunicação e o intercâmbio de experiências entre professores e alunos.

O pré-vestibular tem gerado bons resultados, o que justifica a sua existência por mais de duas décadas, tendo sido fundado em 1994. Muitos ex-alunos do curso conseguiram ingressar em universidades públicas, ou obter bolsas de estudo integral pelo PROUNI para estudar em universidades particulares. Alguns dos professores e coordenadores do curso já foram ex-alunos do pré-vestibular e hoje colaboram com o projeto, revelando assim o efeito multiplicador desta ação.

A seleção dos estudantes ocorre por meio de entrevista e análise da disponibilidade de horário dos candidatos, pois é necessário estar presente nas aulas que ocorrem de segunda à sexta, de 19h às 22h, e também aos sábados, de 8h às 14h. As aulas se iniciam em março e vão até a data da prova discursiva do vestibular da UERJ, que costuma ser em novembro. Durante a entrevista é

⁴Segundo Alves (2010), o Materialismo histórico e dialético pretende ser, ao mesmo tempo, o fim da filosofia e o início de uma nova filosofia, que não se limita a pensar o mundo, mas pretende transformá-lo.

⁵ “O Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural.” (DOMINGUES, 2007, p. 100).

⁶De acordo com Noronha (2012), a Teologia da Libertação nasceu na Igreja Católica, como resposta das contradições existentes na América Latina, entre a pobreza extrema e a fé cristã de sua população. Assim, ela rompe com os conceitos tradicionais da Igreja, introduzindo ideias de igualdade social e direitos humanos.

analisada também a renda familiar, dando-se preferência pelos indivíduos cuja renda familiar é mais baixa.

Importante ressaltar que o trabalho dos professores e coordenadores é voluntário. Dos alunos é cobrado apenas uma pequena taxa, que é usada para custear despesas com transporte dos professores e compra de suprimentos (como pincel, apagador, impressão etc.).

Para a realização dessa pesquisa, solicitamos autorização à coordenação do curso, no qual apresentamos brevemente este projeto, como seriam os encontros e explicamos os benefícios que essa investigação pode trazer. Por ser professor do pré-vestibular, foi fácil fazer contato com a equipe responsável, que prontamente autorizou a realização desta pesquisa. Nos foi disponibilizado alguns horários aos sábados que estavam vagos e são usados para aulas de ética e cidadania, geralmente ministradas por algum professor de alguma disciplina de humanas.

Essa foi também uma oportunidade de um professor de Matemática ocupar um espaço que geralmente não é ocupado por professores das disciplinas de exatas, mostrando que é possível realizar um ensino de Matemática que traz um olhar mais sensível para as questões sociais e a formação dos indivíduos enquanto cidadãos.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são os estudantes que cursam o pré-vestibular social da Pastoral da Juventude, em Duque de Caxias. Alguns já haviam concluído a Educação Básica, enquanto outros ainda estavam cursando o 3º ano do Ensino Médio. Entre os que já haviam concluído a Educação Básica, a maioria concluiu recentemente, no entanto há alguns estudantes que já se formaram a mais tempo, mas desejam continuar os estudos, em busca de conhecimento, formação e melhores condições de trabalho.

A participação dos estudantes foi variável, de acordo com a presença deles nos encontros. No dia em que houve mais participantes, havia 15 alunos, enquanto que no dia em que houve menos participantes havia 5 alunos. A turma iniciou com cerca de 25 alunos, mas nem todos tinham disponibilidade para estar presentes nas aulas de sábado, pois as mesmas ocorrem durante o dia, num horário em que muitos estão trabalhando.

Antes do início da pesquisa, por questões éticas, foi solicitado aos estudantes a autorização para participação na pesquisa, sendo informado os objetivos, a metodologia a ser empregada e os benefícios. Todos concordaram e assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice E)

Os estudantes são todos moradores da cidade de Duque de Caxias, muitos residentes em favelas que existem nas proximidades do curso, oriundos de famílias de baixa renda e em sua maioria negros. Para complementar a renda familiar, muitos dos estudantes exercem algum tipo de atividade remunerada, ainda que informal, enquanto outros já são chefes de família. Duque de Caxias é uma periferia do Rio de Janeiro, ocupada majoritariamente por indivíduos que são marginalizados pela sociedade devido a condições sociais e econômicas. Quanto a periferia, entendemos como a região geográfica ao redor das áreas centrais de um aglomerado urbano, ocupada por indivíduos das camadas mais populares da sociedade.

Caxias, apesar de ser uma cidade periférica, é um espaço de contradições entre crescimento econômico e desenvolvimento social, conforme é apontado por Camaz (2015). Duque de Caxias apresenta um dos maiores Produto Interno Bruto do Brasil, chegando a ser o 7º maior entre os municípios da região sudeste, segundo relatório do IBGE, que se deve principalmente pelo refino de petróleo que ocorre na Refinaria de Duque de Caxias (REDUC).

Como reflexo da condição social e financeira, alguns dos estudantes do pré-vestibular se veem em situações na qual precisam escolher o dia em que poderão assistir aula, por não ter dinheiro suficiente para o pagamento de transporte. Além disso, também é recorrente a falta de alunos por questões de segurança, pois muitos moram em regiões que passam por constantes confrontos entre a polícia e traficantes. Essas são algumas das causas que dificultam a permanência dos alunos, fazendo com que haja uma grande evasão dos estudantes. Podemos citar ainda a dificuldade em conciliar trabalho com as atividades do pré-vestibular, além dos alunos que são aprovados em alguma universidade através das reclassificações que ocorrem ao longo do ano, no caso de alunos que prestaram o vestibular no ano anterior. Dos cerca de 25 alunos da turma de 2019, apenas 12 alunos puderam permanecer até o final do curso.

Dos alunos que permaneceram, 8 alunos prestaram o vestibular para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Destes, 7 foram aprovados na

UERJ, sendo as aprovações nos cursos de Pedagogia, Matemática, Psicologia, Economia, Geografia e Administração. Todos os alunos também pleitearam vagas nas universidades federais pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), havendo 4 aprovações, sendo as aprovações nos cursos de Administração, Gravura, Computação e Musicoterapia.

Importante destacar que o sucesso dos alunos no vestibular não se deve apenas ao trabalho feito pela equipe de docentes e coordenadores do pré-vestibular, mas principalmente à lei de cotas, que possibilita aos estudantes negros, de baixa renda e oriundos de escolas públicas, o acesso por vagas reservadas através das cotas, que buscam amenizar as injustiças sociais, educacionais e econômicas. A UERJ foi pioneira na implementação do sistema de cotas no acesso à universidade, existindo desde 2003, contando ainda com uma outra ferramenta de apoio, a bolsa permanência, que fornece uma ajuda de custo mensal para que os estudantes de baixa renda consigam se manter dentro do espaço universitário.

3.4 Os instrumentos da pesquisa

Para esta pesquisa, optamos por realizar um intervenção de ensino, na qual inicialmente aplicaremos um questionário para buscar entender o que os estudantes pensam sobre o tema, antes que seja feita qualquer intervenção que possa influenciar nos resultados. Após a aplicação do questionário, tivemos cinco encontros com os estudantes, a afim de discutir temas pertinentes a Educação Financeira, que os permitissem refletir e produzir significado sobre as situações apresentadas. No último encontro foi aplicado um outro questionário, a fim de analisar o impacto da intervenção na formação desses sujeitos e outros aspectos que não puderam ser analisados no primeiro questionário.

3.4.1 Questionário inicial

O questionário inicial é composto por 16 perguntas, sendo 8 que buscam analisar o perfil socioeconômico dos estudantes e outras 8 que estavam diretamente relacionadas à Educação Financeira. Nessas últimas, buscamos identificar as concepções e expectativas dos estudantes ao discutir essa temática. Os estudantes

tiveram uma hora para responder ao questionário. Veja no quadro 4, as perguntas que compuseram o nosso questionário inicial:

Quadro 4 - Perguntas do questionário inicial

1	Nome (pseudônimo):
2	Faixa etária: (a) Até 20 anos (b) 21 a 29 anos (c) 30 a 39 anos (d) 40 a 49 anos (e) Acima de 50 anos
3	Profissão
4	Quantas pessoas moram na sua casa, contando com você?
5	Entre os moradores da sua casa, quantas pessoas exercem algum tipo de trabalho remunerado, incluindo você?
6	Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (A) Nenhuma renda. (B) Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00). (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,00 até R\$2.994,00). (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994,00 até R\$5.988,00). (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$5.988,00 até R\$ 8.982,00). (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$8.982,00 até R\$11.976,00). (G) Acima de 12 salários mínimos
7	Quem são os principais responsáveis pelo provimento financeiro da sua família?
8	Quais as profissões exercidas pelos responsáveis pelo provimento financeiro da sua família?
9	Você já ouviu falar em Educação Financeira? _____ Em caso afirmativo: Onde? O que foi discutido?
10	O que é Educação Financeira para você?
11	Como você aprendeu o modo de pensar a cerca do uso do dinheiro?
12	A Educação Financeira pode lhe auxiliar no cotidiano? Como?
13	A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de família endividadas? Como?
14	Quais são as possíveis causas que levam as famílias a se endividarem?
15	Em relação ao consumo, você se considera uma pessoa disciplinada ou muito consumista?
16	Quais temas que você gostaria de aprender em Educação Financeira?

Fonte: O Autor, 2020.

O questionário é composto por perguntas abertas, pois assim como Castro, Ferreira e Gonzalez (2013), entendemos que elas dão liberdade aos participantes, para que se expressem, valorizando assim as falas e opiniões de cada indivíduo. Apenas duas perguntas são fechadas, as que se referem a idade e a renda familiar. Nesses dois casos, optamos por estabelecer faixas. Quanto ao nome, solicitamos que utilizasse um nome fictício, a fim de preservar as identidades dos estudantes.

3.4.2A intervenção de ensino

A intervenção ocorreu em 5 dias distintos, após a aplicação do questionário inicial, no ano de 2019. Em cada encontro optamos por discutir um tema diferente. Buscamos realizar as atividades de acordo com o tempo que nos foi disponibilizado pela coordenação do curso. O primeiro e o terceiro encontro tiveram duração de 2 horas cada, enquanto que os demais encontros tiveram duração de 1 hora cada um. Para o registro dos dados, solicitamos aos participantes a autorização para a gravação do áudio, que nos foi concedida em todos os encontros. Utilizamos também um diário de bordo, no qual realizamos anotações que nos ajudaram posteriormente a relembrar os momentos mais importantes que ocorreram em cada encontro, para que pudéssemos fazer a transcrição da áudio-gravação e analisar. Detalharemos a seguir as atividades que ocorreram em cada encontro.

3.4.2.1 O consumo na sociedade Líquido-moderna

Iniciamos a aula discutindo sobre o que leva os indivíduos a se endividarem, apresentando os dados sobre o percentual de famílias brasileiras endividadas. Após a reflexão e discussão, incitamos uma discussão sobre o consumo na sociedade contemporânea, apresentando brevemente algumas ideias de Bauman (2008): (i) o indivíduo como mercadoria, (ii) o consumo atrelado a felicidade, (iii) a diferença entre consumo e consumismo, (iv) o papel da mídia, (iv) a naturalização do consumo e (v) as consequências que um consumo irracional pode trazer.

Buscamos a todo instante incentivar que os estudantes participassem da discussão, dando liberdade para que se expressassem e pedindo que trouxessem

exemplos de situações que se relacionavam com o que estávamos discutindo. Após a discussão, realizamos uma atividade denominada “a teia da economia”, proposta por Silva (2018), que detalhamos a seguir.

Atividade: Teia da economia.

- Objetivo: Reconhecer os próprios comportamentos financeiros e refletir sobre atitudes que são ou não benéficas para a saúde financeira.
- Organização da Classe: Dispor os alunos formando um círculo.
- Material didático: Um rolo de barbante.
- Procedimento: Iniciar perguntando se os participantes conhecem algum tipo de atitude que as pessoas têm, que as fazem desperdiçar dinheiro. É necessário estimulá-los para que tragam diversos exemplos, desde o mais simples, até atitudes mais complexas. Após a conversa, cada participante deve pensar em algo que faz e que não contribui no caminho para uma vida financeira saudável. Quando todos já estiverem pensado em alguma atitude, o professor segura a ponta do barbante, conta uma atitude sua que não contribui para as suas finanças e então passa o rolo de barbante para um aluno, mas continua segurando a ponta do barbante. Cada um deverá falar uma atitude sua que não ajuda a economizar em casa e passar o rolo do barbante para algum dos participantes. Cada participante que receber o rolo deve falar uma atitude sua, ficar segurando o fio do cordão e jogar o rolo para outro participante. Num determinado momento, após todos os participantes falarem, terá se formado uma teia, em que cada um dos participantes segura uma das partes do fio.
- Para refletir ao fim da atividade: Quando não cuidamos de nossas atitudes, a vida financeira da família fica assim, um emaranhado. E da mesma forma como não se sabe de onde vem e para onde vão os fios, se não prestarmos atenção à forma como agimos, não conseguiremos economizar em nossa casa.

3.4.2.2 Orçamento doméstico

Neste encontro realizamos uma dinâmica, a fim de levar os estudantes a refletirem sobre o orçamento doméstico e a analisar que tipos de custos podem ser

reduzidos. Essa atividade foi proposta por Araújo (2019) e adaptamos, levando em consideração a realidade social dos participantes do nosso estudo. A seguir, descrevemos a atividade com mais detalhes.

Atividade: Orçamento doméstico

- Objetivo: Desenvolver a capacidade de gestão dos recursos financeiros através de uma situação-problema do cotidiano.

- Situação-problema: Rafael e Lúcia são casados e estão passando por problemas financeiros, pois todos os meses tem faltado dinheiro para cobrir as despesas, tendo que recorrer com frequência ao uso do cartão de crédito para adiar os pagamentos. Eles moram numa casa de aluguel com um filho de 10 anos. Juntos, acumularam uma dívida no cartão de crédito, que após muita negociação, foi refinanciada em 48 prestações mensais de 100 reais. Eles precisam de sua ajuda para conseguir honrar com todas as prestações, evitando que o problema se agrave. Rafael recebe R\$1.000,00 de salário e Lúcia R\$1.200,00. Veja no quadro 5 os gastos mensais da família e proponha um novo orçamento para cada categoria de despesa:

Quadro 5 - Ficha de registro da atividade sobre o orçamento doméstico.

Despesas		
	Antes	Depois
Aluguel	R\$500,00	
Alimentação	R\$450,00	
Luz	R\$150,00	
Água	R\$60,00	
Internet	R\$110,00	
Celular	R\$100,00	
Escola	R\$150,00	
Transporte	R\$200,00	
Cuidados pessoais	R\$300,00	
Gás	R\$60,00	
Passeios	R\$300,00	

Farmácia	R\$150,00	
Vestuário	R\$150,00	
Financiamento da dívida	-----	R\$100,00
Total		

Fonte: ARAÚJO, 2019, p.4. (adaptado)

- Procedimentos: Os estudantes deverão exercer o papel de consultores financeiros para ajudar uma determinada família a “sair do vermelho”, a partir da situação que foi apresentada. Após as discussões, serão definidas as atitudes que o coletivo julgou serem necessárias para que a família em questão tenha um bom planejamento financeiro e consiga sair das dívidas.

- Para refletir ao fim da atividade: Devemos estabelecer prioridades e controlar os impulsos consumistas, sabendo definir o que realmente é necessário e o que é supérfluo ou pode ser deixado para outro momento. Algumas despesas são essenciais e não podem ser cortadas, pois garantem as necessidades básicas. Além disso, é imprescindível não gastar tudo o que se ganha, para que se possa formar uma reserva de capital que poderá ser utilizada numa eventual emergência financeira, para realizar um sonho a longo prazo ou até mesmo garantir uma melhor qualidade de vida no futuro.

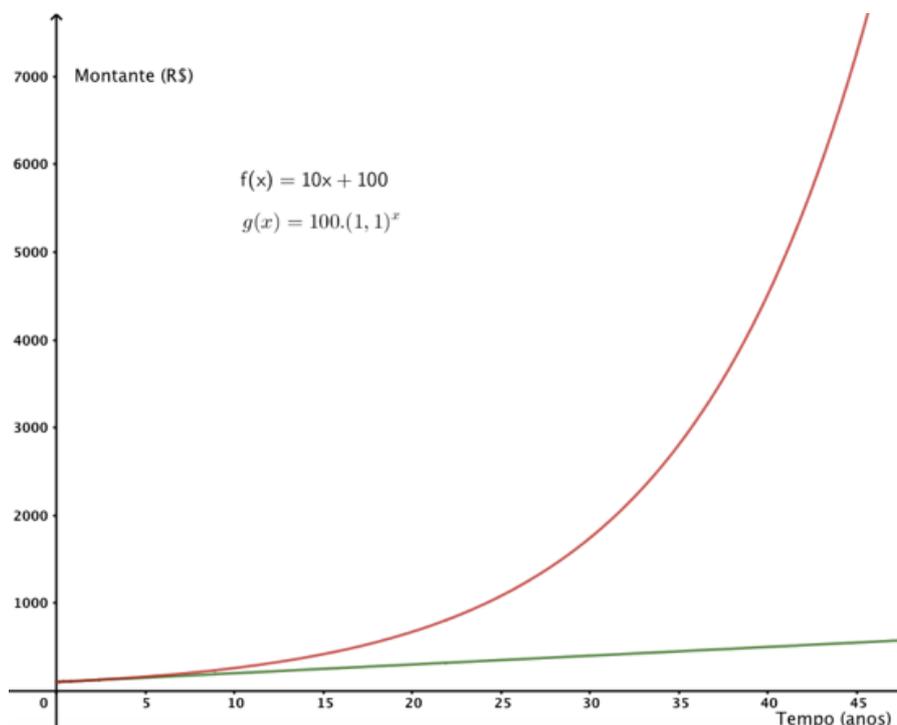
4.4.2.3 O poder dos juros compostos

Este encontro teve por objetivo analisar a taxas de juros dos bancos, tanto em situações nas quais o indivíduo aplica o dinheiro no banco, como nas situações nas quais o indivíduo deixa de honrar o pagamento de uma fatura do cartão de crédito ou utiliza o dinheiro do cheque especial.

Antes de fazer a análise, discutimos sobre o que é juros, para depois desenvolvermos as fórmulas do juros simples e do juros compostos, juntamente com os alunos. No curto prazo, é possível perceber que a diferença entre os dois tipos de juros é mínima. Para perceber o impacto no longo prazo, modelamos a situação dos juros simples a partir de uma função do 1º grau e a dos juros compostos a partir de uma função do tipo exponencial, utilizando o software Geogebra para plotar os

gráficos. Tomando como exemplo um investimento de 100 reais a uma taxa de juros de 10% ao ano, obtemos os seguintes gráficos, ilustrados na figura 3:

Figura 3 - juros simples x juros compostos



Fonte: O autor, 2020.

Quando modelamos a situação em forma de função, conforme a figura 3, fica evidente o rápido crescimento dos juros compostos no longo prazo. Após esse momento, realizamos uma rápida busca na internet a fim de encontrar as taxas de juros cobradas pelas instituições financeiras no caso de não pagamento da fatura do cartão de crédito, ou de utilização do cheque especial, que são as principais causas de endividamento, segundo dados da Confederação Nacional do Comércio. A partir das taxas encontradas, pedimos para a turma escolher um valor e a partir do valor escolhido aplicamos a taxa encontrada em diferentes períodos de tempo, a fim de analisar a evolução da dívida. Para facilitar os cálculos, utilizamos também a planilha eletrônica do Excel.

Por último, realizamos uma análise da situação oposta, ou seja, quando o indivíduo possui uma reserva financeira e deseja aplicar no banco. De forma semelhante, pesquisamos as taxas dos principais rendimentos de renda fixa e analisamos a evolução do dinheiro. No final, discutimos sobre as altas taxas cobradas pelos bancos, sobre a discrepância entre a taxa cobrada e a taxa paga

pelos bancos, como também sobre o poder que os juros compostos possuem para aumentar exponencialmente uma dívida ou um investimento.

4.4.2.4 Ética em Educação Financeira

Este encontro teve por objetivo fomentar uma discussão a respeito de questões éticas sobre as quais a Educação Financeira perpassa, mostrando que existem pessoas que ganham muito dinheiro, mas de forma reprovável e desonesta, indo contra as leis vigentes no país. Para motivar a discussão, foi apresentado um texto base, no qual os alunos tiveram um tempo para ler e depois um segundo momento para discussões, a partir de algumas questões que foram previamente levantadas. A seguir, no quadro 6, apresentamos o texto utilizado nesta atividade:

Quadro 6 –Atividade sobre corrupção

BRASILEIRO TRABALHA 29 DIAS POR ANO PARA PAGAR A CONTA DA CORRUPÇÃO, DIZ INSTITUTO

O brasileiro trabalha, em média, 29 dias por ano somente para pagar a conta da corrupção, de acordo com um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), divulgado nesta semana. Segundo a pesquisa, a corrupção consome 8% de tudo que é arrecadado no país - R\$ 160 bilhões por ano.

Para chegar a essa conclusão, o instituto levou em conta os desvios apurados pela Operação Lava Jato e processos envolvendo corrupção no Tribunal de Contas da União (TCU) e nos tribunais de contas dos estados.

O valor, de acordo com o estudo, cobriria o rombo estimado para o orçamento do governo federal, que é de R\$ 139 bilhões ou também poderia evitar, por exemplo, os contingenciamentos na educação (R\$ 29 bilhões).

De acordo com o coordenador de estudos do IBPT, Gilberto Luiz do Amaral, a corrupção no país é uma epidemia e precisa ser combatida. "É tão grande a corrupção que hoje nós temos mais de mil prefeitos ou ex-prefeitos que sofrem algum processo por corrupção, por mau uso de dinheiro público. Temos mais de 50 governadores ou ex-governadores que estão na mesma situação", afirma.

Para a força-tarefa da Operação Lava Jato, apesar do número preocupar, a tendência é a de que a corrupção diminua daqui para frente.

"Nós descobrimos grandes casos de corrupção. A tendência agora é que eles sejam combatidos e haja uma diminuição dos casos. Hoje a sociedade está mais consciente de que este é um problema que precisa ser enfrentado", avalia o procurador Júlio Noronha.

Fonte: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/06/05/brasileiro-trabalha-29-dias-por-ano-para-pagar-a-conta-da-corrupcao-diz-instituto.ghtml>

Questões para discussão:

- 1) A corrupção se faz presente apenas na política? Se a resposta for não, dê exemplos de outros espaços e situações onde a corrupção se faz presente.
- 2) O que leva uma pessoa a ser corrupta? Isso é ético e moral?

Fonte: Apêndice B. O autor, 2020.

Observe no quadro 6, que ao final da leitura do texto motivador foram levantadas as seguintes questões para discussão:

- 1) A corrupção se faz presente apenas na política? Se a resposta for não, dê exemplos de outros espaços e situações onde a corrupção se faz presente.
- 2) O que leva uma pessoa a ser corrupta?

Durante toda a atividade os alunos eram incentivados a expressarem suas opiniões sobre o que achavam do texto e apresentarem exemplos sobre situações de corrupção que ocorrem com frequência no cotidiano e passam despercebidas.

3.4.2.5 Empreendedorismo

Este encontro teve por objetivo discutir sobre o empreendedorismo⁷, dado que existe uma enorme quantidade de pessoas desempregadas na sociedade e que precisam arrumar algum meio para sobreviver. Até mesmo entre os que estão empregados, muitos empreendem como forma de complementar os baixos salários que recebem. Assim, buscamos estimular os participantes a usarem suas habilidades para gerar renda, para que possam ter uma melhor qualidade de vida e poupar para o futuro. As discussões foram fomentadas a partir do texto presente no quadro 7.

Quadro 7–Atividade sobre empreendedorismo

⁷De acordo com Barreto (1998), empreendedorismo é a habilidade de criar e construir algo a partir de muito pouco ou de quase nada. Assim, empreendedor, segundo Dornelas (2008), é aquele que encontra uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo os riscos calculados e usando a criatividade.

APÓS PERDER EMPREGO AOS 60 ANOS, ELA CRIOU FRANQUIA DE BOLOS COM MAIS DE 200 LOJAS

O senso de oportunidade e a coragem para se reinventar estão presentes na trajetória da empresária carioca Alzira Ramos, 71 anos. Fragilizada pela perda de um emprego na terceira idade, ela enxergou no mercado de bolos caseiros uma fonte de renda alternativa para sustentar a família.

De sua cozinha, saiu a primeira unidade da Fábrica de Bolo Vó Alzira, hoje uma franquia com mais de 200 unidades. Confira depoimento da empresária:

"Quando estava com 60 anos, deixei um emprego em um salão de eventos para cuidar da minha mãe. Ela estava bastante doente e faleceu pouco tempo depois.

Por causa da minha idade, não conseguia mais arrumar trabalho. Comecei a ficar desesperada: as contas continuavam chegando e não sabia como pagá-las. Meu marido tinha um pequeno comércio no centro do Rio de Janeiro.

Para me ajudar, o dono do botequim vizinho encomendou um bolo para sua clientela. O meu primeiro cliente apareceu dessa maneira. Em pouco tempo, a vizinhança passou a sentir o cheiro que saía da minha cozinha e começou a fazer encomendas.

Em menos de um ano, estava fazendo mais de 100 bolos por dia. Minha casa ficou apertada para atender aos pedidos. Então transferei a cozinha para o espaço em que ficava a loja do meu marido. Em 2008, inauguramos a primeira loja da Fábrica de Bolo Vó Alzira, no bairro da Tijuca [zona norte do Rio de Janeiro].

Sempre me considerei uma boa boleira. Mas percebi que precisava de ajuda para administrar o negócio. Então chamei o meu filho para trabalhar comigo e com o meu marido. Foi dele a ideia de expandir a operação por meio de franquias. Passamos mais de seis meses testando uma receita que pudesse ser replicada em grande escala.

Hoje estamos com mais de 200 lojas pelo país. Há dois anos, decidi vender a unidade própria para dar mais atenção aos franqueados. Comecei a atuar como uma consultora para quem está com dificuldades de produção.

Preparo algumas fornadas junto com a equipe até resolver o problema. Ganhei muita experiência trabalhando em casa. Agora sei exatamente o que dá certo ou não".

Fonte: GOMES; SEGALA, 2018.

Após os estudantes realizarem a leitura do texto presente no quadro 7, foi iniciada uma discussão, na qual os estudantes revelaram suas habilidades empreendedoras e as dificuldades encontradas ao se empreender.

4.4.3 QUESTIONÁRIO FINAL

Após a intervenção de ensino, elaboramos um questionário final (apêndice D), buscando entender que novos conceitos foram construídos, que ideias equivocadas foram desfeitas e qual foi o impacto da intervenção na Educação Financeira dos estudantes. Veja no quadro 8 as questões que compuseram o questionário final.

Quadro 8: Perguntas do questionário final

- 1 Nome (pseudônimo):
- 2 O que é Educação Financeira para você?
- 3 A Educação Financeira pode lhe auxiliar no cotidiano? Como?
- 4 A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de famílias endividadas? Como?
- 5 Quais são as possíveis causas que levam as famílias a se endividarem?
- 6 Esperava ter aulas de Educação Financeira num pré-vestibular?
- 7 Os encontro sobre Educação Financeira contribuíram para a sua formação, de algum modo? Se sim, como?
- 8 Você / sua família tem o hábito de guardar dinheiro? Se sim, como faz para guardar? Se não, por que não guarda?
- 9 Diante do atual cenário econômico e das discussões sobre a reforma da previdência, como pretende fazer para se aposentar ou conseguir sobreviver quando não tiver mais condições de trabalhar?

Fonte: O autor, 2020.

Observe que algumas questões do questionário final (quadro 8) são as mesmas do questionário inicial (quadro 4), pois julgamos necessário retomá-las. Assim como no questionário inicial, os estudantes tiveram uma hora para respondê-lo, que é composto por 9 questões, todas abertas, a fim de dar mais liberdade aos estudantes.

4 ANÁLISE

4.1 Questionário inicial

Para efeitos de organização, optamos por dividir a análise do questionário inicial em dois blocos: um com as questões socioeconômicas (questões de 1 a 8) e outro com as questões sobre Educação Financeira (questões de 9 a 16). Na análise do segundo bloco, examinaremos cada questão individualmente, para que possamos nos debruçar sobre os dados e investigar as respostas dadas pelos estudantes a cada questão, trazendo, sempre que julgamos necessário, algumas das respostas para exemplificar.

4.1.1 Levantamento do perfil socioeconômico

Para preservar a identidade dos participantes, foi solicitado que eles criassem um pseudônimo, para que pudéssemos utilizar na pesquisa, se necessário, sem expor a verdadeira identidade dos participantes. Entre os nomes usados, pudemos observar nomes que expressam luta, resistência e até mesmo pertencimento a algum grupo social, como por exemplo: “clube da luta”, “Guerreiro” e “Frida Khalo”. “Clube da luta” aparenta se referir ao nome de algum espaço destinado a luta, enquanto “Frida Khalo” provavelmente é uma referência à Frida Kahlo, que foi uma importante pintora mexicana do século XX, que retratava temas e angustias pessoais, que acabou inspirando muitas mulheres, vindo a ser um símbolo do movimento feminista.

Quanto à faixa etária dos 15 estudantes que participaram do questionário inicial, 7 estudantes possuem até 20 anos, 4 estudantes possuem entre 21 e 29 anos, 2 estudantes possuem entre 30 e 39 anos e 2 possuem acima de 50 anos. Não houve nenhum estudante na faixa etária de 40 a 49 anos. Podemos observar que a maioria dos participantes está localizada nas duas primeiras faixas etárias, tendo até 29 anos de idade.

Quanto às profissões dos participantes, foram citadas: “do lar”, “estudante”, “flanelinhas”, “ajudante de pedreiro”, “assistente de RH”, “não possui ocupação”, “caixa de loja”, “desempregada”, “Agente de viagens”, “auxiliar administrativo”, “operador de moto niveladora”, “professora” e “estudante”. Duas pessoas responderam estar desempregadas, o que é reflexo dos altos índices de

desemprego no Brasil, vivenciado durante a realização da pesquisa. Houve ainda uma pessoa que respondeu “nenhuma”, sendo talvez, uma possível pessoa que também se encontra desempregada e teve dificuldade de dizer qual a profissão, ou algum estudante que ainda cursa o 3º ano do Ensino Médio e não trabalha. Durante a aplicação do questionário, uma estudante declarou que gostaria de estar trabalhando, mas que, por enquanto, encontra-se apenas estudando no pré-vestibular e que por isso iria colocar “estudante”. Duas pessoas declararam ser estudantes.

Nas questões 4, 5, 6 e 7 buscamos saber a renda familiar, quantas pessoas exercem algum tipo de trabalho remunerado na família, quantas pessoas vivem dessa renda morando na mesma residência e quem é o principal provedor.

Dividimos a renda em faixas salariais, para que não precisassem revelar a real renda de suas famílias. 3 estudantes declararam possuir renda familiar de até um salário mínimo, 7 estudantes declaram renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, enquanto 5 declararam renda familiar de 3 a 6 salários mínimos. A maior parte das famílias se concentram na faixa salarial de 1 a 3 salários mínimos.

Ao questionar sobre quantas pessoas moram na residência, tivemos a intencionalidade de analisar a dimensão da renda per capita (para cada indivíduo), pois uma pessoa que ganha um salário mínimo que vive sozinha, terá um nível social diferente de uma família com 5 pessoas que vivem com um salário mínimo. Organizamos no quadro 9 as respostas sobre a quantidade de pessoas que vivem no mesmo lar.

Quadro 9 - Número de pessoas que vivem na mesma casa

Nº de pessoas que vivem na mesma casa	Frequência absoluta
1	0
2	2
3	5
4	2
5	4
6	1
7	1

Fonte: O autor, 2020.

Utilizando medidas de tendência central, temos que a moda, ou seja, a categoria que mais apareceu foi a de casas com 3 pessoas. Mas existem também muitas casas com mais de 3 indivíduos, elevando a média para 4 integrantes por casa.

Quanto à quantidade de pessoas da casa que exercem algum tipo de trabalho remunerado, sintetizamos no quadro 10 a seguir:

Quadro 10- Quantidade de pessoas que moram na mesma casa e trabalham

Quantidade de pessoas que moram em casa e exercem algum tipo de trabalho remunerado	Frequência absoluta
0	1
1	4
2	7
3	3

Fonte: O autor, 2020.

A partir das respostas, a média é de duas pessoas que moram na casa dos estudantes e exercem algum tipo de atividade remunerada. A pessoa que afirmou que não há nenhuma pessoa da casa que trabalhe, possui rendimento através da pensão da mãe, que faleceu. Entre os principais provedores, foram citados: “mãe”, “pai”, “Eu” (o próprio estudante), “o casal”, “pensão”, “avó” e “esposo”. As profissões exercidas pelos responsáveis pelo provimento financeiro são: “autônomo”, “carregador de caminhão”, “aposentada”, “diarista”, “pensionista”, “motorista”, “Corretor de planos de saúde”, “agente comunitário de saúde”, “professora”, “auxiliar administrativo” e “gerente de posto de gasolina”.

Duas situações nos chamaram a atenção, o caso de uma família em que há 4 integrantes e todos encontravam-se desempregados e cuja renda familiar era de até um salário mínimo, proveniente do seguro desemprego, que é subsidiado pelo governo. Trata-se de uma família numa situação de vulnerabilidade, que depende única e exclusivamente de um auxílio que é provisório, com duração de poucos meses. E outro caso é o de uma família com 3 integrantes, em que apenas a mãe trabalha como diarista para levar o sustento para a família, tendo uma renda mensal de R\$600,00 (informada espontaneamente, já que não perguntamos o valor exato,

mas a faixa salarial), que é um valor bem abaixo do salário mínimo, que em 2019 era de R\$998,00.

Este levantamento socioeconômico nos permitiu conhecer melhor os participantes e a realidade social em que vivem, que é um autorretrato dos indivíduos que habitam as periferias. Em geral, famílias com aproximadamente 4 pessoas, que vivem com uma renda familiar na faixa de 1 a 3 salários mínimos e cujos integrantes ocupam trabalhos informais, sem a garantia dos direitos trabalhistas. Até mesmo os mais jovens, com idade de até 20 anos, já trabalham em profissões como flanelinha e ajudante de pedreiro, como foi citado por dois estudantes. Os principais responsáveis pelo provimento financeiro, em geral, ocupam cargos que requerem pouca instrução e estudos, mostrando que possivelmente esses estudantes serão os primeiros da família a ingressarem no nível superior.

As informações financeira desses estudantes revelam que eles não possuem, sequer, a renda mínima para viver no Brasil com acesso aos itens básicos. Conforme apontam os dados do DIEESE (2019), em junho de 2019, esta renda seria de cerca de R\$4.214,62, enquanto o salário mínimo era de R\$998,00. Assim, podemos inferir que estes estudantes ainda lutam para ter acesso ao básico, possuindo pouca ou nenhuma condição de poupança.

4.1.2 Concepções sobre Educação Financeira

As questões de 9 a 16 do questionário inicial tiveram a intenção de analisar as concepções desses estudantes sobre Educação Financeira, antes que fosse realizado qualquer tipo de intervenção. As respostas dadas a essas questões permitiram nortear nossas ações na etapa seguinte, que foi a intervenção de ensino.

Para a questão 9, que perguntava *você já ouviu falar em Educação Financeira? Em caso afirmativo, onde? O que foi discutido?*, 8 estudantes disseram sim, que já ouviram falar de Educação Financeira, 6 declararam que não, que nunca ouviram falar desse tema, enquanto uma pessoa respondeu que talvez. Das que responderam sim, disseram ter ouvido através da TV, rádio, propagandas de cursos na internet, palestra, livros, treinamento de empresa e faculdade.

Nos programas de TV e rádio, os estudantes afirmaram ter acompanhado discussões sobre as dívidas dos trabalhadores, mas sem se aprofundar sobre o

tema. Um disse ter ido a uma palestra cujo tema foi sobre planejamento familiar. Outra pessoa participou de um treinamento da empresa, onde se discutiu sobre bem estar financeiro. Aos que assistiram a alguma propaganda na internet, o curso oferecido era sobre fundos de investimentos. Um estudante declarou ainda ter lido livros sobre investimentos, economia contemporânea e gestão futura. Houve ainda um estudante que disse ter ouvido sobre o tema na faculdade, onde foi discutido sobre formas de economizar sem perder a qualidade de vida e evitar o endividamento.

Em relação à questão 10, que perguntava *O que é Educação Financeira para você?*, pudemos observar que 11 estudantes responderam que é uma forma de gerenciar, organizar, usar e administrar o dinheiro. Apenas 4 respostas fugiram a esse padrão, que apresentamos no quadro 11 abaixo:

Quadro 11 - O que é Educação Financeira para você?

Estudante	Respostas para a questão 10
Mariana	Um modo mais apropriado e consciente de utilizar o dinheiro.
Sorriso	Saber controlar as despesas e receitas de maneira que consiga viabilizar recursos para investir e que consiga fazer com que o meu dinheiro Trabalhe para mim, e não o contrário.
Guerreiro	Queria saber
Clube da Luta	É um assunto pouco comentado nos meios escolares e sociais, não é o correto. Pois utilizamos diariamente esses meios

Fonte: O autor, 2020.

Podemos observar no quadro 11, respostas que fugiram ao padrão dado pela maioria. A aluna Mariana afirmou ser “um modo mais apropriado e consciente de utilizar o dinheiro”. Destacamos o termo *consciente*, que sinaliza que ela não está preocupada apenas em usar o dinheiro, mas em utilizá-lo de forma racional e com conhecimento, evitando ser enganada pelo sistema ou tomar atitudes por impulso. Já o aluno Sorriso nos apresentou uma preocupação em investir, mas ciente de que o dinheiro pode trabalhar para ele, reconhecendo assim a importância dos juros compostos. Guerreiro, por sua vez, demonstra sua inquietação em querer saber sobre o tema, enquanto Clube da Luta revela uma realidade, que é a ausência de discussões sobre o tema. Como vimos na revisão de literatura, as discussões sobre

Educação Financeira crítica são recentes, até pouco tempo, discutir sobre dinheiro ainda era visto como um tabu em nosso país (Kistemann Jr.; 2011). Mais especificamente, a Educação Financeira foi inserida no currículo da Educação Básica através da Base Nacional Comum Curricular. Nessa realidade, um problema que se coloca é a formação dos professores. Como apontam Araújo, Barbosa e Luna (2018), os professores que estão em formação ainda possuem pouca instrução para ensinar Educação Financeira, havendo dificuldade até mesmo de diferenciar a Educação Financeira da Matemática Financeira.

Na questão 11, que questionava *Como você aprendeu o modo de pensar acerca do uso do dinheiro?*, 8 estudantes disseram ter aprendido com a prática, quando começaram a trabalhar e ter acesso ao dinheiro. Outros 3 afirmaram ter aprendido com a família, 2 afirmaram que é necessário sempre investir uma parte dos ganhos, 1 estudante declarou que o que aprendeu foi devido ao treinamento da empresa e da escola, enquanto 1 estudante afirmou que ainda não aprendeu.

A questão 12, que visava entender como a Educação Financeira poderia ajudá-los, foi perguntado *A Educação Financeira pode lhe auxiliar no cotidiano? Como?* 7 estudantes afirmaram que a Educação Financeira pode ajudar na redução dos gastos e a economizar, 5 alunos acreditam que a Educação Financeira pode auxiliar na organização e gerenciamento do dinheiro, 2 estudantes responderam que pode auxiliar através dos juros compostos e investimentos. Houve ainda um estudante que saiu do senso comum das respostas dadas pela turma, respondendo “sim, organizando o pensamento crítico acerca de prioridades”, que vai ao encontro das ideias de Bauman (2008), sobre a importância de um consumo consciente e racional.

A questão 13 se relaciona com uma realidade da sociedade brasileira, que são os altos índices de endividamento das famílias. Nela perguntamos *A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de famílias endividadas? Como?* Para essa questão, 11 estudantes declararam que a Educação Financeira pode evitar o endividamento através do planejamento do que se ganha e do quanto se gasta; dessas, 3 alertaram ainda que os indivíduos gastam mais do que ganham. Uma aluna respondeu de forma geral, que pode ajudar “com conhecimento”, mas sem especificar que tipo de conhecimento. Um estudante destacou a importância de evitar tomar dinheiro emprestado com altas taxas de juros, que como veremos mais

a frente, pode tornar uma simples dívida praticamente impagável. Houve ainda um estudante que disse que a solução está em ensinar as pessoas a economizarem.

Para a questão número 13, destacamos a resposta dada pela estudante Frida Khalo, que respondeu “Talvez, se junto com a Educação Financeira tiverem dinheiro que supra as suas necessidades básicas”. A resposta da Frida Khalo confirma as conclusões que tiramos a partir das questões socioeconômicas, na qual a rentabilidade dessas famílias é insuficiente para as necessidade básicas. Dessa maneira, o endividamento é praticamente inevitável, pois frente a qualquer imprevisto que possam vir a enfrentar, será necessário recorrer ao cartão de crédito ou empréstimos, seja para comprar alimentos, um remédio para um familiar que ficou doente etc.

Para a questão 14, *Quais possíveis causas que levam as famílias a se endividarem?*, os alunos citaram baixo salário, estruturas precárias nas áreas de saúde e educação públicas, privatizações, consumismo, gastar mais do que se ganha, gastos contando com empréstimos, desemprego, salários abaixo da média, cartão de créditos, pagamentos a prazo, não ter controle, a necessidade e compra de carro e p. Destas, as mais recorrentes foram consumismo, gastar mais do que se ganha e não ter controle. Inferimos, assim, que a maioria acaba trazendo para si ou seus provedores a culpa pelo endividamento e pelas dificuldades financeiras que passam, havendo poucas críticas aos baixos salários, ao sistema capitalista e aos altos juros que lhes são cobrados, por exemplo.

Na questão 15 perguntamos *Em relação ao consumo, você se considera uma pessoa disciplinada ou muito consumista?*, apenas 5 estudantes se declararam consumistas, enquanto os outros 10 disseram ser pessoas disciplinadas em relação ao consumo. Uma destacou ainda que pensa sempre em investir em tesouro direto ou bitcoin (moeda virtual, que teve uma das maiores valorizações da história).

Por fim, perguntamos na questão 16 *Quais temas que você gostaria de aprender em Educação Financeira?* Os temas citados foram bolsa de valores, Selic, bitcoin, consumismo, tudo o que for possível, organização, trade, administração do dinheiro, como fazer o dinheiro multiplicar, investimentos a longo, médio e curto prazo, juros simples e juros compostos, porcentagem, guardar dinheiro e lucro.

Os temas citados, em sua maioria, divergem das suas reais necessidades, pois estão preocupados apenas em investir, mas não entendemos com que dinheiro, já que ainda não possuem acesso ao básico. Destacamos também o pouco

conhecimento que os alunos possuem sobre juros e porcentagem, que são conteúdos da Matemática Financeira que são importantes para fundamentar a tomada de decisão em diversas situações econômicas, como alerta Kistemann Jr. (2011). Podemos observar que, de um modo geral, a Educação Financeira para esses estudantes se reduz apenas a discussões sobre Matemática Financeira e investimentos.

4.2 A intervenção de ensino

Nesta etapa da pesquisa, realizamos cinco encontros que tiveram como objetivo provocar nos estudantes a discussão e reflexão sobre diversos temas, nos auxiliando na busca pela construção de uma Educação Financeira Crítica, tal como sugere Kistemann Jr. (2011). Para isso, buscamos ouvir as vozes dos sujeitos, valorizando suas práticas e provocando discussões sobre o consumo na sociedade líquida moderna, a organização do orçamento doméstico, os juros compostos, a ética em Educação Financeira e o empreendedorismo. A intervenção nos permitiu compreender os problemas sociais e a realidade vivida pelos indivíduos que habitam as periferias, revelando as suas demandas específicas e nos apontando caminhos que possam promover a tomada de consciência, o desenvolvimento do raciocínio crítico e a tomada de decisões mais acertadas.

4.2.1 Teia da economia

Essa atividade teve por objetivo levar os estudantes a refletir sobre atitudes que possuem, que não contribuem para o bem estar financeiro. Para o início desta atividade, todos os participantes se dispuseram formando um círculo. A dinâmica proposta foi de que o primeiro que começasse a atividade segurasse a ponta de um barbante, revelasse uma atitude que prejudica sua vida financeira e então desenrolasse o rolo de barbante, o entregando a um colega de sua escolha, mas sem largar o barbante. A atividade só se encerra quando todos os participantes já falaram algo e conseqüentemente estão segurando o barbante, que forma um emaranhado. Ao todo, essa atividade contou com a participação de 10 estudantes. Alguns participantes receberam o rolo de barbante duas vezes, por isso tiveram a

oportunidade de dizer alguma outra atitude sua, além da mencionada na primeira vez que recebeu o barbante.

Entre as falas dos estudantes, as que versavam sobre alimentação foram as mais recorrentes, tendo sido citada por 6 estudantes. As falas abaixo, de três estudantes, exemplificam a falta de controle sobre a compra de alimentos fora de casa:

- “Eu sempre estou comendo bala, eu sempre estou comendo alguma coisa. Se deixar, se eu tiver dinheiro, eu vou comprar açaí. Tem comida em casa, mas aí a gente quer comer na rua, comer besteira”.

- “Eu gasto muito com doce. Às vezes eu venho, desço e tem uma doceira, aí eu entro. Quando eu compro e chego em casa bate, aí bate um arrependimento. Dá até raiva”.

- “Eu gosto muito de fast-food, que tem muitas promoções legais. Mas o meu problema, principalmente quando estou com dinheiro na mão, é comprar salgadinho, é certo. Parece que eu realizei o sonho do dia”.

Mesmo tendo comida em casa, eles preferem comer algo menos saudável fora de casa. Há pouca ou nenhuma preocupação quanto ao tipo de alimento que estão consumindo, estando interessados apenas em saciar a fome com algo gostoso, mas com pouco valor nutricional e que podem desencadear problemas de saúde no futuro. Além disso, há a questão dos impulsos consumistas, que alguns revelam não saberem contê-los, afirmando que se tiver dinheiro é certo comprar. Importante destacar que essas foram falas de estudantes jovens, que divergem da opinião de um outro estudante que possui uma idade mais avançada, que diz:

- “Eu cheguei a uma fase, em que os alimentos precisam ser mais apurados, já não posso mais comer tudo. Aí tenho que escolher alimentos integrais, que permitam manter uma boa alimentação, mas sem gastar muito. Pra viver bem, saudável, acaba sendo mais caro”.

Podemos observar que o tipo de alimentação consumida varia em função da idade. Ao se chegar numa idade mais avançada, quando os problemas de saúde são mais comuns de surgirem, há uma mudança alimentar e preocupação com o tipo de alimento que consome, que deveria haver também entre os mais jovens, para evitar problemas futuros de saúde.

Importante destacar ainda a questão da dificuldade que se há para manter uma alimentação saudável e equilibrada, pois como foi citado, os preços costumam ser mais altos. Assim, mesmo que se tenha o interesse em ter uma alimentação saudável, a indústria alimentícia acaba impossibilitando o acesso a esses produtos por indivíduos das camadas mais populares. Até mesmo os produtos comuns, de preços mais baixos, já são de difícil acesso, como podemos ver na fala a seguir, de um dos estudantes:

- “Eu, quando estou na rua, eu não tenho sede, eu não tenho fome, eu não posso ter vontade de nada. Eu vou onde tenho que ir e volto pra casa com tranquilidade. Quando eu tenho um real no bolso, aí eu ouço R\$1,00, aí eu quero. Quando eu ia para o trabalho de trem e ouvia 3 por R\$1,00, eu levanto a mão sem nem ver o que era. Eu tenho aquela falsa sensação de estar na vantagem, eu posso não querer agora, mas depois eu vou querer, é 3 por R\$1,00. Mas se eu estivesse na rua, visse um salgado e tiver dinheiro, eu compro”.

A partirdo relato acima, podemos observar que o acesso à alimentação fora de casa é praticamente inviável. A falta de dinheiro silencia necessidades básicas, como a de alimentação, que não pode ser realizada fora de casa. Bauman (2008) afirma que a sociedade de consumidores deseja consumidores ávidos a consumir o que lhes for oferecido, sem que se questionem sobre sua real necessidade. No caso desse estudante, entendemos que o impulso de comprar sem pensar se deva a possibilidade encontrada de poder suprir sua necessidade de alimentação com algo que esteja em seu orçamento, não se distanciando tanto da ideia apresentada por Bauman, já que entendemos que a alimentação é uma necessidade.

Quando consomem algum alimento fora de casa, é comum que se arrependam da compra, pois o dinheiro fará falta para outras coisas, como podemos observar nas duas falas a seguir:

- “Teve um dia que eu comprei no ônibus 5 jujubas por R\$2,00, mas quando cheguei em casa eu chorei tanto. Tipo, meu Deus, eu gastei R\$2,00! Como sou burra, poderia ter inteirado para a minha passagem”.

- “O dinheiro acaba fazendo falta para outra coisa mais importante. Você já come chorando, pensando no dinheiro que gastou”.

Podemos observar, a partir dessas falas, o impacto que a compra de um alimento fora de casa gera nas finanças dos indivíduos de baixa renda. No entanto, os indivíduos estão sendo tão influenciados pela cultura do consumo, como afirma Bauman (2008), que consomem sem refletir sobre as consequências, se arrependendo da compra logo em seguida. Diante dessa realidade, é importante a busca por caminhos alternativos para se alimentar quando estiver fora de casa, como levar o próprio alimento na bolsa, evitando gastos desnecessários.

Outra atitude que prejudica a vida financeira desses estudantes, que foi recorrente nas falas, diz respeito ao uso do cartão de crédito. Como vemos no discurso dos dois alunos a seguir:

- “Eu tenho um cartão de loja. Toda vez que eu vou pagar, acabo vendo um novo produto e essa conta nunca que acaba. Vai só aumentando. Agora eu estou mandando alguém para pagar para mim”.

- “Meu grande problema é com cartão de crédito, às vezes eu não tenho dinheiro, aí entro numa loja e já penso em passar no cartão. Aí passou no cartão de novo. Aí quando vem a fatura, 30, 20, já se tornou R\$300,00. Outro problema também são as compras online, aí você vê frete grátis e o coração já diz: compra!”.

Ao utilizarem o cartão de crédito sem o devido cuidado, corre-se o risco de se endividar. Segundo Kistemann Jr. (2011), os indivíduos costumam se valer apenas do valor da parcela para tomar suas decisões de compra com o cartão de crédito, mas não possuem orientações a cerca dos juros que são cobrados em caso de atraso e do impacto que essas pequenas parcelas geram no orçamento. Pequenas parcelas, que aparentam não serem ameaçadoras, podem se tornar, juntas, numa grande dívida, que se não for paga, pode levar ao endividamento. Diante do desconhecimento dos indivíduos sobre as taxas de juros e seu impacto numa dívida ou investimento, decidimos inserir esse tema no 3º encontro da nossa intervenção de ensino, que foi uma demanda trazida pelos estudantes.

Entre as mulheres, muitas alegam que compram produtos de beleza em excesso. De acordo com Bauman (2008), os indivíduos desejam vender-se para sociedade, a partir da sua boa imagem dentro da sociedade de consumidores. Com isso, muitas mulheres acabam comprometendo boa parte de seus ganhos

consumindo produtos de beleza, para que possam estar dentro dos padrões idealizados pela sociedade, como podemos ver nas falas a seguir:

- “Assim, pra ser bem sincera, eu costumo gastar mais dinheiro com maquiagem, tipo assim: batom, base, essas coisas. E às vezes, quando estou em crise de ansiedade, eu costumo comprar um salgado, um refrigerante, mas o que eu mais gosto mesmo é de gastar com maquiagem. Tenho até uma amiga que vende essas coisas, que quando a revista chega, eu entro em desespero. Teve uma vez que eu comprei batom, aí na mesma semana eu fui numa loja e comprei mais maquiagem”.
- “Então, eu gastava muito com comida mesmo. Agora eu gasto mais com coisas de mulher mesmo: hidratante, perfume... Eu nem espero o que tem lá em casa acabar. E é só isso mesmo, quando a gente não tem muito dinheiro, a gente não tem muito o que falar”.

Após as falas acima, iniciou-se uma discussão sobre a possibilidade de se fazer mistura de batom, permitindo obter novas tonalidades de cores a partir da mistura entre eles. Diante das limitações financeiras, que impossibilitam os indivíduos de periferias a serem os consumidores esperados pela sociedade, eles são forçados a recorrer a caminhos alternativos.

Na frase “quando a gente não tem muito dinheiro, a gente não tem muito o que falar”, dita por uma das alunas, expressa o fato de que esses indivíduos não possuem grande capacidade financeira para o consumo em excesso, já que seus rendimentos são insuficientes até para o básico. Ainda que tentem se inserir na sociedade de consumidores, estes são os consumidores “falhos”, segundo Bauman (2008), devido à incapacidade financeira que possuem, que os restringem no exercício do irrecusável direito de consumir, imposto pela sociedade de consumo líquido-moderna. Destacamos ainda o fato de que essa estudante não se sentiu no direito de falar, por não poder se inserir nessa sociedade de consumidores. Ao não poder participar ativamente desta sociedade, Bauman (2008) destaca que o indivíduo torna-se invisível, nesse caso, podemos observar que até o direito de fala é tirado. Assim, é importante que haja uma discussão numa perspectiva Decolonial, como propõe Walsh (2007), mostrando aos indivíduos que existem outras opções culturais alternativas ao consumismo e que permita ouvir as vozes desses sujeitos, ao invés de silenciá-los.

4.2.2 Orçamento doméstico

Esta atividade teve por objetivo discutir acerca da organização do orçamento doméstico. Para isso, deveriam exercer o papel de consultores financeiros, auxiliando uma família que gastava além do que recebia, fechando todos os meses no negativo. Assim, foi dada uma tabela com todos os gastos que a família tinha e os estudantes deveria sugerir um planejamento mensal, fazendo os cortes necessários.

Como a maioria dos estudantes informou no questionário inicial que possuía renda familiar na faixa de 1 a 3 salários mínimo, escolhemos pra essa situação hipotética uma família que ganha um pouco mais de 2 salários mínimos. Entretanto, pudemos observar, a partir dos diálogos, que o valor da renda dessa família do problema aparentava ser além da que estão habituados a lidar, visto que tiveram muita facilidade para adequar todos os gastos com um orçamento tão restrito e ainda fazer sobrar 20% da renda.

Ao realizar os cortes, pudemos observar que o acesso que possuem aos serviços é bem restrito. Algumas despesas, que são vistas por muitos como essenciais, muitos deles ainda não têm acesso, como por exemplo à internet banda larga em casa, visto que alguns alunos disseram que seria uma despesa dispensável. Outros serviços, como TV por assinatura, sequer foram mencionados.

Alguns estudantes mencionaram que têm acesso a alguns serviços como luz, água e internet sem pagar ou por um valor muito abaixo dos praticados pelas empresas que prestam esses serviços, o que nos leva a questionar sobre a legalidade desses serviços. Talvez, devido à condição financeira em que se encontram, alguns são forçados a utilizar determinados serviços de forma clandestina, como única forma de ter acesso a serviços essenciais, já que não possuem nenhuma assistência do governo quanto a isso.

Uma despesa que pesa nos custos de uma família das classes mais populares é o pagamento do aluguel, que, mesmo quando ela opta por uma habitação com custo mais acessível, isto corresponde a aproximadamente 50% do salário mínimo. Além de tudo, é uma despesa essencial, que não pode ser eliminada, assim como a alimentação.

Em relação aos gastos com farmácia, houve um estudante que sugeriu retirar esse gasto do orçamento, pois segundo ele, “filho de pobre não pode ficar doente”.

Essa fala nos faz refletir sobre a dificuldade encontrada por esses sujeitos para lidar com o tratamento de doenças, tendo que arcar com custos de medicações que não são acessíveis. De acordo com Bauman (2008) e Walsh (2007), o capitalismo preconiza as desigualdades sociais, que são fundamentais para a manutenção desse sistema. A partir do momento em que o estudante percebe sua condição de dificuldade, temos um ponto de partida para uma Educação Financeira crítica, como sugere Kistemann Jr. (2011).

Quanto ao lazer, foi um gasto que todos concordaram que poderia ser reduzido. Alguns afirmando que poderiam cortar por completo, enquanto outros enfatizaram a importância de que todo indivíduo precisa ter um momento de lazer, mesmo que com pouco dinheiro, recorrendo a opções mais econômicas.

Quanto à educação, foi unanimidade que o filho do casal hipotético da situação analisada deveria estudar em escola pública. Podemos observar que famílias de periferias necessitam dos serviços públicos para que possam se manter, pois os salários que recebem são insuficientes. É importante que o governo não só mantenha os atuais serviços de assistência à população, mas que os amplie, investindo mais em educação, saúde, programas de habitação social, espaços públicos para lazer etc., buscando amenizar as desigualdades sociais e possibilitando uma melhor qualidade de vida à população.

Após os estudantes fazerem todas as alterações e cortes no orçamento, puderam verificar que estava sobrando dinheiro. Então, começaram a fazer novas alterações, pois acharam que reduziram muito algumas coisas. Assim, resolveram aumentar os valores destinados a alimentação, lazer e vestuário, de forma a buscar utilizar todo o orçamento mensal disponível. Entretanto, um dos alunos sinalizou que é necessário ter uma folga no orçamento, para fazer alguma economia para os imprevistos que surgirem, como a compra de um eletrodoméstico, um remédio para um filho que fica doente etc. Assim, fizeram novos ajustes e deixaram uma folga de 20%, que seria para guardar.

Ao final, os alunos sugeriram investir esses 20% do salário. Ao serem questionados sobre a rentabilidade dos principais investimentos, ninguém soube informar, provavelmente porque não possuem o hábito de poupar. Após fazerem os cálculos, acharam a rentabilidade muito baixa e então discutiram sobre os altos juros que são cobrados ao se fazer um empréstimo e o valor que os bancos remuneram

quem investe algum dinheiro. Ao final, pediram que o tema fosse abordado em algum dos encontros.

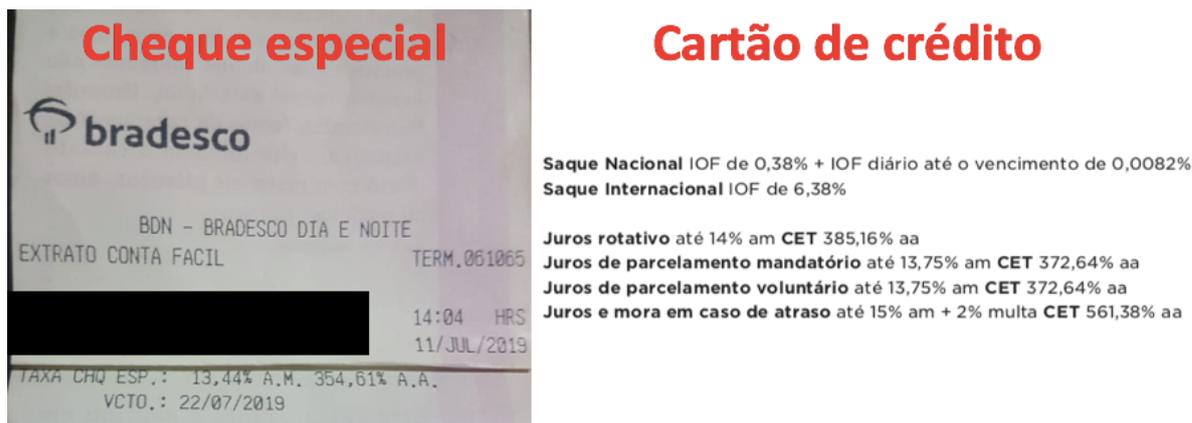
Por fim, não podemos perder de vista que o salário recebido pelos indivíduos que habitam as periferias é baixo, enquanto que a necessidade é cara. Os ajustes no orçamento doméstico, como fizemos nessa atividade, dão conta apenas de situações pontuais, não sendo uma solução efetiva no caminho para a redução das desigualdades sociais, mas que pode possibilitar uma melhor qualidade de vida, a partir do uso racional do dinheiro.

4.2.3O Poder dos juros compostos

Neste encontro, buscamos atender a uma demanda dos alunos, em se discutir sobre o spread bancário, ou seja, a diferença entre os juros que são pagos aos bancos em situações de dívidas e os juros que os bancos nos remuneram quando investimos. Para tanto, buscamos fazer uma breve revisão sobre os conceitos de porcentagem, juros simples, juros compostos, função afim e função exponencial, para que pudessem ter um aporte dos conceitos matemáticos que seriam necessários para produzir significados sobre as situações que seriam analisadas.

Em seguida, discutimos sobre as taxas que são cobradas pelos cartões de crédito em caso de atraso e pelo uso do cheque especial (crédito pré-aprovado, que fica à disposição na conta corrente). Para isso, analisamos faturas de cartões de créditos e extratos bancários, onde constam as taxas de juros que são praticadas. As taxas cobradas, em ambos os casos, foram essas apresentadas na figura 4.

Figura 4 - Taxas de juros do cartão de crédito e do cheque especial



Fonte: O autor, 2020.

Como as taxas de juros do cheque especial e do cartão de crédito eram bem próximas, optaram por fazer as projeções adotando apenas a taxa de 13,44% ao mês. Com o auxílio da tecnologia, fizemos projeções sobre a evolução de uma dívida de R\$100,00, fazendo uso de calculadora, planilhas de Excel e o software GeoGebra para plotar gráficos.

Em um ano, puderam verificar que a dívida de R\$100,00 evoluiu para R\$454,15, passando a ser aproximadamente 4 vezes maior do valor inicial. Os estudantes, em sua maioria, afirmaram desconhecer que as taxas eram tão altas. Então, continuamos com os cálculos, fazendo projeções para 2, 3, 5, 10, 20 e 30 anos.

Conforme iam fazendo as projeções, os estudantes concluíram que uma simples dívida de R\$100,00 se torna impagável em pouco tempo. Assim, puderam refletir sobre como é fácil se endividar, às vezes até mesmo para satisfazer uma necessidade básica, como citaram.

Entretanto, um estudante relatou que já passou por situações desse tipo e que escolheu pegar um empréstimo com taxas menores para pagar uma dívida do cartão de crédito. Alguns citaram ainda a possibilidade de pagar a fatura do cartão de crédito com outro cartão de crédito, através de aplicativos de pagamentos existentes no celular. Assim, é possível postergar os pagamentos para o próximo mês, sem precisar pagar juros. Entretanto, apesar de ser um caminho alternativo para não se pagar os juros, alertamos para o cuidado de que isto não se torne uma prática recorrente, pois ao adiar o pagamento de uma dívida, terá que pagar a fatura de dois meses no próximo.

Alguns estudantes afirmaram que possuem mais de um cartão de crédito, pois os limites que lhes são oferecidos são muito baixos. Os cartões, em sua maioria, são feitos em grandes lojas de varejo. Um estudante levantou ainda a questão de que existem pessoas que, por estarem com o nome sujo, não possuem acesso a nenhuma linha de crédito, e que por isso precisam recorrer a empréstimos com familiares ou até mesmo com “agiotas” (pessoas que emprestam dinheiro com cobrança de juros, sem a devida autorização do mercado financeiro, o que se configura crime), que se não pagarem, podem ter seus bens subtraídos ou até mesmo receber ameaças de morte.

Fomos questionados ainda sobre as taxas de juros, se são as mesmas para todas as pessoas. Para responder a essa pergunta, acessamos a página do segmento de alta renda de um banco, na qual pudemos observar que clientes com renda acima de 10 salários mínimos possuem alguns dias de isenção de taxa para uso do cheque especial, além disso, contam com uma maior variedade de opções para fazer investimentos. Depois, fizemos uma simulação de um empréstimo para um servidor público e para um funcionário de empresa privada, onde pudemos perceber que as taxas para servidores públicos são mais atrativas.

Na segunda etapa desse encontro, iniciamos uma discussão sobre algumas formas de investimentos que estão disponíveis no mercado. Diferenciamos os investimentos de renda fixa dos investimentos de renda variável, discutimos ainda sobre o risco, a liquidez (facilidade com que um ativo pode ser convertido em dinheiro novamente), os impostos e as taxas de juros de cada um deles. No segmento de renda variável, explicamos como funciona o mercado de ações, como ocorre o processo de compra e venda de ativos e demos exemplos de empresas que tiveram grandes valorizações e de empresas que tiveram grandes quedas, destacando a imprevisibilidade dos ganhos ou prejuízos e a necessidade de maiores estudos para aumentar as chances de se obter boa rentabilidade nesse mercado.

O mercado de renda variável se revelou como algo novo para esses estudantes. Alguns acreditavam que para se investir em ações seria necessário grandes quantias de dinheiro. Isso é reflexo da cultura que se tem no Brasil de se investir apenas na poupança, que é o tipo de investimento mais popular, que requer pouca instrução, porém que apresenta pouca rentabilidade. Além da poupança, alguns disseram conhecer os títulos de capitalizações, que funcionam como uma espécie de poupança, na qual se paga um valor mensalmente e no vencimento do

título o investidor recebe o valor pago, adicionado de uma pequena rentabilidade, que é ainda menor que a da poupança, entretanto, são realizados sorteios periódicos como forma de convencer o cliente, que acaba optando por esse tipo de investimento, contando com a possibilidade de ser sorteado.

Dentro da renda fixa, discutimos ainda sobre os títulos públicos federais, que é uma forma de emprestar dinheiro ao governo e receber uma rentabilidade ainda maior que a da poupança. Abordamos sobre os diferentes tipos de títulos públicos existentes e quais os que se adequam a cada objetivo e tipo de investidor.

Como havíamos simulado a evolução de uma dívida de R\$100,00 anteriormente, optamos por simular a mesma quantia, mas dessa vez como investidor, para que pudéssemos comparar a evolução do montante na situação em que somos devedores, com a situação em que somos credores, isto é, quando emprestamos dinheiro para o banco ou governo. Após uma rápida consulta na internet, pudemos obter as taxas de juros da poupança e dos títulos públicos, para que pudéssemos fazer as projeções. Os valores obtidos foram registrados no quadro 12 a seguir:

Quadro 12 - Evolução do montante de uma dívida e de um investimento.

Tempo (meses)	Cheque especial / cartão de crédito (13,44%a.m.)	Poupança (0,375%a.m.)	Título público (0,5% a.m.)
1	R\$113,44	R\$100,38	R\$100,50
2	R\$128,69	R\$100,75	R\$101,00
3	R\$145,98	R\$101,13	R\$101,51
6	R\$213,11	R\$102,27	R\$103,04
12	R\$454,15	R\$104,59	R\$106,17
24	R\$2.062,48	R\$109,40	R\$112,72
36	R\$9.366,64	R\$114,42	R\$119,67
60	R\$193.184,85	R\$125,18	R\$134,89
120	R\$373.203.871,80	R\$156,70	R\$181,94
240	R\$1.392.811.299.247.000,00	R\$245,55	R\$331,02
360	R\$5.198.025.695.623.910.000.000,00	R\$384,77	R\$602,26

Fonte: O autor, 2020.

A partir do quadro 12, que elaboramos juntos com a turma, os estudantes puderam perceber como funciona o injusto sistema financeiro, que cobra taxas capazes de transformar uma dívida de R\$100,00 em valores impagáveis, enquanto que ao se investir no mesmo banco, o retorno é mínimo, às vezes perdendo até para a inflação, fazendo com que o dinheiro perca o poder de compra.

Os estudantes se atentaram também ao fato de que mesmo a rentabilidade dos títulos públicos ser ligeiramente superior à poupança, no longo prazo a diferença é perceptível, apesar de no curto prazo causar pouco impacto na rentabilidade.

Por fim, outra questão levantada foi sobre a quantidade de dinheiro que se deve acumular para não precisar trabalhar nunca mais, o que é conhecido como independência financeira, isto é, quando a rentabilidade do dinheiro acumulado é capaz de arcar com todas as despesas mensais. Como é algo relativo, que depende de quanto se deseja ganhar, adotamos o salário mínimo como meta de salário a ser alcançada. Para os cálculos, consideramos o investimento em títulos públicos de longo prazo, com rentabilidade real (acima da inflação) de 3% ao ano. Para que o dinheiro não perca o poder de compra, é importante que se utilize apenas o que rendeu acima da inflação. Após os cálculos, chegamos a conclusão de que se deveriam ter aproximadamente 400 mil reais em 2019, para que pudessem estar aposentados com um salário mínimo (de R\$998,00 em 2019).

Dentro de suas realidades financeiras, os estudantes começaram a calcular se seria possível alcançar esse dinheiro em investimentos, o que acabou gerando uma certa frustração, mas afirmaram que após concluírem a graduação teriam salários maiores, que permitiriam acumular mais dinheiro.

Desta atividade, pudemos concluir que os estudantes de periferias possuem pouco conhecimento sobre as diversas formas de investimento, sendo bem restrito a opções pouco rentáveis. Quanto aos juros compostos, demonstraram-se surpresos com o potencial que eles possuem para fazer uma dívida ou investimento crescerem. Os conhecimentos discutidos neste encontro são importantes, pois poderão auxiliar os estudantes em tomadas de decisão do cotidiano, como evitar o atrasos de pagamentos e até mesmo investirem para alcançar determinados objetivos e obter uma melhor qualidade de vida. Ainda que tenham pouco potencial de economia, é melhor que tenham a consciência de sempre tentar guardar algum dinheiro, pois emergências ocorrem quando menos esperamos, e no longo prazo, os juros compostos são importantes aliados para multiplicar o dinheiro economizado.

Essa atividade também é um mote para se discutir sobre o uso do cartão, o que ele representa socialmente e se são valores de uma Educação Financeira saudável. De acordo com Bauman (2008), vivemos numa sociedade movida pelo status e pela ostentação. Portar um cartão de crédito, muitas vezes, é visto como um sinônimo de prosperidade e status social, sendo, portanto, desejado por muitos. Kistemann Jr. (2011) nos alerta para o fato de que alguns indivíduos, quanto mais possuem, mais querem gastar. Nesse caso, o limite disponível no cartão pode ser uma armadilha, pois esconde riscos que podem comprometer o bem estar financeiro, se não for utilizado com prudência.

4.2.4 Ética em Educação Financeira

Neste encontro tivemos a finalidade de discutir questões éticas pelas quais a Educação Financeira perpassa. Para motivar a discussão, foi dado um texto que abordava sobre a corrupção na política brasileira, tema que ganhou bastante relevância nos últimos anos. No entanto, não tínhamos a intencionalidade de apenas criticar a corrupção na política, mas principalmente de refletir sobre práticas que cometemos no cotidiano, que também são atos de corrupção. Além de buscar entender o porquê de muitos indivíduos serem corruptos, mesmo sabendo que não é ético e vai contra as leis.

Ao serem questionados se a corrupção está presente apenas na política, todos foram unânimes em dizer que não. Então, começaram a trazer exemplos de formas de corrupção que se fazem presente no dia-a-dia.

O primeiro exemplo a ser citado foi em relação a dirigir sem carteira de motorista e oferecer suborno ao policial para ser liberado, estando errado tanto quem ofereceu o suborno, quanto quem aceitou. Importante ressaltar que não estamos fazendo generalizações, pois há muitos policiais que trabalham de forma honesta e que precisam ser respeitados. Entretanto, essa parece ter sido uma prática comum. Um dos alunos disse ainda que:

- “Eu lembro de já ter ouvido meu pai falar que já pagou propina para polícia. Parece que pagou R\$2,00 para um cafezinho e liberaram ele”.

Mas a imoralidade reside, segundo os estudantes, até mesmo em situações mais simples, como dentro dos transportes públicos, onde muitos fingem estar dormindo para não ceder o lugar a uma gestante, deficiente físico ou idoso. O que gerou mais polêmica entre os estudantes foi em relação aos vendedores ambulantes, que na cidade de Duque de Caxias, muitos atuam de forma ilegal, sem possuir a autorização da prefeitura. Um dos estudantes declarou ainda a dificuldade que se há para se regularizar e que neste caso não há nenhuma intencionalidade de roubar ou prejudicar ninguém, como podemos ler a seguir:

- “Eu acho importante também pensar na questão do desemprego, às vezes o sistema faz com que a gente fique fora da lei, é muito complicado isso. Eu acho que corrupção é quando a gente tem consciência de que está roubando de alguém. Eu não acredito que um ambulante seja corrupto, ele está ali sobrevivendo. Sem contar que é muito difícil conseguir uma licença”.

De acordo com os estudantes, é preciso avaliar caso a caso, para que se possa dizer se uma atitude é ou não criminosa, pois há casos em que a lei rotula como criminoso pessoas pobres que desejam trabalhar para garantir o seu sustento e o da família. A seguir, apresentamos o discurso de um dos estudantes, que já trabalhou como vendedor ambulante sem a devida autorização:

- “Eu já trabalhei como ambulante. Se eu ficar desempregado, com certeza voltarei para essa informalidade. Eu não quero é morrer de fome! Está na Constituição que todo brasileiro precisa ter dignidade de acesso à moradia e alimentação. Se eu não tenho trabalho, eu não tenho nada disso. Outro problema é que a gente ainda tem que pagar dinheiro para o polícia, para poder continuar lá trabalhando de forma ilegal. Quando eu arrumei um emprego formal, soube que um mês depois prenderam todo mundo, porque não estavam dando o dinheiro que eles queriam. Eu quase fui preso, se tivesse continuado lá. Somos tratados como criminosos”.

De acordo com o relato acima, o Estado precisa garantir acesso à moradia e alimentação, viabilizado através do trabalho. No entanto, criminalizar uma pessoa que está vendendo de forma honesta é o mesmo que impossibilitá-la de poder viver dignamente. A turma enfatizou ainda a importância do governo viabilizar a regularização desses vendedores, para que possam trabalhar dentro da lei. A fala desse estudante é um avanço na percepção das desigualdades sociais, que são

provocadas pelo capitalismo, nos mostrando a que ponto podemos chegar, quando se pensa numa Educação Financeira crítica. Se professores e alunos reduzem a Educação Financeira à Matemática Financeira, todo esse debate social se perde. Assim como Kistemann Jr. (2011) e Walsh (2007), buscamos essa tomada de consciência para transformar.

Apenas foi taxado como corrupto, pela turma, o vendedor que comercializa mercadorias obtidas através de cargas roubadas ou aqueles que já possuem condições de se regularizarem, mas desejam permanecer na ilegalidade para obter maior retorno financeiro, sem pagar os devidos impostos.

Nos chamou atenção ainda o fato de que há tanta corrupção na sociedade, que quando alguém age de forma honesta acaba gerando um certo espanto, como foi narrada por uma das estudantes, que disse:

- “Ainda essa semana eu fui pegar o ônibus e o motorista me deu 1 real a mais, aí eu devolvi. O motorista ficou até espantado com a minha reação de ter devolvido, porque geralmente as pessoas não devolvem”.

Outra aluna afirmou ainda que muitas pessoas só não se corrompem por falta de oportunidade, pois se tivesse acesso a grandes quantias de dinheiro, como ocorre na política, essas pessoas acabariam enveredando no mundo do crime. Como essas pessoas não têm acesso a tanto dinheiro, optam por furtar energia, por exemplo, que é um crime mais viável de ser cometido por todos. Chegou-se então a conclusão de que os casos de corrupção que se vê na política brasileira são um reflexo da sociedade, que também é corrupta, sem generalizações, pois ainda há muitas pessoas honestas. Dentro dessa perspectiva, um estudante afirmou que:

- “Se eu fosse rico, ia querer reservar até as melhores mesas do restaurante, pra ficar num lugar melhor. Isso acontece muito. A gente só não faz isso porque não tem dinheiro. Eu mesmo, já paguei ao garçom para ficar numa mesa melhor num open bar, pra ficar perto da comida”.

Diante de toda essa discussão, buscamos refletir sobre as motivações que levam os indivíduos a se corromperem. Os estudantes entendem que as motivações que levam uma pessoa pobre a se corromper são diferentes das motivações das pessoas mais ricas. Conforme podemos observar na fala a seguir:

- “Isso é muito complicado, porque existem diversos tipos de motivações. Pra uma pessoa pobre, o que leva a ser corrupta é a necessidade. Ou vai roubar ou vai morrer de fome. Ou vou roubar, ou os filhos vão morrer. Mas se for uma pessoa rica, é mais ambição. E quanto mais eu tenho, mais eu quero. E aí rouba!”.

O que leva o pobre a roubar, segundo os estudantes, está mais relacionado a busca para conseguir suprir as necessidades básicas. Com isso, acabam furtando luz, comprando mercadoria roubada por um preço mais acessível etc. Entretanto, destacaram haver situações em que nem é possível consumir um produto sem ser fruto de roubo, pois o serviço só é oferecido desta maneira em algumas regiões da cidade, como podemos observar na fala a seguir:

- “Tem um amiga minha que mora num lugar que é comandado por facção, que a internet não entra lá. Aí os próprios traficantes estão cobrando 100 reais por apenas 5 megas, o que é muito caro. É igual milicianos, eles estão extorquindo os próprios moradores, os próprios miseráveis”.

Assim, nas periferias há situações em que se torna praticamente inviável consumir produtos e serviços legalizados. Além disso, muitos acabam consumindo frutos de roubo, mas de forma inconsciente, pois é comum encontrar espaços comercializando produtos com preço abaixo da média, mas cuja origem é duvidosa.

Outro motivo, citado pelos estudantes, é o desejo de consumo de produtos que são inacessíveis. Segundo um estudante:

-“O consumismo faz com que as pessoas se tornem corruptas e a mídia também. As pessoas querem comprar os produtos e fazem o que for possível para ter”.

Isto vai ao encontro do que Bauman (2008) discute sobre o consumo na sociedade líquido-moderna. Para se inserir nessa sociedade, muitos acabam enveredando no mundo do crime. Segundo os estudantes, esse é um fator que não se faz presente apenas nas classes mais populares, mas na sociedade como um todo. No caso dos indivíduos mais ricos, os estudantes acreditam que o desejo exacerbado pelo consumo e a ambição de querer cada vez mais acabam levando muitos a se corromperem.

Com essa atividade, pudemos refletir sobre atitudes, que às vezes passam despercebidas, mas que não são éticas, indo contra as leis em vigência no país,

configurando-se então um crime. Além disso, pudemos identificar fatores que influenciam esses comportamentos, que às vezes passam por questões de satisfação das necessidades básicas e manutenção da vida. Também é preciso que sejam resgatados outros valores, que não sejam o ter, pois o ter, muita das vezes, se sobrepõe ao ser, fazendo com que muitos indivíduos deixem de lado os seus valores, as suas crenças e até a moral. De acordo com Walsh (2007), a colonialidade do ser leva a desconstrução da identidade dos indivíduos subalternos.

4.2.5 Empreendedorismo

Nessa atividade, buscamos discutir sobre a importância do empreendedorismo na geração de renda, pois frente aos baixos salários e ao desemprego, faz-se necessário encontrar caminhos alternativos para garantir a sobrevivência. Entre os estudantes que participaram da pesquisa, alguns já empreendem, seja vendendo doces nas aulas do pré-vestibular, outros comercializando produtos de tecnologia, cada um usando as habilidades que possui para gerar renda e multiplicar o dinheiro.

De acordo com os estudantes, alguns fatores se constituem como barreiras para empreender, como o alto risco envolvido, a dificuldade para conseguir se regularizar e clientes que desvalorizam o serviço ou produto. Entretanto, entendem que esse é um caminho que pode possibilitar o alcance de rendimentos mais altos, citando vários casos de sucesso de moradores da cidade de Duque de Caxias, que assim como na situação narrada no texto motivador, conseguiram expandir o negócio.

Alguns dos estudantes veem o empreendedorismo como uma oportunidade de multiplicar o dinheiro, ou seja, um tipo de investimento, que é mais rentável que os oferecidos pelas instituições bancárias. Podemos observar isso a partir da fala a seguir, de um dos alunos:

- “E tem gente que gosta de guardar dinheiro em poupança, mas se a pessoa fizer esse dinheiro girar, ganha muito mais. É só comprar alguma coisa e vender. A poupança não dá praticamente nada. Eu mesmo, já paguei 3 vezes o meu aluguel só vendendo carregador portátil. Quando a menina falou que ia liberar a casa para eu alugar, comprei vários carregadores portáteis e saí por aí vendendo. Com o lucro,

pude pagar os 3 meses de aluguel de uma vez só. Não há nenhum investimento com uma rentabilidade tão alta”.

Podemos observar a incrível capacidade que esses indivíduos possuem para gerar renda a partir das vendas, sabendo como utilizar a engrenagem capitalista de modo favorável a suas finanças, obtendo meios para garantir o sustento a partir dele. Entretanto, os estudantes afirmam que quando ganham dinheiro, não possuem o hábito de poupar, como podemos observar nas falas a seguir:

- “O problema é que a gente até ganha o dinheiro, mas acaba gastando com outra coisa, ao invés de economizar”.

- “Outra coisa que chama atenção agora nesse fim de ano, é o povo gastando o dinheiro do 13º. Aí a galera se junta e aluga casa de praia para o réveillon e carnaval. Sem contar que é muito caro, mesmo dividindo. O pessoal já está pensando em gastar o dinheiro que nem recebeu ainda, ao invés de pagar as dívidas”.

- “Teve um amigo que foi para Ilha Grande, que é pobre, mas alugou uma câmera por R\$250,00 reais, só pra tirar boas fotos debaixo da água. Ele poderia ter comprando uma capa à prova de água e usar a câmera do celular”.

- “Pior é no início de mês, que o pessoal da empresa acaba de receber e vai comemorar bebendo. Chegam na festa e já dividem uma bebida de R\$200,00, só para impressionar. Nem meu chefe joga dinheiro fora desse jeito, ele é bem humilde”.

Como podemos observar, essa atividade acabou tomando outro direcionamento, retornando a discussão inicial sobre o consumo, que foi o tema do primeiro encontro. Entendemos que a fuga do tema proposto se deva ao fato de que nem todos os estudantes se identificam enquanto empreendedores, pois este é apenas um modo de sobrevivência ou usado como complemento de renda de alguns dos participantes, soma-se a isso as dificuldades encontradas para sobreviver tentando empreender, pois não possuem a infraestrutura adequada e os recursos são escassos. As falas mostram a influência do consumo, que de acordo com Bauman (2008), leva os indivíduos a desejarem consumir suas riquezas de imediato, para que possam se mostrar para a sociedade que são pessoas bem sucedidas, a

partir do que possuem. Com isso, a maioria dos indivíduos faz poucos planos para o futuro e pouco se questionam sobre essas questões, que segundo Kistemann Jr. (2011), são essenciais para que se possa pensar numa Educação Financeira crítica. A seguir, apresentamos algumas falas que retratam essa realidade:

- “A gente passa tanto tempo atolado com tantas coisas, preocupados com trabalho, entrar na faculdade e conseguir sobreviver, que a gente acaba nem parando para pensar sobre essas coisas que estamos conversando. Somos bombardeados com tanta informação, que mal dá tempo da gente pensar. A gente se preocupa só com o agora, esquecendo que um dia vamos ficar velhos”.

- “Eu tenho 21 anos, mas ninguém fala essas coisas com a gente. Meus pais e meus tios só perguntam, vai casar quando? Vai ter filho quando? Ninguém nos pergunta, você já pensou em se aposentar? Como é que vai ser sua vida no futuro?”.

As falas acima mostram que o direito de pensar dos indivíduos são negados. De acordo com Walsh (2008), há uma imposição cultural sobre como se deve pensar e agir, sem que se questione sobre o funcionamento desse sistema capitalista, que perpetua as desigualdades sociais, sendo essa uma forma de colonialidade, na qual as demandas sociais desses indivíduos são ocultas, em prol do consumismo e hegemonia das classes sociais mais privilegiadas.

Esse encontro nos permitiu entender a importância do empreendedorismo na vida dos estudantes investigados, que possuem uma história de vida empreendedora. Para lidar com os baixos salários, o desemprego e até mesmo se inserir nessa cultura do consumo, precisam buscar caminhos alternativos que lhes assegurem a sobrevivência. Empreendendo, esses sujeitos são capazes de multiplicar o dinheiro, obtendo ganhos muito acima dos principais investimentos disponíveis no mercado. Entretanto, é preciso que haja uma consciência para a importância de se economizar parte dos ganhos obtidos e possam refletir sobre consumo, evitando gastos desnecessários.

4.3 Questionário final

No questionário final, realizado após os cinco encontros da intervenção de ensino, buscamos analisar de que forma a intervenção auxiliou na construção de novos conceitos, por isso optamos por colocar algumas questões semelhantes ao do primeiro questionário, para que possamos comparar se houve alguma transformação nas concepções. Deste questionário final participaram apenas 7 alunos, a redução de alunos na pesquisa se deve a evasão de estudantes que ocorre ao longo do ano, por motivos que já mencionamos.

A primeira questão solicitava apenas que escolhessem um pseudônimo, para que pudéssemos utilizar nessa pesquisa, sem identificá-los. Os nomes adotados nesse questionário não são os mesmos que foram utilizados no questionário inicial, pois eles não lembravam mais qual nome haviam usado no anterior, então optaram por criar novos pseudônimos. Dois estudantes deixaram essa parte em branco, então atribuímos pseudônimos para se referir a eles.

Sobre a questão 2, que perguntava *O que é Educação Financeira para você?*, as respostas dos 7 estudantes foram semelhantes, conforme podemos ver no quadro 13 a seguir:

Quadro 13 - Questão 2 do questionário final

Estudante	O que é Educação Financeira para você?
João	É saber lidar com despesas de modo que você consiga guardar dinheiro no final do mês e saber investir seu dinheiro em coisas úteis.
Carlos	Educação Financeira é a forma prática de ensinar as pessoas comuns sobre como controlar o seu dinheiro, se planejar financeiramente e ter sempre algum “fundo de garantia”, seja financeira ou socialmente.
Gabriela	É algo que te orienta em questões de dinheiro, como não gastar muito.
Maria	É o estudo das finanças, como administrar o dinheiro e investimentos.
Sophia	É saber como gerenciar, investir seu dinheiro, ter o controle e

	não cair em dívidas.
José	Prática de ensino que auxilia no controle dos gastos e auxilia na manutenção da renda.
Jeniffer	Uma forma de aprender a disfrutar do próprio dinheiro com responsabilidade e inteligência.

Fonte: O autor, 2020.

Em síntese, podemos dizer que todas essas respostas apresentadas no quadro 13, dizem respeito a uma boa administração do dinheiro, com planejamento do seu uso e investimento. Alguns indo um pouco além, falando do uso do dinheiro “com responsabilidade”, “sem cair em dívidas” etc. Analisando apenas essa questão, podemos observar que mesmo após a intervenção, na qual foram discutidos temas como consumo, orçamento familiar, ética e empreendedorismo, não houve uma mudança significativa nas respostas, se comparado com o questionário inicial.

A partir da questão 3, que começamos encontrar novas discussões dos estudantes, que foram pouco recorrentes ou não apareceram no questionário inicial. A questão 3 perguntava *A Educação Financeira pode lhe auxiliar no cotidiano? Como?* Dos 7 alunos, 4 responderam que pode auxiliar no gerenciamento do dinheiro, enquanto os outros 3 deram respostas diferentes, que apresentamos no quadro 14 abaixo:

Quadro 14: Questão 3 do questionário final

Estudante	A Educação Financeira pode lhe auxiliar no cotidiano? Como?
Gabriela	Sim, a não gastar o dinheiro com coisas desnecessárias.
Maria	Sim, no controle de gastos desenfreados e/ou desnecessários.
Carlos	Sim, lidar com nossas próprias despesas de forma consciente, tendo o propósito de economizar ou arrecadar fundos para qualquer finalidade, sabendo como se organizar e planejar é fundamental para uma vida saudável e segura.

Fonte: O autor, 2020.

As respostas de Gabriela, Maria e Carlos se aproximam, à medida que destacam que a Educação Financeira pode auxiliar no consumo consciente, que foi

tema do primeiro encontro da intervenção de ensino e fizemos uma ampla discussão, à luz de Bauman (2008).

Para a questão 4, *A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de famílias endividadas? Como?*, todos responderam que sim. 3 estudantes destacaram que uma maneira de reduzir os altos índices de endividamento é com orientações, palestras e discussões sobre o tema nas escolas, como vemos no quadro 15 abaixo:

Quadro 15 - Questão 4 do questionário final

Estudante	A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de famílias endividadas? Como?
Gabriela	Sim, com orientações.
Carlos	Claramente. Se os alunos da rede pública tivessem acesso a aulas de Educação Financeira na escola ou se, em algum momento na educação básica no Brasil, as pessoas pudessem ser estimuladas a terem uma boa relação com as suas economias, muitos problemas seriam evitados.
Maria	Sim, através de aulas/palestras e orientações, famílias poderão ter o mínimo de conhecimento para saber administrar dinheiro e outras finanças.

Fonte: O autor, 2020.

Essas respostas apresentadas no quadro 15 destacam a importância de se educar financeiramente os indivíduos, para que esses possam fazer escolhas mais acertadas, em relação às suas finanças, evitando assim o endividamento.

Ainda na questão 4, o aluno José afirmou que “com cortes, controle e manutenção do orçamento” é possível reduzir os altos índices de endividamento, que vai ao encontro do que foi discutido no segundo encontro, em que foi desenvolvida uma atividade sobre o orçamento doméstico. Entretanto, cabe ressaltar que realizar cortes no orçamento nem sempre é um caminho possível, já que em famílias de baixa renda não se há acesso ao básico, não tendo assim “excessos” no orçamento que permitam ser cortados. Ainda assim, o controle do orçamento deve ser realizado, para que se tente ao menos gastar menos do que se ganha, evitando assim contrair dívidas.

Jeniffer apontou um outro caminho possível para se contornar o problema, que é “gerando mais renda” e “cortando despesas desnecessárias”. No último encontro da intervenção foi discutido sobre o empreendedorismo, onde pudemos encontrar caminhos para gerar renda utilizando as aptidões que cada um possui, se formalizando como microempreendedor. Em um país onde os índices de desemprego estão altos, em muitos casos se faz necessário encontrar caminhos alternativos para se ganhar dinheiro e o empreendedorismo é um deles.

Na questão 5, que se pergunta *Quais são as possíveis causas que levam as famílias a se endividarem?*, foram apresentadas as repostas que seguem no quadro 16 a seguir:

Quadro 16 - Questão 5 do questionário final

Estudante	Quais são as possíveis causas que levam as famílias a se endividarem?
Jeniffer	Irresponsabilidade e situações de emergência inesperada
João	Fácil acesso ao crédito bancário, mídia influenciadora e salário mínimo incoerente com o custo de vida do brasileiro.
Sophia	Cartão de crédito, empréstimo, compras além do limite.
José	Fácil acesso ao crédito e desconhecimento dos indivíduos referentes as altas taxas de juros.
Maria	Compras além do valor do limite, parcelamentos e cartão de crédito.
Carlos	Pouca renda para se manter; consumismo estimulado.
Gabriela	Gastos com compras da casa, compras a mais no mercado, gastos com coisas que talvez não irá usar no momento.

Fonte: O autor, 2020.

A questão 5 do questionário final também estava no questionário inicial, onde pudemos observar, inicialmente, respostas de estudantes que culpabilizavam a eles próprios ou aos seus provedores pelas dificuldades financeiras que passavam. Agora, após a intervenção, podemos observar nas respostas dos estudantes, apresentadas no quadro 16, posicionamentos que demonstram que já são capazes de entender que existem outros fatores, além da falta de planejamento, que contribuem para o endividamento, como o consumismo, o fácil acesso ao crédito

com juros altos (que são desconhecidos por muitos), salário mínimo abaixo do necessário e até mesmo a mídia influenciadora, conforme os estudantes citaram.

Na questão 6, perguntamos *Esperava ter aulas de Educação Financeira num pré-vestibular?* Dos 7 estudantes, apenas 2 alunos disseram que esperavam, os demais disseram que não, um deles ainda escreveu “Não, surpreso”. Educação Financeira é um tema que é incomum de ser abordado num pré-vestibular, sendo portanto algo inesperado neste espaço, mas que além de educá-los financeiramente, as discussões também são pertinentes para o vestibular, perpassando por questões não só da matemática, como também de geografia e sociologia, que poderão munir os estudantes com argumentos para o desenvolvimento de possíveis redações sobre este tema.

A questão 7 buscava saber se os encontro de Educação Financeira contribuíram para formação dos estudantes, de algum modo. Apresentamos no quadro 17 as respostas apresentadas pelos estudantes para essa questão.

Quadro 17 - Questão 7 do questionário final

Estudantes	Os encontros sobre Educação Financeira contribuíram para a sua formação, de algum modo? Se sim, como?
Gabriela	Sim, em questões de não gastar dinheiro com coisas momentâneas.
Jeniffer	Sim, somou mais em formas de como lidar com situações de emergência e a importância do planejamento.
Maria	Sim, organizar e economizar o dinheiro.
José	Sim, alterando a minha visão sobre taxas de juros.
João	Sim, a criar argumentos para a redação e olhar a minha postura financeira para certos assuntos.
Sophia	Sim, o entendimento e conhecimento, pois tinham muitas coisas que eu não sabia.
Carlos	Sim, aprendi a economizar e planejar meus gastos.

Fonte: O autor, 2020.

Podemos observar, a partir das repostas no quadro 17, que todos entenderam ter sido relevante as discussões que foram feitas ao longo da intervenção,

contribuindo de algum modo com a formação, com destaque para questões como: planejamento financeiro, uso consciente do dinheiro, economizar e taxas de juros.

Na questão 8 tivemos a intencionalidade de saber se os estudantes guardam dinheiro e como fazem para guardar, cuja pergunta foi *Você/sua família tem o hábito de guardar dinheiro? Se sim, como faz para guardar? Se não, porque não guarda?* Dos 7 alunos, 4 não possuem o hábito de guardar dinheiro, enquanto 3 disseram que guardam. Apresentamos no quadro 18, as respostas dadas pelos estudantes:

Quadro 18 - Questão 8 do Questionário final

Estudante	Você/ sua família tem o hábito de guardar dinheiro? Se sim, como faz para guardar? Se não, por que não guarda?
Carlos	Não, infelizmente, porque ultimamente não estamos com condições para sequer juntar 10% da renda mensal.
Maria	Não, contas e dívidas
João	Não, porque nós vivemos para pagar contas
José	Não, fazemos XXXX (incompreensível) rotativos
Gabriela	Sim, separando o troco dos transportes públicos, dos lanches, etc.
Jeniffer	Eu sim, minha família nem tanto. Se recebo uma quantia x, separo uma parte para despesas, uma para gastos cotidianos e outra eu guardo.
Sophia	Sim, a gente divide o dinheiro para pagar contas e etc. Depois guardamos sem se prender em compras fúteis.

Fonte: O autor, 2020.

Entre os que afirmaram não guardar dinheiro, o principal motivo alegado são as contas e as dívidas. Maria ainda enfatizou que vivem para pagar contas. Entre os que guardam, Gabriela separa o troco recebido no pagamento dos lanches e de transportes públicos. Enquanto Jeniffer separa uma parte de todo o dinheiro que recebe e guarda. Sophia, guarda, mas aparenta guardar apenas o que “sobra”, pois primeiro realiza todos os pagamentos, para depois guardar.

Por último, na questão 9, perguntamos *Diante do atual cenário econômico e das discussões sobre a reforma da previdência, como pretende fazer para se*

aposentar ou conseguir sobreviver quando não tiver mais condições de trabalhar?

As respostas são apresentadas no quadro 19:

Quadro 19 - Questão 9 do questionário final

Estudante	Diante do atual cenário econômico e das discussões sobre a reforma da previdência, como pretende fazer para se aposentar ou conseguir sobreviver quando não tiver mais condições de trabalhar?
Sophia	Abrir meu próprio negócio, como: produtos de limpeza artesanal etc.
Jeniffer	Investimentos, empreendedorismo, horta, artesanato, etc.
Gabriela	Guardando o dinheiro numa poupança
Carlos	Ainda não sei! Espero ter estabilidade financeira trabalhando no que gosto até lá!
José	Viso entrar no mercado como micro empreendedor
João	Se possível, pagar o INSS como autônomo a partir de 2020.
Maria	Fazer meu próprio negócio.

Fonte: O autor, 2020.

As respostas apresentadas pelos estudantes no quadro 19 apontam que um dos caminhos para conseguirem um dia se aposentar é empreendendo. A Gabriela destaca ainda que pretende guardar dinheiro na poupança, demonstrando pouco conhecimento sobre a diversidade de investimentos que existem, já que a poupança não é o investimento mais adequado para se fazer no longo prazo. Jeniffer citou o cultivo de uma horta, que é uma forma alternativa de se alimentar de modo mais saudável, livre de agrotóxicos e gastando menos. João, por sua vez, vê a aposentadoria pública como única forma viável de se aposentar, mas em 2019 ainda não estava contribuindo para o INSS⁸. Enquanto Carlos, está otimista em obter estabilidade financeira, trabalhando no que gosta.

Nessa última etapa da pesquisa, podemos perceber que após todas as discussões que ocorreram durante a intervenção, algumas concepções

⁸Instituto Nacional do Seguro Social

equivocadas foram desfeitas e os estudantes puderam ampliar seus conhecimentos sobre o tema e desenvolver o raciocínio crítico que era esperado. A seguir, tecemos nossas considerações finais sobre essa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente seção trata das considerações finais, na qual faremos uma sinopse da trajetória da pesquisa e dos seus resultados encontrados. Em seguida, com base nesses resultados, responderemos às questões de pesquisa que motivaram a realização deste estudo. Por fim, faremos algumas sugestões para futuras pesquisas, que podem revelar-se a partir desse estudo.

Na análise dos questionários e de cada atividade da intervenção de ensino, fomos elaborando conclusões parciais de nossas reflexões sobre as concepções dos estudantes, como estes operam na sociedade e como tomam suas decisões. O conjunto dessas conclusões nos permitirá compreender as possíveis contribuições de nosso estudo para a construção de uma Educação Financeira que atenda às necessidades dos indivíduos pertencentes às classes populares. Assim, entendemos ser necessário apresentá-las de maneira sintetizada e integradas, ao longo desta seção.

A trajetória da pesquisa

A presente pesquisa teve por objetivo investigar as concepções sobre Educação Financeira de estudantes de um pré-vestibular social. Os sujeitos são moradores de Duque de Caxias, que é uma cidade periférica no estado do Rio de Janeiro, ocupada majoritariamente por indivíduos das camadas populares da sociedade. Através da pesquisa, esses estudantes passaram por uma planejada intervenção de ensino sobre o tema, que ainda é pouco discutido, mas que já deve fazer parte do currículo da Educação Básica, conforme as orientações da Base Nacional Comum Curricular.

Este trabalho se justifica pela importância de dar visibilidade aos estudantes de periferias, entendendo a realidade em que vivem, para que então se possa pensar num currículo de Educação Financeira que os atenda. Questionamos nesse estudo o que vem sendo proposto nos documentos oficiais, pelas instituições financeiras e grandes organizações mundiais, como a OCDE, que perpetuam a ideia de indivíduo consumidor e reduzem a Educação Financeira à Finanças pessoais, sem apresentar criticidade e uma olhar aos sujeitos das periferias.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, desenvolvemos um planejamento que envolveu algumas etapas. Primeiramente, esclarecemos o interesse e a justificativa para realizarmos essa pesquisa. Depois, apresentamos a problemática e a questão da pesquisa. A partir da revisão de literatura, pudemos analisar o que a comunidade científica já produziu sobre o tema, para que pudéssemos situar a nossa pesquisa, buscando dar continuidade ao que já foi produzido.

A investigação teve como base as pesquisas realizadas por Kistemann Jr. (2011) sobre Educação Matemática Crítica e Educação Financeira, a discussão sobre o Consumo na sociedade líquida moderna de Bauman (2008) e a Pedagogia Decolonial de Walsh (2007), que forneceram os subsídios necessários para a elaboração e análise de nossa pesquisa.

Através das ideias apresentadas por esses teóricos e pelas pesquisas presentes na revisão de literatura, definimos o método de pesquisa. Assim, realizamos uma pesquisa-ação, composta de três partes: a primeira por um questionário inicial; a segunda, correspondeu à implementação de uma intervenção de ensino composta por 5 encontros; e, a terceira, à aplicação de um questionário final, para identificar as possíveis contribuições obtidas através da intervenção.

Após a pesquisa de campo, realizamos a análise, do ponto de vista qualitativo, a partir dos dados obtidos através dos questionários e das transcrições das áudio-gravações, visando identificar suas concepções, como tomam suas decisões e como operam na sociedade.

Síntese dos principais resultados

Discutiremos a seguir, resumidamente, os principais resultados que obtivemos no capítulo da análise de dados.

Em relação ao questionário inicial, pudemos conhecer o perfil socioeconômico dos sujeitos e suas concepções iniciais sobre Educação Financeira, antes que fosse realizado qualquer tipo de intervenção que pudesse influenciar nas respostas. Os estudantes, em sua maioria, encontram-se na faixa etária de até 29 anos, a renda familiar mais comum é na faixa de 1 a 3 salários mínimos, em casas onde vivem aproximadamente 4 pessoas. Em geral, os estudantes e os responsáveis pelo provimento da família ocupam cargos que requerem pouca instrução e estudos. Há ainda uma predominância de empregos informais. Se levarmos em consideração os

dados do DIESSE (2019), que afirma ser necessário um pouco mais de 4 salários mínimos para viver com acesso aos itens básicos, podemos inferir que esses estudantes ainda lutam para ter acesso ao básico, possuindo pouca ou nenhuma condição de poupança.

Das concepções iniciais dos estudantes sobre Educação Financeira, todos reconhecem a importância de se discutir o tema, destacando o fato de que ainda é algo pouco ou não discutido na sociedade. Nos chamou atenção ainda o fato de que muitos trazem para si ou seus provedores a culpa pelas dificuldades financeiras que enfrentam, havendo pouco posicionamento crítico. Entre os conteúdos que acreditam serem relevantes para serem discutidos em Educação Financeira, citam apenas temas relacionados a investimentos, a organização do orçamento doméstico e a Matemática Financeira.

Na intervenção de ensino, pudemos perceber que ainda que sejam classificados como consumidores falhos pela sociedade de consumo, os sujeitos tentam se inserir nessa cultura consumista, às vezes tirando das necessidades básicas ou buscando formas alternativas para ganhar dinheiro extra. Ao terem dinheiro sobrando, são influenciados pela sociedade de consumo, elevando seus gastos, priorizando as despesas com alimentação, lazer e vestuário. Houve ainda o caso de uma estudante que não se sentiu no direito de falar, por não poder se inserir nessa sociedade de consumo, como se não pudesse haver uma opção cultural alternativa ao consumismo.

Em famílias de periferias, podemos perceber que até o acesso a alimentação é restrito, havendo a cultura de uma alimentação pouco saudável. E ainda que desejem se alimentar bem, encontram dificuldades para ter uma alimentação mais saudável, devido aos custos mais elevados que esses alimentos possuem.

Quanto ao cartão de crédito, os estudantes afirmaram desconhecer as armadilhas desse meio de pagamento, não tendo orientação a cerca dos juros que são cobrados e do impacto que pequenas parcelas geram no orçamento. Com isso, muitos indivíduos acabam se endividando em frente a uma situação de emergência, às vezes para satisfazer uma necessidade básica.

Ao discutir sobre orçamento doméstico, as discussões revelaram que os habitantes das periferias possuem um acesso restrito a serviços essenciais como luz, água, internet etc. Alguns, para terem acesso, os utilizam de forma clandestina. As famílias de periferias dependem dos serviços públicos para que possam se

manter, não podendo arcar com despesas como educação, saúde, lazer e previdência, revelando a importância dos serviços públicos na vida desses sujeitos.

Constatamos ainda que alguns estudantes puderam perceber sua condição de dificuldades, nos revelando assim um ponto de partida para a construção de uma Educação Financeira ancorada na Educação Matemática Crítica. Por possuírem baixos rendimentos, os ajustes no orçamento doméstico dão conta apenas de situações pontuais, não sendo uma solução efetiva para a redução das desigualdades, mas que pode possibilitar uma melhor qualidade de vida, a partir do uso racional do dinheiro.

Com relação aos investimentos, desconhecem a diversidade de produtos financeiros existentes, tendo conhecimentos apenas de investimentos pouco rentáveis, como a poupança e os títulos de capitalização. Entretanto, não possuem o hábito de poupar, principalmente porque o dinheiro que recebem é insuficiente para garantir o acesso às necessidades básicas.

No caminho do empreendedorismo, os estudantes alegam encontrar algumas barreiras, como a regularização do trabalho, já que o governo dificulta a obtenção da licença e ainda criminaliza quem está tentando trabalhar de forma honesta para conseguir sobreviver. Alguns dos estudantes optam por empreender porque encontram-se desempregados, ou desejam uma complementação de renda devido aos baixos salários.

Os estudantes destacam que um dos principais motivos que levam uma pessoa a se corromper é a ambição e os desejos de consumo que estão além das condições financeiras. Entretanto, entre os mais pobres, muitos se corrompem por questões de sobrevivência, buscando acesso a itens de necessidades básicas.

Destacamos ainda que alguns estudantes afirmaram que não são incentivados a refletir sobre esses assuntos que foram discutidos ao longo da intervenção, não sendo comum que se questionem sobre o funcionamento do sistema capitalista, que perpetua as desigualdades sociais e os mantém nessas condições de pobreza.

Por fim, percebemos a partir do questionário final que houve uma ampliação no que consideram ser Educação Financeira. Antes, priorizavam discussões para o consumo, investimentos e que contemplasse a Matemática Financeira. Após a intervenção, agora consideram como importante as discussões sobre o consumo consciente, geração de renda a partir do empreendedorismo e até mesmo a adoção

de um estilo de vida alternativo, como o cultivo de uma horta para se alimentar de forma mais saudável e com menor custo.

Através do questionário final ficou evidente a dificuldade que esses sujeitos possuem para guardar dinheiro, já que o que recebem, acaba sendo usado para pagar contas e comprar itens básicos, que são fundamentais para a sobrevivência. Muitos acreditam que um caminho possível para conseguir economizar algum dinheiro seja empreendendo, apesar de todos os obstáculos.

Antes, os indivíduos assumiam, sozinhos, a culpa pela condição financeira que possuem. Agora, entendem que há outros fatores, como salários abaixo do necessário, o fácil acesso ao crédito com juros altos, a mídia influenciadora, a cultura do consumismo etc. Todos acreditam ter sido relevante as discussões que foram feitas ao longo da intervenção, contribuindo de algum modo com a formação, com destaque para questões como: planejamento financeiro, uso consciente do dinheiro, economizar e taxas de juros.

Resposta às questões de pesquisa

Essa seção é dedicada à apresentação de nossa resposta à questão de pesquisa. Quando a propomos na introdução dessa dissertação, a fizemos acompanhada de duas outras questões, que são mais específicas, mas que juntas nos oferecem os subsídios necessários para responder a questão geral de nosso estudo.

Respondendo a primeira questão específica, que questionava *Como promover uma Educação Financeira numa perspectiva Decolonial, crítica e emancipatória?* Entendemos que ao se discutir Educação Financeira em grupos subalternizados pela sociedade, se faz necessário provocar reflexões que os permitam perceber a condição de dificuldade em que vivem, compreendendo as desigualdades sociais que são provocadas pelo capitalismo. É importante ainda que as práticas, saberes e necessidades desses indivíduos sejam consideradas, para que se possa resgatar os seus valores e estes possam perceber que há outras opções culturais alternativas a que é imposta pela sociedade. Sendo este o ponto de partida, para que se possa pensar numa Educação Financeira crítica. É necessário que estes indivíduos sejam instrumentalizados com conhecimentos, inclusive matemáticos, que os permitam produzir significado frente as diversas situações que

se apresentam no cotidiano, auxiliando na tomadas de decisões, estando conscientes de suas escolhas.

Na segunda questão específica, perguntamos se *as discussões que emergem sobre Educação Financeira no pré-vestibular social favorecem a construção de uma Educação Financeira que atenda as necessidades dos indivíduos de periferias?* A partir do questionário inicial, ficou evidente que a maioria dos estudantes acreditavam que a Educação Financeira deve transitar por temas relacionados a Matemática Financeira e investimentos. Entretanto, vimos através das discussões que emergiram durante a intervenção, que a Educação Financeira perpassa por questões sociais e éticas, que não podem ser ignoradas. A partir do momento em que os estudantes expuseram a realidade em que vivem, estes puderam refletir de forma crítica sobre a mesma, contribuindo para que possam tomar decisões de forma consciente de suas escolhas. Ao reduzir a Educação Financeira à Matemática financeira, toda essa discussão se perde, além de perpetuar a ideia de uma educação para o consumo, ao invés de uma educação sobre o consumo consciente. Assim, a intervenção nos auxiliou a compreender a realidade desse sujeitos, como operam na sociedade, suas percepções e como tomam suas decisões.

Por fim, retomamos agora a questão principal, *Que conhecimentos e significados são produzidos por um grupo de estudantes de Duque de Caxias ao se discutir Educação Financeira?* Para responder a essa pergunta, destacamos que a intervenção de ensino foi fundamental, pois apenas os questionários não dariam conta. Pudemos perceber que esses indivíduos vivem com orçamentos bem restritos, abaixo do que é dito como necessário pelo DIEESE (2019) para garantir as necessidades básicas. Ainda assim, conseguem viver e possuem a habilidade de fazer muito com pouco, usando a criatividade para economizar. Mas são influenciados pelo consumismo, tentando se inserir nessa sociedade de consumo, às vezes abrindo mão de uma necessidade básica para satisfazer um desejo de consumo. Entretanto, há casos em que a necessidade ou o desejo de se inserir nessa cultura consumista faz com que valores sejam perdidos, levando alguns indivíduos a se corromperem.

A necessidade os leva a tentarem uma vida empreendedora, buscando sempre caminhos alternativos em busca da sobrevivência. Contudo, o sistema dificulta que esses indivíduos possam ganhar dinheiro empreendendo de forma

honestas. Mesmo quando conseguem algum lucro, é apenas para satisfazer as necessidades pontuais, pois não possuem as condições necessárias para empreender competindo com as grandes empresas.

Outro problema que enfrentam é a dificuldade em se obter crédito. Quando conseguem, é a juros altíssimos, através de cartão de crédito, cheque especial e compras com carnês. Por desconhecerem os riscos e armadilhas envolvidos nesses instrumentos financeiros, muitos acabam se endividando, às vezes para satisfazer uma necessidade básica ou algum imprevisto, como a compra de um remédio num caso de doença.

Quando conseguem algum dinheiro extra, poucos possuem a disciplina de guardar e investir. Além disso, desconhecem a diversidade de investimentos disponíveis e o poder dos juros compostos sobre os investimentos. Ainda que não possam guardar uma quantia regularmente, é importante que tenham o hábito de guardar, mesmo que seja uma pequena quantia, sempre que for possível, para que possam ter onde recorrer num caso de emergência, não ficando reféns dos altos juros cobrados pelos bancos.

Destacamos ainda a dependência que esses indivíduos possuem de políticas públicas que assegurem educação, saúde, moradia, previdência e até mesmo lazer, já que não dispõem de dinheiro suficiente para arcar com essas despesas no setor privado.

Sugestões para pesquisa futuras

Acreditamos que os resultados dessa pesquisa podem contribuir para a discussão científica sobre a Educação Financeira escolar, particularmente no que diz respeito aos valores éticos e sociais, que são fundamentais para se pensar numa Educação Matemática Crítica. Nesse sentido, como forma de dar continuidade ao nosso trabalho, apresentamos a seguir algumas sugestões para futuras pesquisas baseadas em demandas que foram evidenciadas em nossa análise.

A primeira sugestão de pesquisa que apresentamos refere-se a elaboração de uma proposta curricular de Educação Financeira, voltada para a Educação Básica, que atenda às necessidades dos indivíduos das camadas mais populares, que são evidenciados através dessa pesquisa.

A segunda sugestão refere-se a elaboração de uma intervenção de ensino semelhante a que fizemos neste trabalho, mas numa turma de Licenciatura em Matemática. Assim poderá fornecer subsídios para que se possa pensar na construção curricular de uma disciplina de Educação Financeira para a formação inicial e continuada dos professores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. M. **O movimento das pesquisas em Educação Financeira escolar de 1999 a 2015**. Juiz de Fora: UFJF, 2015. 169p. Dissertação (mestrado profissional em Educação Matemática) – Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em Educação. **Caderno de pesquisa**, São Paulo – SP, v.5, n. 77, p. 52 – 61, 1991
- ALVES - MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES - MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998. Parte I, p. 107-188.
- ALVES, A. M. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, SP, v. 9, n.1, 2010, p. 1 – 13.
- ARAÚJO, J. M. Atividade para uma discussão da Educação Financeira na perspectiva do consumo. In: ENEM, 13., 2019. Cuiabá. **Anais...Cuiabá: SBEM**, 2019.
- ARAÚJO, J. M.; BARBOSA, G. S.; LUNA, J. M.O. Educação Financeira: crenças de estudantes de um curso de licenciatura em Matemática. **Tangram - Revista de Educação Matemática**, Dourados – MS, v.1, n. 4,p. 128 – 146, 2018.
- ARAÚJO, J. M.; BARBOSA, G. S.; SANTOS, F. M. Concepções sobre Educação Financeira entre alunos de uma escola pública da cidade de Niterói. In: ENEM, 13., 2019. Cuiabá. **Anais... Cuiabá: SBEM**, 2019.
- BARRETO, L. P. **Educação para o empreendedorismo**. Salvador: Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador, 1998.
- BARROSO, D. F. **Uma proposta de Curso de serviço para a disciplina Matemática Financeira**: Mediada pela produção de significados dos estudantes de graduação. Juiz de Fora: UFJF, 2013. 190p. Dissertação (mestrado profissional em Educação Matemática) – Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, ed. 6, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez- site.pdf>. Acesso em 10 mar. 2019

_____. **Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em 10 fev. 2020

_____. **Estratégia Nacional de Educação Financeira – Plano Diretor da Enef**. 2011. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano- Diretor-ENEF-Estrategia-Nacional-de-Educacao-Financeira>. Acesso em: 15 mar. 2019.

BRITTO, R. R. **Educação Financeira: uma pesquisa documental crítica**. Juiz de Fora: UFJF, 2012. 261f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

BRITTO, R.R.; KISTEMANN JR., M. A. Sobre um processo de legitimação da Educação Financeira: Desdobramentos de uma pesquisa documental. In: EIEMAT, 4., 2014. Santa Maria. **Anais...Santa Maria: SBEM**, 2014.

BRITTO, R. R.; KISTEMANN JR., M. A; SILVA, A.M. Sobre Discursos e Estratégias em Educação Financeira. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, v. 7, p. 177- 208, 2014.

CAMAZ, F. R. Duque de Caxias – Rio de Janeiro: Contradições entre crescimento econômico e desenvolvimento social. **Revista espaço e Economia**, ano 4, n. 7, 2015.

CANDAU, V. M. **Ressignificando a Didática na perspectiva intercultural**. GECEC. Departamento de Educação, PUC-Rio/CNPq. 2007 (relatório final da pesquisa)

CANDAU, V. M. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**. Belo horizonte, v.6, n.1, p. 15-40, 2010.

CASTRO, M.R. ; FERREIRA, G.; GONZALEZ, W. **Metodologia da pesquisa em Educação**. 1. ed. Nova Iguaçu: Marsupial, 2013

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO E BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Endividamento e Inadimplência do consumidor**. Disponível em: http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/apresentacao_peic_-_fevereiro_2019.pdf. Acesso em: 26 mar. 2019.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, Rio Claro – SP, v. 29, n. 51, 2015, p. 1-17.

D'AMBRÓSIO, U. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo – SP, v. 31, n. 1, 2005, p. 99-120.

DIAS, J. N. M. **Educação Financeira Escolar**: A noção de juros. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015, 85p.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Pesquisa Nacional de Cesta Básica de alimentos**: Salário mínimo nominal e necessário. 2019. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: 10 Jul. 2019.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileira: alguns apontamentos históricos. **Tempo**[online], vol. 12, n. 23, 2007, p. 100 – 122. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>. Acesso em 12 Jan. 2020.

DORNELAS, J. C.A. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente?. In: BORBA, M.C; Araújo, J.L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 2019,6 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 53-83.

GARNICA, A. V. M. História oral e Educação Matemática. In: BORBA, M.C; ARAÚJO, J.L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 2019, 6.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 85-105.

GOMES, T., SEGALA, M. Após perder emprego aos 60 anos, ela criou franquia de bolos com mais de 200 lojas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 04 set. 2018. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Mulheres-empendedoras/noticia/2018/09/apos-perder-emprego-aos-60-anos-ela-criou-franquia-de-bolos-com-mais-de-200-lojas.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.

KISTEMANN JR., M. A. **Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos- consumidores**. 2011. 302f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 2011

KISTEMAN JR, M. A.; ALMEIDA, D. B.; NETO, I. R. Uma experiência com Educação Financeira de Jovens indivíduos consumidores no PRÓBIC-JR-FAPEMIG/UFJF. **Revista Paraense de Educação Matemática**, Campo Mourão – PR., v. 6, n. 10, p. 223-245, 2017.

MIRANDA, P. R.; LOPES, R. J. L.; KISTEMANN JR; M. A. Um estudo sobre etnomatemática e Educação Financeira no sistema prisional. **Tangram - Revista de Educação Matemática**, Dourados – MS, v.1, n. 4, p. 4 – 22, 2018.

MUNIZ, JR. Educação financeira e a sala de aula de matemática: conexões entre a pesquisa acadêmica e a prática docente. In: ENEM, 12., 2016. São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBEM, 2016.

MUNIZ JR., I; JURKIEWICZ, S. Educação econômico financeira: Uma nova perspectiva para o Ensino Médio. In: CIBEM, 7., 2013. Montevideo. **Anais...** Montevideo: SBEM, 2013.p. 3125-3135.

NORONHA, C. U. A. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185 – 191, 2012.

RODRIGUES, C. K.; SANTOS; B. C. M.; VERDAN, B.V.; LIMA, B. S. KELLY, G. C.; FIGUEIREDO; K. B. J. Educação Financeira no currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro: Desafios em tempo de turbulências. In: ENEM, 12.,2016. São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBEM, 2016.

SANTOS, L. T.; PESSOA, C. Atividades de Educação Financeira e orientações ao professor: uma análise à luz dos ambientes de aprendizagem de Skovsmose. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO, 6., 2016. Juazeiro. **Anais...** Juazeiro: SBEM, 2016.

SILVA, Leticia Nunes. **A importância da Educação Financeira no terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**. 2018. 67f. Monografia (Graduação em Matemática) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada fluminense, Rio de Janeiro, 2018

SILVA, L. C. O.; LEITE, C.D.S.W, CARVALHO, P. S. F.; ANJOS, A. C.; BRANDÃO, H. I. M. Desvendando o Coaching: uma revisão sob a ótica da Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 2, 2018, p. 363 - 377. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000200363&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 01 fev. 2020.

SKOVSMOSE, O. **Desafios da Reflexão em Educação Matemática Crítica**. Campinas: Papirus, 2008.

SOUZA, A. F.; TORRALVO, C. F.. **Aprenda a administrar o próprio dinheiro: coloque em prática o planejamento financeiro pessoal e viva com mais liberdade**. São Paulo: Saraiva, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2 ed.,1986.

TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial**.

Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.
Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167

TRIPP, D. Pesquisa Ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31. n.3, p. 443 – 466, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em 02 fev. 2020.

WALSH, C. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: Seminário Internacional Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad, 2., 2007. Bogotá. **Anais...** Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.

APÊNDICE A – Questionário inicial respondido pelos estudantes.**Questionário**

- 1) Nome (pseudônimo): _____
- 2) Faixa etária:
 - (A) Até 20 anos
 - (B) 21 a 29 anos
 - (C) 30 a 39 anos
 - (D) 40 a 49 anos
 - (E) Acima de 50 anos
- 3) Profissão: _____
- 4) Quantas pessoas moram na sua casa, contando com você? _____
- 5) Entre os moradores da sua casa, quantas pessoas exercem algum tipo de trabalho remunerado, incluindo você? _____
- 6) Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?
 - (A) Nenhuma renda.
 - (B) Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00).
 - (B) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,00 até R\$2.994,00).
 - (C) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994,00 até R\$5.988,00).
 - (D) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$5.988,00 até R\$ 8.982,00).
 - (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$8.982,00 até R\$11.976,00).
 - (G) Acima de 12 salários mínimos
- 7) Quem são os principais responsáveis pelo provimento financeiro da sua família?

- 8) Quais as profissões exercidas pelos responsáveis pelo provimento financeiro da sua família?

9) Você já ouviu falar em Educação Financeira? _____

Em caso afirmativo: Onde? O que foi discutido?

10) O que é Educação Financeira para você?

11) Como você aprendeu o modo de pensar a cerca do uso do dinheiro?

12) A Educação Financeira pode lhe auxiliar no cotidiano? Como?

13) A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de família endividadas? Como?

14) Quais são as possíveis causas que levam as famílias a se endividarem?

15) Em relação ao consumo, você se considera uma pessoa disciplinada ou muito consumista?

16) Quais temas que você gostaria de aprender em Educação Financeira?

APÊNDICE B – Atividade sobre ética em Educação Financeira

Brasileiro trabalha 29 dias por ano para pagar a conta da corrupção, diz instituto

Estudo do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) indica que a corrupção consome 8% de tudo que é arrecadado no país; trabalho considerou desvios apurados pela Operação Lava Jato e processos em tribunais de contas.

Por Wilson Kirsche, RPC Curitiba

05/06/2019 21h10 - Atualizado há 3 meses



O brasileiro trabalha, em média, 29 dias por ano somente para pagar a conta da corrupção, de acordo com um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), divulgado nesta semana. Segundo a pesquisa, a corrupção consome 8% de tudo que é arrecadado no país - R\$ 160 bilhões por ano.

Para chegar a essa conclusão, o instituto levou em conta os desvios apurados pela Operação Lava Jato e processos envolvendo corrupção no Tribunal de Contas da União (TCU) e nos tribunais de contas dos estados.

O valor, de acordo com o estudo, cobriria o rombo estimado para o orçamento do governo federal, que é de R\$ 139 bilhões ou também poderia evitar, por exemplo, os contingenciamentos na educação (R\$ 29 bilhões).

De acordo com o coordenador de estudos do IBPT, Gilberto Luiz do Amaral, a corrupção no país é uma epidemia e precisa ser combatida.

"É tão grande a corrupção que hoje nós temos mais de mil prefeitos ou ex-prefeitos que sofrem algum processo por corrupção, por mau uso de dinheiro público. Temos mais de 50 governadores ou ex-governadores que estão na mesma situação", afirma.

Para a força-tarefa da Operação Lava Jato, apesar do número preocupar, a tendência é a de que a corrupção diminua daqui para frente.

"Nós descobrimos grandes casos de corrupção. A tendência agora é que eles sejam combatidos e haja uma diminuição dos casos. Hoje a sociedade está mais consciente de que este é um problema que precisa ser enfrentado", avalia o procurador Júlio Noronha.

Fonte: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/06/05/brasileiro-trabalha-29-dias-por-ano-para-pagar-a-conta-da-corrupcao-diz-instituto.ghtml>

Questões para discussão:

- 3) A corrupção se faz presente apenas na política? Se a resposta for não, dê exemplos de outros espaços e situações onde a corrupção se faz presente.
- 4) O que leva uma pessoa a ser corrupta? Isso é ético e moral?

APÊNDICE C – Atividade sobre empreendedorismo

APÓS PERDER EMPREGO AOS 60 ANOS, ELA CRIOU FRANQUIA DE BOLOS COM MAIS DE 200 LOJAS

Conheça Alzira Ramos, que deixou o trabalho para cuidar da mãe. Ela é a fundadora da Fábrica de Bolo Vó Alzira, que tem unidades em todo o país

04.09.2018 | Por **Thomaz Gomes e Mariana Segala**

O senso de oportunidade e a coragem para se reinventar estão presentes na trajetória da empresária carioca Alzira Ramos, 71 anos. Fragilizada pela perda de um emprego na terceira idade, ela enxergou no mercado de bolos caseiros uma fonte de renda alternativa para sustentar a família.

De sua cozinha, saiu a primeira unidade da Fábrica de Bolo Vó Alzira, hoje uma franquia com mais de 200 unidades. Confira depoimento da empresária:

"Quando estava com 60 anos, deixei um emprego em um salão de eventos para cuidar da minha mãe. Ela estava bastante doente e faleceu pouco tempo depois.

Por causa da minha idade, não conseguia mais arrumar trabalho. Comecei a ficar desesperada: as contas continuavam chegando e não sabia como pagá-las. Meu marido tinha um pequeno comércio no centro do Rio de Janeiro.

Para me ajudar, o dono do botequim vizinho encomendou um bolo para sua clientela. O meu primeiro cliente apareceu dessa maneira. Em pouco tempo, a vizinhança passou a sentir o cheiro que saía da minha cozinha e começou a fazer encomendas.

Em menos de um ano, estava fazendo mais de 100 bolos por dia. Minha casa ficou apertada para atender aos pedidos. Então transferei a cozinha para o espaço em que ficava a loja do meu marido. Em 2008, inauguramos a primeira loja da Fábrica de Bolo Vó Alzira, no bairro da Tijuca [zona norte do Rio de Janeiro].

Sempre me considerei uma boa boleira. Mas percebi que precisava de ajuda para administrar o negócio. Então chamei o meu filho para trabalhar comigo e com o meu marido. Foi dele a ideia de expandir a operação por meio de franquias. Passamos mais de seis meses testando uma receita que pudesse ser replicada em grande escala.

Hoje estamos com mais de 200 lojas pelo país. Há dois anos, decidi vender a unidade própria para dar mais atenção aos franqueados. Comecei a atuar como uma consultora para quem está com dificuldades de produção.

Preparo algumas fornadas junto com a equipe até resolver o problema. Ganhei muita experiência trabalhando em casa. Agora sei exatamente o que dá certo ou não”.

Fonte: <https://revistapegn.globo.com/Mulheres-empendedoras/noticia/2018/09/apos-perder-emprego-aos-60-anos-ela-criou-franquia-de-bolos-com-mais-de-200-lojas.html>

APÊNDICE D– Questionário Final respondido pelos estudantes**Questionário Final**

1) Nome (pseudônimo): _____

2) O que é Educação Financeira para você?

3) A Educação Financeira pode lhe auxiliar no cotidiano? Como?

4) A Educação Financeira pode contribuir com a redução dos altos índices de família endividadas? Como?

5) Quais são as possíveis causas que levam as famílias a se endividarem?

6) Esperava ter aulas de Educação Financeira num pré-vestibular?

7) Os encontros sobre Educação Financeira contribuíram para a sua formação, de algum modo? Se sim, como?

8) Você / sua família tem o hábito de guardar dinheiro? Se sim, como faz para guardar? Se não, justifique porque não guarda?

9) Diante do atual cenário econômico e das discussões sobre a reforma da previdência, como pretende fazer para se aposentar ou conseguir sobreviver quando não tiver mais condições de trabalhar?

APÊNDICE E – Autorização para a pesquisa**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulado **Educação Financeira: Concepções de estudantes de um pré-vestibular social**, conduzida por **Jerlan Manaia de Araújo**. Este estudo tem por objetivo investigar as percepções de estudantes de periferias em relação à Educação Financeira. Mais especificamente, pretendemos entender como os estudantes de periferia compreendem a Educação Financeira e analisar, sob uma perspectiva crítica, se e como eles individualizam a responsabilidade sobre as dificuldades financeiras.

Você foi selecionado(a) por ser estudantes de um pré-vestibular social. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Sua participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder dois questionários abertos que tem por objetivo investigar o perfil socioeconômico e o que você sabe de Educação de Educação Financeira. Além disso, haverá 3 encontros, onde serão discutidos temas relativos a Educação Financeira, com o propósito levar os participantes a refletirem sobre diversas questões sobre a qual a Educação Financeira perpassa, mas que ainda é pouco discutido no ambiente escolar. Durante os encontros haverá registro do áudio para fins de transcrição dos dados. A sua participação trará benefícios para a área de Educação Matemática, possibilitando a elaboração de uma Educação Financeira escolar que atenda às demandas de estudantes de periferias.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação dos indivíduos.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Jerlan Manaia de Araújo, mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua General Manoel Rabelo, s/n - Vila São Luis, Duque de Caxias – RJ, telefone (21) 9967-51918.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Nome do participante: _____

Rio de Janeiro, ____ de Julho de 2019

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE F – Transcrição dos áudios da intervenção

1º Encontro: A teia da economia.

Fala sobre brechó:

- Se eu puder comprar um sapato no brechó, eu compro. Lá eu encontro sapato de 80, 90 reais, que são de boas marcas. Essa economia, eu herdei não sei de quem,

Falas sobre alimentação:

- Eu cheguei a uma fase, em que os alimentos precisam ser mais apurados, já não posso mais comer tudo. Aí tenho que escolher alimentos integrais, que permita manter uma boa alimentação, mas sem gastar muito. Pra viver bem, saudável, acaba sendo mais caro.

- Eu sempre estou comendo bala, eu sempre estou comendo alguma coisa. Se deixar, se eu tiver dinheiro, eu vou comprar açaí. Tem comida em casa, mas aí a gente quer comer na rua, comer besteira.

- Eu gasto muito com doce. Às vezes eu venho, desço e tem uma doceira, aí eu entro. Quando eu compro e chego em casa bate, aí bate um arrependimento. Dá até raiva.

- Eu, quando estou na rua, eu não tenho sede, eu não tenho fome, eu não posso ter vontade de nada. Eu vou onde tenho que ir e volto pra casa com tranquilidade. Quando eu tenho um real no bolso, aí eu ouço R\$1,00, aí eu quero. Quando eu ia para o trabalho de trem e ouvia 3 por R\$1,00, eu levanto a mão sem nem ver o que era. Eu tenho aquela falsa sensação de estar na vantagem, eu posso não querer agora, mas depois eu vou querer, é 3 por R\$1,00 (risos). Mas se eu estivesse na rua, visse um salgado e tiver dinheiro, eu compro.

- Teve um dia que eu comprei no ônibus 5 jujubas por R\$2,00, mas quando cheguei em casa eu chorei tanto. Tipo, meu Deus! Eu gastei R\$2,00, como sou burra, poderia ter inteirado para a minha passagem.

- Eu tenho problema com salgadinho, aqui do lado tem uma lanchonete, que eu passo e tento olha para o outro lado. A gente passa lá e vê duas coxinhas por R\$2,00, aí pensa, é só R\$2,00. Eu gosto muito de fastfood, que tem muitas

promoções legais. Mas o meu problema, principalmente quando estou com dinheiro na mão, é comprar salgadinho, é certo. Parece que eu realizei o sonho do dia. Mas isso traz problema, eu engordo com isso. E o dinheiro acaba fazendo falta para outra coisa mais importante. Você já come chorando, pensando no dinheiro que gastou.

Falas sobre produtos de beleza:

- Assim, pra ser bem sincera, eu costumo gastar mais dinheiro com maquiagem, tipo assim, batom, base, essas coisas. E às vezes, quanto estou em crise de ansiedade, eu costumo comprar um salgado, um refrigerante, mas o que eu mais gosto mesmo é de gastar com maquiagem. Tenho até uma amiga que vende essas coisas, quando a revista chega, eu entro em desespero. Teve uma vez que eu comprei batom, aí na mesma semana eu fui numa loja e comprei mais maquiagem.

- Geralmente eles lançam o mesmo produto, e só mudam a embalagem. Eu sei, porque eu já trabalhei com isso e com o tempo acabei percebendo isso.

- Já fez mistura de batom? Às vezes fazendo mistura de um com outro, você alcança um tom diferente, pra não precisar comprar uma nova cor que só vai usar uma ou duas vezes”.

- Então, eu gastava muito com comida mesmo. Agora eu gasto mais com coisas de mulher mesmo, hidratante perfume. Eu nem espero o que tem lá em casa acabar. E é só isso mesmo, quando a gente não tem muito dinheiro, a gente não tem muito o que falar.

Falas sobre cartão de crédito:

- Eu tenho um cartão de loja. Toda vez que eu vou pagar, acabo vendo um novo produto e essa conta nunca que acaba. Vai só aumentando. Agora eu estou mandando alguém para pagar para mim.

- Meu grande problema é com cartão de crédito, as vezes eu não tenho dinheiro, aí entro numa loja e já penso em passar no cartão. Aí passou no cartão de novo. Aí quando vem a fatura, 30, 20, já se tornou R\$300,00. Outros problema também são as compras online, aí você vê frete grátis e o coração já diz “comprar”!

Fala sobre bala e pipa:

- Eu era bastante consumista com coisas como bala e pipa.

Fala sobre as taxas dos processos seletivos:

Meu problema é o pagamento da taxa dos processos seletivos, porque às vezes a gente não consegue isenção.

2º encontro: O Orçamento doméstico

Salário de Lucia R\$1.200,00

Salário do Rafael R\$1.000,00

Dívida: 24x R\$100,00

Categoria	Antes	Depois
Aluguel	R\$500,00	R\$500,00
Alimentação	R\$450,00	R\$450,00
Luz	R\$150,00	R\$90,00
Água	R\$60,00	R\$60,00
Internet	R\$110,00	R\$60,00
Celular	R\$100,00	R\$40,00
Escola	R\$150,00	---
Transporte	R\$200,00	R\$100,00
Cuidados pessoais	R\$300,00	R\$150,00
Gás	R\$60,00	R\$60,00
Passeios	R\$300,0	R\$50,00
Farmácia	R\$150,00	---
Vestuário	R\$150,00	R\$100,00
Dívida de renegociação		R\$100,00

Total	R\$2.680,00	R\$1760,00
-------	-------------	------------

- Passeio, tira tudo.
- Escola, vai para a escola pública, pode cortar.
- Mesmo a escola estando com um bom preço agora, não dará para manter, porque a mensalidade vai subindo. Uma hora ele terá que sair.
- internet coloca uma mais barata
- R\$60,00 a internet
- Internet, lá em casa a gente paga menos.
- Cuidados pessoais corta tudo!
- Mas dá pra cortar tudo? Será que é possível? (professor)
- Não, diminui, coloca 150,00 para os dois.
- Farmácia corta tudo, porque filhos de pobre não pode ficar doente.
- Mas não há compras que são recorrentes, que precisam ser feitas na farmácia todo mês? (professor)
- Verdade, tem sim, deixa R\$50,00
- Não, deixa R\$100,00, porque são 3 pessoas.
- E vestuário? (professor)
- corta tudo!
- Não, impossível, a criança está crescendo.
- Então coloca R\$50,00
- Em brechó dá para se vestir bem com esse valor.
- Quanto aos transporte, poderia comprar uma bicicleta, que já cortaria um pouco do gasto.

- Quanto ao lazer, precisa ter pelo menos R\$50,00, pois o ser humano precisa de lazer.
- Cuidados pessoais tem como juntar com cuidados pessoais.
- Vestuário coloca zero.
- Não, mas tem criança.
- Farmácia tira e deixa só os cuidados pessoais.
- Celular tem como cortar, não precisa ser isso tudo.
- Minha mãe tem um plano que custa R\$20,00 reais por mês.
- Melhor que o meu, então colocar um plano desse
- Então R\$40,00 para os dois.
- Luz, tem como cortar?
- Totalmente não!
- Calma, tem que ter luz.
- Dependendo de onde morar, às vezes nem paga luz.
- Reduz pra quanto?
- R\$100,00
- R\$90,00
- Luz, lá em casa a gente nem paga.
- E a água?
- Água está barato, mantém.
- Lá em casa a gente nem paga água.
- Sim, a água deixa esse valor mesmo.
- E a alimentação?
- R\$400,00
- Depende do que for comer. Tem criança, que acaba gastando mais.

- R\$400,00 é suficiente
- E o aluguel, será que tem como reduzir? (Professor)
- Só se mudar de casa.
- Será que consegue por menos de R\$500,00 o aluguel?
- consegue, só morar num espaço menor
- Mas e aí, vamos reduzir ou não o aluguel? O que vocês escolhem?
- Não!
- Deixa isso mesmo.
- Só no aluguel já vai metade do salário do homem, coitado.
- Quanto a internet, se eles já pagam celular que tem internet, pra que ter internet em casa?
- É mesmo!
- Não, tem que deixar os dois, porque a do celular acaba rápido
- Deixa a internet em casa e o celular coloca de cartão, que dá pra gastar menos
- Meu celular, tipo, é conta, mas é tudo ilimitado. Eu pago R\$50,00 e é a única internet que eu tenho.
- Ah, eu nunca vi isso.
- Quero um plano desses!
- Mas e aí, dá pra cortar a internet ou não dá? (professor)
- Não, só dá pra reduzir.
- E o transporte? (professor)
- Tem que ter!
- Diminui pra R\$100,00
- Agora deu quanto no total? (Professor)
- R\$1.620,00

- Agora está até sobrando!
- sobrando quanto?
- R\$580,00
- Acho que a gente pesou muito na hora de diminuir, podemos melhorar algumas coisas ,já que temos uma sobra .
- Acho que a gente pesou na alimentação, pode manter em R\$450,00
- Vestuário pode ser R\$100,00
- Colocar também R\$100,00 para passeio
- Ué gente? Assim não vai sobrar nada!
- A gente tem que fazer sobrar, não é pra gastar tudo.
- Muito bem, essa família precisa montar uma reserva de emergência, para que possa ter onde recorrer frente a algum imprevisto que possa vir a ocorrer.
(Professor)
- Pois é, um móvel pode quebrar. A geladeira pifar. O filho ficar doente.
- Então para por aí, não mexe mais em nada não.
- Então vamos somar (Professor)
- Agora o novo orçamento deu
- Está maravilhoso
- Consegue pagar a dívida. O problema é manter isso aí.
- Então vai dar R\$1.760,00 tudo.
- E quanto vai sobrar? (professor)
- Vai sobrar R\$440,00
- E quanto vai dar R\$440,00 ao longo de um ano?
- Fiz a conta aqui, deu R\$5.280,00
- Mas isso aí é só se ele guardar, né?

- Isso! (professor)
- E se eles investissem esse dinheiro, quanto ganhariam por mês com rentabilidade?
- Então vamos calcular!
- Quanto que rende a poupança?
- Alguém sabe responder? (Professor)
- Não.
- A taxa da poupança está em 0,375% ao mês. Isso dá R\$3,75 a cada mil reais.
- Nossa, muito pouco.
- A cada mil?
- Isso! (Professor)
- Nossa!
- Aí da gente querem cobrar um absurdo.
- Fiz a conta aqui, com o valor que eles vão economizar em um ano, dá pra ganhar R\$19,80 por mês.
- E qual o outro investimento que vocês conhecem, além da poupança? (professor)
- Já ouvi falar em títulos públicos.
- E vocês sabem quanto rende um título público do governo? Na próxima aula vou explicar melhor o que é o título público. Existem vários tipos de títulos, o mais apropriado para esse casal, que não tem nenhum investimento, é o Selic, que permite usar o dinheiro num caso de emergência. Nesse caso, a taxa é de 0,6% ao mês, considerando a taxa atual. Quanto daria de rendimento para cada mil reais? (professor)
- R\$6,00
- E no caso de quem tem 5mil na conta, quanto ganharia? (professor)
- R\$30,00.
- Nossa, quanta diferença.

- Mas é tão pouco.
- Não entendo porque que quando a gente atrasa um pagamento temos que pagar um fortuna, aí quando a gente guarda dinheiro, só rende isso aí.
- Os bancos só estão interessados no lucro. Eles ficam ricos assim, por isso que banco nunca quebra.

4º encontro: Ética em Educação Financeira

- A corrupção está presente só na política? (professor)
- Não, no dia a dia
- Em que situações? (professor)
- Dirigir sem habilitação e oferecer suborno ao policial
- Roubo de luz, pra não pagar a conta mais cara
- Sim, quando a pessoa não está pagando, outra pessoa está pagando por ela.
- Tem também o pessoal no transporte público que finge estar dormindo para não oferecer o lugar para um idoso ou uma gestante.
- A corrupção faz a gente pensar também na falta de sensibilidade. Ser corrupto é ser insensível a dor do outro.
- A mesma coisa quando a gente usa softwares que são pagos, mas sem pagar. Como o word, alguns antivírus etc.
- Tem ainda quando você recebe um troco maior e não devolve.
- Uma coisa é você achar o dinheiro perdida na rua, outra coisa é você saber quem é o dono e não querer devolver.
- Ainda essa semana eu fui pegar o ônibus e o motorista me deu 1 real a mais, aí eu devolvi. O motorista ficou até espantado com a minha reação de ter devolvido, porque geralmente as pessoas não devolvem.

- Colocar um terceiro pedaço de carne no restaurante que só pode comer dois, também é outra forma de corrupção.
- Tem ainda o pessoal que tenta isenção da taxa de inscrição do vestibular, tendo condições de pagar.
- Tem ainda o pessoal que entra na faculdade pelas cotas, fraudando, tirando a vaga de quem realmente precisa.
- Outra forma de corrupção é comprar o carro e colocar no nome de alguém que não dirige, só para as multas não vim pra ela e nem perder pontos.
- Meu pai queria fazer isso comigo, mas eu não quis, pois um dia pretendo tirar habilitação, então não vou levar as multas do meu pai nas costas.
- Eu lembro de já ter ouvido meu pai falar que já pagou propina para polícia. Parece que pagou R\$2,00 para um cafezinho e liberaram ele.
- Outra questão, com relação a vendedores ambulantes, é que muitos vendem carga roubada.
- Tem também os vendedores ambulantes que vendem sem ter a licença da prefeitura.
- Eu acho importante também pensar na questão do desemprego, às vezes o sistema faz com que a gente fique fora da lei, é muito complicado isso. Eu acho que corrupção é quando a gente tem consciência de que está roubando de alguém. Eu não acredito que um ambulante seja corrupto, ele está ali sobrevivendo. Sem contar que é muito difícil conseguir uma licença.
- Tem casos e casos.
- Eu trabalho num bairro onde todas as lojas estão fechando, porque o aluguel é muito caro. Se até os empresários não estão aguentando, imagina eu. Eu já trabalhei como ambulante. Se eu ficar desempregado, com certeza voltarei para essa informalidade. Eu não quero é morrer de fome! Está na Constituição que todo brasileiro precisa ter dignidade de acesso a moradia e alimentação. Se eu não tenho trabalho, eu não tenho nada disso. Outro problema é que a gente ainda tem que pagar dinheiro para o polícia, para poder continuar lá trabalhando de forma ilegal. Quando eu arrumei um emprego formal, soube que um mês depois prenderam todo

mundo, porque não estavam dando o dinheiro que eles queriam. Eu quase fui preso, se tivesse continuado lá. Somos tratados como criminosos.

- Tem ainda a corrupção na política, né.
- Mas a população também é.
- Acho que a políticos são reflexo do povo.
- Muita gente, se virasse político e visse o dinheiro correndo para todo lado, iria acabar se corrompendo também.
- A gente tem que criticar, mas também refletir sobre isso, sobre as nossas ações.
- Se eu fosse rico, ia querer reservar até as melhores mesas do restaurante, pra ficar num lugar melhor. Isso acontece muito. A gente só não faz isso porque não tem dinheiro. Eu mesmo, já paguei ao garçom para ficar numa mesa melhor num open bar, pra ficar perto da comida.
- Tem também em curso, quando um assina a lista de presença pelo amigo que faltou.
- Tem também os grupos de cola, que o pessoal ia no banheiro para compartilhar as respostas.
- Eu sabia colar muito bem.
- O pior, que a gente mais sabe, é com policial.
- Pois é, e atacam principalmente nós, que somos negros e pobres. Ainda tem a questão de colocarem drogas em nossos bolsos para nos incriminar, é algo muito pesado... Muita gente até evita sair de noite, por causa dessas coisas.
- Eu já soube do caso de uma vice diretora de escola que descobriu que a diretora estava superfaturando a merenda, pra poder ficar com o dinheiro.
- Outra coisa é ir ao médico só para pegar atestado, pra não ir trabalhar, mesmo estando bem.

O que leva uma pessoa a ser corrupta?

- Isso é muito complicado, porque existem diversos tipos de motivações. Pra uma pessoa pobre, o que leva a ser corrupta é a necessidade. Ou vai roubar ou vai

morrer de fome. Ou vou roubar, ou os filhos vão morrer. Mas se for uma pessoa rica, é mais ambição. E quanto mais eu tenho, mais eu quero. E aí rouba!

- Eu acho que no fundo todo mundo é um pouco ambicioso.
- Tem também a pessoa que começa um negócio de forma irregular, aí depois que cresce não quer regularizar pra não diminuir o lucro.
- Tem um amiga minha que mora num lugar que é comandado por facção, que a internet não entra lá. Aí os próprios traficantes estão cobrando 100 reais por apenas 5 megas, o que é muito caro. É igual milicianos, eles estão extorquindo os próprios moradores, os próprios miseráveis.
- O consumismo faz com que as pessoas se tornem corruptas, a mídia também. As pessoas querem comprar os produtos e fazem o que for possível para ter.

5º Encontro: Empreendedorismo

- Tem muita gente que tem medo, por causa do risco, porque é muito difícil.
- Mas se você comprar uma água de 50 centavos e vender por 2 reais, você está empreendendo também.
- Só é difícil para o pobre se regularizar
- Tem também o MEI, que só paga 50 reais por mês para se legalizar.
- O grande problema é em relação a licença necessária conseguir trabalhar, sem correr o risco de ter a mercadoria apreendida ou até ir preso.
- Lembrei daquele cachorro quente que tem na praça, que começou numa barraca pequena e agora se expandiu, já tem até loja.
- Só em ver que conseguiu uma loja, já é uma evolução, porque aluguel lá é caro.
- E chega um momento que a gente nem consegue emprego, por causa da idade. Vai ficando cada vez mais difícil.
- E o bom de empreender é que você não está trabalhando para alguém, está trabalhando para você mesmo.
- A pessoa pode vender também alguma coisa que sabe fazer.

- Sim, tem uma aluna aqui da sala que vende palha italiana, pra ajudar nas despesas, pagamento das passagens etc.
- É uma forma de gerar renda.
- E tem gente que gosta de guardar dinheiro em poupança, mas se a pessoa fizer esse dinheiro girar, ganha muito mais. É só comprar alguma coisa e vender. A poupança não dá praticamente nada. Eu mesmo, já paguei 3 vezes o meu aluguel só vendendo carregador portátil. Quando a menina falou que ia liberar a casa para eu alugar, comprei vários carregadores portáteis e saí por aí vendendo. Com o lucro, pude pagar os 3 meses de aluguel de uma vez só.
- Mas precisa ter muita lábia, né. Vender é complicado.
- O Maior risco é de comprar o produto e não conseguir vender, mas produtos eletrônicos é algo que vende muito rápido. É tiro certo!
- É só importar da China e revender. Não tem segredo. Até as grandes empresas fazem a mesma coisa.
- O problema é como conseguir se aposentar um dia assim. Ainda mais que a gente ganha o dinheiro e acaba não guardando nada, pois como já discutimos, nós somos estimulados a consumir o tempo todo, como isso a gente acaba comprando coisas sem necessidade.
- Como é difícil pra gente guardar dinheiro, só nos resta guardar um pouco, tipo R\$100,00. Depois, fazer o dinheiro girar, fazendo esses R\$100,00 virarem R\$300,00, R\$400,00. Essa que é a questão. Se comprar R\$100,00 de água por R\$0,50 cada garrafa e vender por R\$2,00 reais cada uma, já são R\$400,00. Não tem nenhum investimento com uma rentabilidade tão alta.
- O problema é que a gente até ganha o dinheiro, mas acaba gastando com outra coisa, ao invés de economizar.
- Outra coisa que chama atenção agora nesse fim de ano é o povo tudo gastando o dinheiro do 13º. Aí a galera se junta e aluga casa de praia para o réveillon e carnaval. Sem contar que é muito caro, mesmo dividindo. O pessoal já está pensando em gastar o dinheiro que nem recebeu ainda, ao invés de pagar as dívidas.

- Teve um amigo que foi para Ilha Grande, que é pobre, mas alugou um câmara por R\$250,00 reais, só pra tirar boas fotos debaixo da água. Ele poderia ter comprando uma capa à prova de agua e usar a câmara do celular.
- Pior é no início de mês, que o pessoal da empresa acaba de receber e vai comemorar bebendo. Chegam na festa e já dividem uma bebida de R\$200,00, só para impressionar. Nem meu chefe joga dinheiro fora desse jeito.
- A gente passa tanto tempo atolado com tantas coisas, preocupados com trabalho, entrar na faculdade e conseguir sobreviver, que a gente acaba nem parando para pensar sobre essas coisas que estamos conversando. Somos bombardeados com tanta informação, que mal dá tempo da gente pensar. A gente se preocupa só com o agora, esquecendo que um dia vamos ficar velhos.
- Eu tenho 21 anos, mas ninguém fala essas coisas com a gente. Meus pais e meus tios só perguntam: Vai casar quando? Vai ter filho quando? Ninguém nos pergunta: Você já pensou em se aposentar? Como é que vai ser sua vida no futuro?
- Outro problema é a valorização dos profissionais. Meu pai trabalha como pedreiro, e as pessoas estão preocupados apenas com o valor e não com a qualidade.
- Eu mesmo, tenho um carro de som, que demorei 10 anos para comprar. Aí quando vou dar o preço para algum serviço, acham caro. Pra ganhar pouco demais, nem vale a pena, porque não tenho seguro, então ainda corro o risco de ser roubado e perder algo que lutei tanto para comprar.